

Por Que
Quatro
Evangelhos?

A. W. Pink

Tradução
Helio Kirchheim

Índice

Prefácio	3
Introdução	6
1. O Evangelho de Mateus	14
2. O Evangelho de Marcos	29
3. O Evangelho de Lucas	42
4. O Evangelho de João	63
Conclusão	82

Prefácio

Já faz mais de doze anos que, pela primeira vez, lemos o livro de Andrew Jukes sobre os Evangelhos, livro em que ele tão habilmente descreve os diferentes títulos que os quatro evangelistas, separadamente, atribuem ao Senhor Jesus Cristo. Desde então temos continuado, com crescente prazer, a anotar cuidadosamente as várias características peculiares a cada Evangelho.

Temos tido o privilégio de fazer uma série de estudos bíblicos sobre o propósito e o alvo dos Evangelhos, a diversos grupos, tanto na Inglaterra como neste país, e foram muitos os pedidos que nos fizeram para colocar esses estudos em forma de livro. Até hoje, hesitamos em atender a esses pedidos porque Jukes, cinquenta anos atrás, lidou com esse assunto com muito maior habilidade do que nós poderíamos sequer desejar. Desde a época dele, vários outros escreveram sobre esse tema, mas não com a mesma clareza nem conseguiram produzir material tão útil como o dele. Na verdade, Jukes explorou o assunto tão completamente (pelo menos em sua essência) que, para qualquer outro escritor que queira apresentar uma visão panorâmica dos quatro Evangelhos será quase impossível fazê-lo sem repisar muito do terreno coberto pelo escritor original, acabando por repetir aquilo que ele, pela graça de Deus, expôs com tanta propriedade. É somente porque o trabalho de Jukes é desconhecido de muitos que esperamos alcançar, que nos atrevemos agora a apresentar ao público cristão estes estudos. Empenhamo-nos diligentemente na preparação deste trabalho, procurando assimilar cuidadosamente aquilo que primeiro recebemos do autor acima mencionado, acrescentando, ao mesmo tempo, nossas próprias descobertas.

Ao lançar este pequeno livro, muito do qual obtivemos de trabalho alheio, lembramo-nos das palavras do Apóstolo Paulo a Timóteo, seu filho na fé: “E o que *de minha parte ouviste* através de muitas testemunhas, *isso mesmo transmite* a homens fiéis” (2 Tm 2.2). E também: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo *de quem o aprendeste*” (2 Tm 3.14).

Estamos plenamente convictos de que há muita coisa nos quatro Evangelhos que manifesta as virtudes divinas, e a beleza peculiar a cada Pessoa da Trindade, as quais ainda não foram descobertas por aqueles que têm explorado as suas insondáveis profundezas. Sabemos que temos aqui um campo enorme para investigação diligente, e que aqueles que perseverarem nesse estudo em oração, por si mesmos, terão ricamente recompensados os seus esforços. Que Deus levante um crescente número de pessoas do Seu povo para “examinar” esta porção da Sua

santa Palavra, a qual revela, como nenhuma outra, as maravilhosas virtudes do Seu bendito Filho, as quais Ele revelou de maneira tão marcante durante os anos em que “tabernaculou”¹ entre os homens.

Arthur W. Pink
Swengel, Pa. 1921



¹ *Tabernacular*, i.e., “montar, por breve tempo, o tabernáculo, a tenda” é um neologismo criado para expressar o fato de que Cristo veio habitar brevemente este mundo, sem fixar residência. A versão Revista e Atualizada traduz a idéia com a palavra “habitou”, em João 1.14. A intenção do Autor — dar ênfase à brevidade e transitoriedade dessa habitação do Filho de Deus entre os homens — justifica a criação da palavra.

OBSERVAÇÕES DO TRADUTOR

1ª) A versão bíblica padrão usada é a Revista e Atualizada (RA). As versões alternativas são identificadas em nota de rodapé. As

siglas usadas para as versões são as seguintes:

RA — Revista e Atualizada (Sociedade Bíblica do Brasil)

RC — Revista e Corrigida (Sociedade Bíblica do Brasil)

SécXXI — Almeida Século XXI (Edições Vida Nova — Brasil)

TEB — Tradução Ecumênica da Bíblia (Edições Loyola — Brasil)

SBTB — Edição Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original (Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil)

CAP — Nova Bíblia dos Capuchinhos (Difusora Bíblica — Portugal)

BRA — Tradução Brasileira (Sociedade Bíblica do Brasil)

O leitor perceberá que alternamos com frequência a versão bíblica na citação dos textos da Bíblia. Fazemos isso a contragosto, uma vez que parece estarmos “adaptando” o texto à variação do pensamento do Autor do livro, mas isso é só aparente. O que de fato acontece é que o Autor, o irmão A.W.Pink, usou apenas **uma** tradução — a King James — que não tem equivalente exato em nossa língua. Daí a razão de fazermos uso das outras versões, procurando ser o mais possível fiéis ao original inglês.

2ª) As notas de rodapé do próprio Autor do livro estão devidamente identificadas; as demais foram feitas pelo tradutor.

Introdução

Por que quatro Evangelhos? É estranho que tenhamos de fazer essa pergunta depois de tanto tempo de existência dos Evangelhos. O Novo Testamento já está nas mãos do povo do Senhor por quase dois mil anos e, contudo, há proporcionalmente poucos que captaram a natureza e o propósito dos seus quatro primeiros livros. Nenhuma outra parte das Escrituras tem sido tão amplamente estudada como os quatro Evangelhos. Já se pregaram inumeráveis sermões sobre eles, e a cada dois ou três anos alguma seção dos Evangelhos é designada como tema das Escolas Dominicais. Contudo, permanece o fato de que o propósito peculiar e a natureza de Mateus, Marcos, Lucas e João raramente são percebidos até mesmo por aqueles que mais estão familiarizados com o seu conteúdo.

Por que quatro Evangelhos? Parece que não são muitos que se fizeram essa pergunta. O fato de que temos quatro Evangelhos que tratam do ministério terreno de Cristo é universalmente aceito, mas tanto a questão *por que* os temos, como também *o que* cada um deles em particular pretende ensinar, e também as suas características peculiares, e as suas belezas distintas — isso é pouco entendido e menos ainda valorizado. É verdade que cada um dos quatro Evangelhos tem muita coisa em comum com os outros: cada um deles trata do mesmo período da História, cada um apresenta os ensinamentos e os milagres do Salvador, cada um descreve a Sua morte e ressurreição. Mas ao mesmo tempo que os quatro Evangelistas têm muito em comum, cada um tem muita coisa peculiar, diferente dos demais, e é quando observamos as suas *diferenças* que chegamos a ver o seu real significado e propósito, e conseguimos apreciar a sua perfeição.

Uma leitura cuidadosa do início ao fim dos quatro Evangelhos logo deixará evidente a qualquer mente reflexiva que em nenhum deles, nem mesmo no conjunto dos quatro, encontramos alguma coisa que de longe se assemelhe a *uma biografia completa* do ministério terreno de nosso Salvador. Há grandes lacunas em Sua vida que nenhum dos Evangelistas tem a intenção de preencher. Depois de registrarem a Sua infância, nada mais se diz sobre Ele até que chegou à idade de doze anos. Nessa altura, Lucas faz um breve relato de Cristo como garoto no Templo em Jerusalém, seguido da declaração que Seus pais voltaram a Nazaré e que Ele “era-lhes submisso” (Lucas 2). Além disso, nada mais nos é dito a respeito dEle até que atingiu os trinta anos. Mesmo quando começa Seu ministério público, fica evidente que os registros são fragmentários, os Evangelistas selecionaram apenas algumas porções dos Seus ensinamentos e descreveram com detalhe apenas alguns dos Seus milagres. Com respeito ao registro de tudo o

que foi a Sua maravilhosa vida, João nos dá uma idéia quando diz: “Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (João 21.25).

Se os Evangelhos, então, não são biografias completas de Cristo, o que são eles? A primeira resposta tem de ser: São quatro livros inspirados — plenamente inspirados — por Deus; quatro livros escritos por homens movidos pelo Espírito Santo, livros que são verdadeiros, sem falhas, perfeitos. A segunda resposta é que os quatro Evangelhos são livros distintos, cada um completo em si mesmo, cada um deles escrito com propósito especial, e aquilo que foi incluído em suas páginas, e tudo o que delas foi omitido, está rigorosamente subordinado a esse propósito, de acordo com o princípio da seleção. Noutras palavras, não há nada, seja o que for, que tenha sido incluído em qualquer dos Evangelhos salvo aquilo que era rigorosamente relevante e pertinente ao seu tema e assunto peculiares, e tudo aquilo que era irrelevante e deixava de esclarecer e exemplificar o seu tema foi deixado de fora. Esse mesmo plano de seleção pode-se observar em toda e qualquer seção das Sagradas Escrituras.

Pegue Gênesis como exemplo. Por que razão temos os primeiros dois mil anos de história resumidamente esboçados nos seus onze primeiros capítulos, e os próximos trezentos anos se estendem por trinta e nove capítulos? Por que razão se diz tão pouco a respeito do homem que viveu *antes* do dilúvio, enquanto a vida de Abraão e Isaque, Jacó e José é descrita com tanta riqueza de detalhes? Por que razão o Espírito Santo julgou por bem descrever com tantos detalhes as experiências de José no Egito em contraste com a descrição da Criação? Considere, também, os outros livros históricos. São-nos fornecidos muitos detalhes a respeito das variadas experiências dos descendentes de Abraão, mas muito pouco nos é dito a respeito das grandes nações que eram contemporâneas deles. Por que razão a *história de Israel* é descrita com tantos detalhes, e a história dos egípcios, dos hititas, dos babilônios, dos persas e dos gregos praticamente é desconsiderada? A resposta a todas essas perguntas é que o Espírito Santo *selecionou* apenas aquilo que servia ao Seu propósito. O *propósito* de Gênesis é explicar-nos a origem daquela nação que ocupa um lugar proeminente nas Escrituras do Antigo Testamento. Dessa forma, o Espírito Santo se apressa, por assim dizer, nos séculos que precedem o nascimento de *Abraão*, e então prossegue descrevendo em detalhe a vida dos pais que deram origem à Nação escolhida. O mesmo princípio prevalece nos outros livros do Antigo Testamento. Pelo fato de o Espírito Santo estar expondo o relacionamento de Deus *com Israel*, as outras grandes nações da antiguidade são basicamente desconsideradas, e só são mencionadas *quando diretamente se relacionam* com o povo das Doze Tribos.

Por que quatro Evangelhos? Porque um ou dois seriam insuficientes para apresentar com perfeição as variadas glórias de nosso bendito Senhor. Exatamente da mesma forma que nenhuma das personagens típicas do Antigo Testamento (como Isaque, ou José, Moisés ou Davi) dão uma visão exaustiva de nosso Senhor, assim também nenhum dos quatro Evangelhos apresenta uma pintura completa das multiformes excelências de Cristo. Da mesma forma que apenas uma ou duas das cinco grandes ofertas indicadas por Deus a Israel (veja Levítico 1-6) não podiam, por si mesmas, representar o multifacetado sacrifício de Cristo, assim apenas um ou dois dos Evangelhos não conseguem, por si mesmos, revelar plenamente os variados relacionamentos sustentados quando Ele estava aqui nesta terra. Resumindo, *os quatro Evangelhos nos apresentam Cristo como Aquele que desempenha quatro ofícios distintos.*

Podemos ilustrá-lo da seguinte forma. Suponha que eu visite uma cidade desconhecida, na qual houvesse uma imponente prefeitura, e que eu estivesse desejoso de transmitir a meus amigos de casa a melhor das idéias sobre ela. O que eu deveria fazer? Eu usaria minha máquina fotográfica para tirar quatro diferentes fotos dela, uma de cada lado, e assim meus amigos seriam capazes de formar uma idéia geral da estrutura e da beleza do edifício. Pois é exatamente isso o que acontece com os quatro Evangelhos. Podemos dizer, com reverência, que o Espírito Santo fotografou o Senhor Jesus de quatro diferentes ângulos, focando-O em quatro diferentes relacionamentos, mostrando como Ele desempenha perfeitamente as responsabilidades dos quatro diferentes ofícios. E é impossível ler os Evangelhos de forma inteligente, é impossível entender as suas diferenças, e apreciar os seus detalhes, é impossível extrair deles aquilo que devemos, até que o leitor aprenda exatamente de que ângulo cada Evangelho separadamente está focando a Cristo, ou seja, qual é o relacionamento específico que Mateus ou Marcos mostram que Ele está cumprindo, qual ofício Lucas ou João mostram que Ele está desempenhando.

Os quatro Evangelhos igualmente nos apresentam a pessoa e a obra de nosso bendito Salvador, mas cada um O contempla nalgum relacionamento distinto, e cada Evangelista concede espaço em seu Evangelho apenas àquelas coisas que servem para esclarecer o projeto específico que ele tem em mente; tudo o mais, que não é rigorosamente apropriado a seu propósito específico, é omitido. Usarei outra ilustração, para tentar fazer isso mais claro e simples. Suponhamos que quatro homens se proponham a escrever uma biografia do ex-presidente norte-americano Roosevelt, e que cada um se proponha a apresentá-lo de forma *diferente*. O primeiro trataria da sua *vida pessoal*, o segundo o retrataria como um *desportista e caçador de animais de grande porte*, o terceiro descreveria as suas *proezas militares*, e o quarto traçaria sua *carreira política e presidencial*. É evidente que essas quatro biografias, embora sejam a descrição da vida de um *mesmo* homem, apresentam-no, contudo, em quatro relações completamente distintas. Além disso, fica evidente que esses biógrafos serão bem seletivos quanto ao material que haverão de usar, guiados pelo propósito específico que cada um tem diante de si: cada um haverá de incluir apenas aquilo que for apropriado a seu próprio ponto de vista, e por essa mesma razão haverá de omitir tudo o que for irrelevante. Por exemplo, suponha que se saiba que Roosevelt, quando menino, se distinguiu como ginasta e atleta — *qual* dos seus biógrafos irá mencionar o fato? Evidentemente o segundo, que o está apresentando como *desportista*. Suponha que, na infância, Roosevelt tivesse se envolvido em lutas de boxe; qual dos biógrafos haveria de mencionar isso? Evidentemente, aquele que está descrevendo a sua *carreira militar*, porque isso ajuda a ilustrar a sua capacidade de *lutar*. Mais um caso: suponha que Roosevelt, quando estudante colegial, tivesse apresentado aptidão para debates, qual biógrafo haveria de se referir a isso? O quarto, que está tratando da sua *vida política e presidencial*. Finalmente, suponha que, desde a mocidade, Roosevelt tenha sempre evidenciado ternura para com crianças, qual dos seus biógrafos teria interesse em referir-se a isso? O primeiro, já que ele está tratando da vida pessoal do presidente.

O exemplo acima deve servir para ilustrar o que acontece nos quatro Evangelhos. Em Mateus, Cristo é apresentado como o Filho de Davi, o Rei dos judeus, e tudo em suas narrativas gira em torno dessa verdade. Isso explica porque o primeiro Evangelho começa com a apresentação da genealogia *real* de Cristo, e porque no segundo capítulo se faz menção da

viagem dos sábios do Oriente, que chegaram a Jerusalém perguntando “Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?”, e porque nos capítulos cinco, seis e sete temos aquilo que é conhecido como “O Sermão do Monte” mas que é, na realidade, o Manifesto do Rei, contendo uma enunciação das leis do Seu reino.

Em Marcos, temos a figura de Cristo como o Servo de Jeová, Aquele que, embora fosse igual a Deus, Se humilhou e “assumiu a forma de servo”. Tudo neste segundo Evangelho contribui com esse tema central, e tudo aquilo que é estranho ao tema é terminantemente excluído. Isso explica por que não há genealogia em Marcos, por que Cristo é apresentado já no começo do Seu ministério público (não se diz absolutamente nada de Sua vida pregressa), e por que há mais milagres (obras de serviço) detalhados aqui do que em qualquer outro dos Evangelhos.

Em Lucas, Cristo é apresentado como o Filho do Homem, aparentado com os filhos dos homens, mas distinto deles; e tudo na narrativa ajuda a evidenciar esse fato. Isso esclarece a razão por que o terceiro Evangelho aponta a Sua genealogia até Adão, o primeiro homem (em vez de restringir-se a Abraão, como faz Mateus); por que razão Ele, como o Homem perfeito que é, tantas vezes é visto aqui em oração, e por que se vêem os anjos ministrando a Ele, em vez de receberem ordens dEle, como vemos em Mateus.

Em João, Cristo é revelado como o Filho de Deus, e tudo neste quarto Evangelho se presta a esclarecer e a demonstrar esse relacionamento divino. Isso explica por que no primeiro versículo somos conduzidos à ocasião antes que existisse o tempo, e nos é mostrado Cristo como a Palavra “no princípio”, com Deus, e se declara expressamente que Ele é Deus; por que encontramos aqui tantos dos Seus títulos divinos, como “O Unigênito do Pai”, o “Cordeiro de Deus”, a “Luz do mundo” etc.; por que nos é dito aqui que a oração deve ser feita em nome dEle, e por que se diz que o Espírito Santo será enviado tanto pelo Filho como pelo Pai.

É digno de nota que há indícios dessa quádrupla apresentação de Cristo pelos Evangelhos nos profetas do Antigo Testamento. De forma distinta, entre as inúmeras profecias do Antigo Testamento, estão aquelas que, ao falar do Messias que está para vir, usam o título “o Renovo”. Desses nós vamos selecionar quatro que correspondem com exatidão à forma pela qual o Senhor Jesus é visto em cada um dos quatro Evangelhos:

Em Jeremias 23.5, lemos: “Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi *um Renovo justo; e, rei que é, reinará*, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra”. Estas palavras se ajustam como uma luva ao primeiro Evangelho.

Em Zacarias 3.8, lemos: “eis que eu farei vir o *meu servo, o Renovo*”. Estas palavras bem que poderiam servir de título ao segundo Evangelho.

Em Zacarias 6.12, lemos: “Eis aqui o *homem cujo nome é Renovo*”. Não é nem preciso explicar como isto corresponde perfeitamente à descrição que Lucas faz de Cristo.

Em Isaías 4.2, lemos: “Naquele dia, o *Renovo do SENHOR* será de beleza e de glória”. Dessa forma, esta última citação dessas predições Messiânicas, que falam dAquele que há de vir como “o Renovo”, corresponde com perfeição ao quarto Evangelho, que retrata nosso Salvador como o Filho de Deus.

Mas não é somente a profecia do Antigo Testamento que antecipa as quatro relações que Cristo sustém na terra; os tipos do Antigo Testamento também preanunciam essa quádrupla divisão. Em Gênesis 2.10, lemos: “E saía um rio do Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços”. Repare com cuidado as palavras “dali”. No Éden mesmo “o rio” era uno, mas “dali” “se *dividia*” e se tornava em quatro braços. Deve haver algum significado mais profundo oculto aqui, pois por que razão dizer quantos braços tem o rio? O mero fato histórico não nos interessa, nem tem valor para nós; e a razão por que o Espírito Santo fez questão de registrar esse detalhe nos induz a olhar além da superfície e procurar algum significado não evidente. E não precisamos andar muito longe para encontrá-lo. O “Éden” nos sugere o Paraíso anteriormente citado em Gênesis: o “rio” que o “regava” nos fala de *Cristo*, que é a Luz e a Alegria do Céu. Quando interpretamos essas figuras místicas, então, aprendemos que no Céu Cristo é visto com um caráter apenas — “O Senhor da Glória” — mas no ponto exato em que o “rio” sai do Éden ele é repartido e se torna “quatro braços” e dessa forma rega a terra, e assim também o ministério terreno do Senhor Jesus foi, pelo Espírito Santo, “*repartido em quatro braços*” nos quatro Evangelhos.

Um outro tipo do Antigo Testamento que antecipa a quádrupla divisão do ministério de Cristo conforme está registrada nos quatro Evangelhos pode ser vista em Êxodo 26.31,32: “Farás também um véu de estofa azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino retorcido; com querubins, o farás de obra de artista. Suspendê-lo-ás sobre quatro colunas de madeira de acácia, cobertas de ouro; os seus colchetes serão de ouro, sobre quatro bases de prata”. Em Hebreus 10.19,20, aprendemos que o “véu” prenunciava a Encarnação, Deus manifesto em carne — “pelo véu, isto é, pela *sua carne*”. É muito significativo que esse “véu” estivesse suspenso sobre “quatro colunas de madeira de acácia, cobertas de ouro”; a madeira fala, novamente, da Sua humanidade, e o ouro da Sua Divindade. Da mesma forma que essas “quatro colunas” tinham a função de mostrar o maravilhoso véu, assim também nos quatro Evangelhos nós vemos a manifestação das virtudes do Unigênito do Pai “tabernaculando” entre os homens.

Ainda em relação ao texto citado acima, podemos observar mais uma coisa — “com querubins, o farás”. Aparentemente, o véu estava ornamentado com o “querubim” bordado nele nas cores azul, púrpura e carmesim. Em Ezequiel 10.15,17ss., os querubins são chamados “seres viventes”: isso nos permite provar a identidade dos “quatro animais”² de Apocalipse 4.6, pois o texto grego diz, literalmente, “quatro seres viventes”³. Esses “seres viventes” ou “querubins” também são em número de quatro, e, da descrição que deles se faz em Apocalipse 4.7, descobre-se que eles correspondem de forma notável aos diferentes caracteres com que o Senhor Jesus Cristo é apresentado em Mateus, Marcos, Lucas e João.

“O primeiro ser vivente é semelhante a leão, o segundo, semelhante a novilho, o terceiro tem o rosto como de homem, e o quarto ser vivente é semelhante à águia quando está voando” (Apocalipse 4.7). O primeiro querubim, então, é semelhante “a leão”, o que nos lembra de imediato dos nomes usados para Cristo em Apocalipse 5.5: “*o Leão* da tribo de Judá, a Raiz de Davi”. O leão, que é o rei entre os animais é um símbolo bem próprio para retratar Cristo da

² Versão RC.

³ Essa dificuldade já foi eliminada na versão Revista e Atualizada, que diz “seres viventes”. Até mesmo na Revista e Corrigida (equivalente à King James que o Autor usa) os revisores já acrescentam nota de rodapé, dizendo que, no grego, o termo usado é “criaturas viventes”.

forma que Ele é apresentado no Evangelho de Mateus. Repare também que o Leão da tribo de Judá é aqui chamado “a Raiz de Davi”. Dessa forma, a descrição feita aqui em Apocalipse 4.7 do primeiro “querubim” corresponde com exatidão ao caráter em que Cristo é apresentado no primeiro Evangelho, ou seja, como “o Filho de Davi”, o “Rei dos judeus”. O segundo querubim era “semelhante a novilha” ou “bezerro”. O bezerro simboliza, com muita propriedade, Cristo da forma que Ele é apresentado no Evangelho de Marcos, porque, da mesma forma que o boi era o principal animal usado para o serviço em Israel, assim no segundo Evangelho temos Cristo apresentado humildemente como o perfeito “Servo de Jeová”. O terceiro querubim “tem o rosto como de homem”, o que corresponde ao terceiro Evangelho, onde a humanidade de nosso Senhor está em evidência. O quarto querubim “é semelhante à águia quando está voando”: como isso é significativo! Os três primeiros — o leão, o novilha, e o homem — pertencem todos à terra, exatamente como cada um dos três primeiros Evangelhos apresentam Cristo em Seus relacionamentos terrenos. Mas este quarto querubim se eleva acima da terra, e traz a perspectiva dos céus! A águia é a ave que voa mais alto e simboliza o caráter com que Cristo é visto no Evangelho de João, isto é, como o Filho de Deus. Em consequência disso tudo, podemos verificar como essa descrição dos quatro querubins em Apocalipse 4.7 *autentica a ordem* dos quatro Evangelhos como nós os temos na Bíblia, provando o fato de que a ordem em que atualmente se encontram é providência de Deus — fato *confirmado* por Apocalipse 4.7!

Gostaríamos de chamar sua atenção a outro fato antes de encerrar esta Introdução e passar a considerar os Evangelhos. Veja a sabedoria de Deus ao selecionar os quatro homens que Ele usou para escrever os Evangelhos. Em cada um deles podemos discernir uma peculiar adequação e aptidão para essa tarefa.

O instrumento selecionado por Deus para escrever o primeiro Evangelho foi preparado de forma singular muito antes de executar a tarefa. Mateus é o único dos quatro Evangelistas que apresenta Cristo numa relação oficial, pública, ou seja, como o Messias e Rei de Israel, e Mateus era, ele mesmo, o único dos quatro que ocupava uma posição pública; ele, diferentemente de Lucas, que era médico, ou João que era pescador, era um coletor de impostos a serviço dos romanos. Além disso, Mateus apresenta Cristo em conexão com o reino, como Aquele que tem o atributo de reinar sobre Israel. Quão apropriado, então, que Mateus — empregado de um vasto império, acostumado a ver tudo dessa ótica, fosse o escolhido para essa tarefa. Ademais, Mateus era um publicano. Os romanos nomeavam funcionários públicos para a tarefa de coletar impostos dos judeus. Os coletores de impostos eram odiados pelos judeus mais do que os próprios romanos. Mateus era um desses. Quão compreensivelmente podia ele, então, escrever a respeito dAquele que foi “odiado sem causa”! e apresentar o Messias Salvador como “desprezado e rejeitado” por Sua própria nação. Finalmente, quando Deus nomeou este homem que, por chamado estava ligado aos romanos, temos uma evidente antecipação da graça de Deus, que estende a mão aos gentios desprezados.

O Evangelho de Marcos nos apresenta o Servo de Jeová, o perfeito trabalhador de Deus. E o instrumento escolhido para escrever este segundo Evangelho parece ter tido uma posição única que o habilitou para sua tarefa. Ele não era um dos apóstolos, mas era servo de um dos apóstolos. Em 2 Timóteo 4.11, encontramos um texto que revela isso de forma clara: “Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério”. Dessa forma, aquele que escreveu a

respeito de nosso Senhor como o Servo de Deus era, ele mesmo, alguém que ministrava aos outros!

O Evangelho de Lucas trata da humanidade de nosso Senhor, e O apresenta como o Filho do Homem — relacionado com os filhos dos homens, mas diferenciado deles. O Evangelho de Lucas é aquele que nos dá o mais completo e detalhado relato do nascimento virginal. O Evangelho de Lucas também revela mais plenamente do que qualquer dos outros o estado caído e depravado da natureza humana. Além disso, o Evangelho de Lucas é muito mais internacional em seu propósito do que os outros três, e é mais gentio do que judeu — temos evidências disso quando começamos a examinar esse Evangelho em detalhe. Veja, agora, quão própria foi a escolha de Lucas para escrever este Evangelho. Quem era ele? Ele não era nem pescador nem coletor de impostos; era “médico” (veja Colossenses 4.14), e como tal era um estudante da natureza humana e conhecedor da constituição humana. Além disso, há boas razões para crer que Lucas não era judeu, e, sim, gentio, sendo por isso particularmente apropriado que apresentasse Cristo não como “o Filho de Davi”, mas como “o Filho do Homem”.

O Evangelho de João apresenta Cristo no mais sublime caráter de todos, revelando-O em Seu relacionamento divino, mostrando que Ele era o Filho de Deus. Essa tarefa requeria um homem de profunda espiritualidade, alguém que se relacionasse intimamente com nosso Senhor, de forma especial, alguém agraciado com incomum discernimento espiritual. E certamente João, que estava mais perto do Salvador do que qualquer outro dos doze, com certeza João, “o discípulo a quem Jesus amava”, foi muito bem escolhido. Quão apropriado que aquele que se inclinou no peito de Jesus fosse o instrumento para retratar Cristo como o “O Filho unigênito, que está no seio do Pai”⁴! Dessa forma, vemos e admiramos a multiforme sabedoria de Deus em equipar os quatro “Evangelistas” para o seu honroso trabalho.

Antes de concluir esta Introdução, gostaríamos de voltar mais uma vez à nossa questão inicial: Por que quatro Evangelhos? Desta vez, devemos dar ênfase diferente a essa pergunta. Até aqui, consideramos “Por que quatro Evangelhos?” e vimos que a resposta é: Para apresentar a pessoa de Cristo sob quatro aspectos diferentes. Mas agora nossa pergunta é: Por que quatro Evangelhos? Por que não reduzi-los a dois ou três? Ou, por que não adicionar um quinto Evangelho? Por que quatro? Deus tem uma sábia razão para tudo, e convém que nos asseguremos de que é determinação de Deus o número de Evangelhos que temos.

Ao procurar responder a pergunta “Por que quatro Evangelhos?”, não somos deixados à mercê das incertezas da imaginação e das especulações. A Escritura é sua própria intérprete. Um estudo da Palavra de Deus revela o fato (que outros antes de nós já demonstraram), que os números na Bíblia são usados com absoluta precisão e significado. Quatro é o número do mundo. Como observação final, vão aqui algumas ilustrações do fato. Há quatro pontos cardeais — norte, sul, leste e oeste. Há quatro estações do ano — primavera, verão, outono e inverno. Há quatro elementos relacionados com nosso mundo — terra, ar, fogo e água. Houve quatro, e apenas quatro, grandes impérios mundiais — o babilônico, o medo-persa, o grego, e o romano. As Escrituras dividem os habitantes em quatro classes — “tribo, língua, povo e nação” (Apocalipse 5.9). Na parábola do semeador, nosso Senhor dividiu o campo em quatro tipos de solo, e depois explicou: “o campo é o mundo”. O quarto mandamento diz respeito ao

⁴ João 1.18, Versão RC.

descanso dos labores terrenos. A quarta cláusula daquela que é conhecida como a oração do Senhor é “Seja feita a tua vontade na terra”. E assim poderíamos prosseguir. O número quatro é, portanto, o número da terra. Quão apropriado, então, que o Espírito Santo nos tenha dado quatro Evangelhos, nos quais é revelado o ministério terreno dAquele que veio do céu.



CAPÍTULO 1

O Evangelho de Mateus

O Evangelho de Mateus rompe o longo silêncio que seguiu o ministério de Malaquias, o último profeta do Velho Testamento. Esse silêncio se estendeu por quatrocentos anos, durante os quais Deus como que Se ocultou aos olhos de Israel. Durante esse tempo, não houve manifestações angélicas, e nenhum profeta falou da parte de Jeová; e, embora o povo escolhido tenha sido grandemente afligido, não houve nenhuma intervenção divina em seu favor. Por quatro séculos, Deus Se calou, remetendo o Seu povo à Sua Palavra escrita. Inúmeras vezes, Deus havia prometido enviar o Messias e, a partir dos tempos de Malaquias, os santos do Senhor ansiosamente aguardavam o aparecimento do Prometido. É nesse ponto que o Evangelho de Mateus apresenta Cristo como Aquele que cumpre as promessas feitas a Israel e as profecias relacionadas ao seu Messias. Essa é a razão por que a palavra “cumprir” ocorre quinze vezes em Mateus, e porque nesse primeiro Evangelho ocorrem mais citações do Antigo Testamento do que em todos os outros Evangelhos juntos.

A posição que o Evangelho de Mateus ocupa no cânon sagrado indica o seu objetivo: ele aparece imediatamente depois do Antigo Testamento, e logo no início do Novo. Ele se constitui no elo entre os dois Testamentos. Ele tem, portanto, esse elemento de transição em suas características, e é mais judeu do que qualquer outro livro do Novo Testamento. Mateus revela Deus apelando ao Seu povo do Velho Testamento e lidando com ele; apresenta o Senhor Jesus de forma distinta vivendo relacionamentos judaicos; e é o único dos quatro Evangelistas que registra a seguinte declaração do Messias: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (15.24). A posição numérica dada ao Evangelho de Mateus na biblioteca divina confirma o que dissemos acima, porque, o fato de ser o quadragésimo livro nos mostra Israel no lugar da provação, sendo testado pela presença do Messias em seu meio.

Mateus apresenta o Senhor Jesus como o Messias e o Rei de Israel, bem como Aquele que haveria de salvar o Seu povo dos pecados deles. A frase inicial nos fornece a chave do livro:

“Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”. Sete vezes o Senhor Jesus é tratado como “Filho de Davi” no Evangelho, e dez vezes no total esse título se encontra ali. O título “Filho de Davi” liga o Salvador ao trono de Israel; “Filho de Abraão” o liga à terra de Israel — Abraão foi aquele a quem Deus primeiro deu a terra. Mas em nenhum outro lugar, depois do primeiro versículo, se aplica outra vez a Cristo o título “Filho de Abraão”, visto que a restauração da terra a Israel é consequência da sua aceitação de Cristo como o seu Rei-Salvador, e o destaque feito neste primeiro Evangelho é a apresentação de Cristo como rei — doze vezes neste Evangelho se aplica esse título a Cristo.

Mateus é, em sua essência, o Evangelho *dispensacional*, e não se podem superestimar a sua importância e valor. Mateus nos mostra Cristo sendo oferecido aos judeus, e as *consequências* da *rejeição* deles para com Ele, ou seja, Israel é posto de lado, e Deus Se volta graciosamente aos gentios. Temos, em Romanos 15.8,9, um resumo do propósito do Evangelho de Mateus: “Digo, pois, que Cristo foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos nossos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia”. Cristo não apenas nasceu dos judeus, mas nasceu, antes de tudo, para os judeus, de forma que na linguagem do profeta eles podiam dizer: “um menino nos nasceu, um filho se nos deu” (Isaías 9.6). O Evangelho de Mateus explica por que Israel, nos demais livros do Novo Testamento, é apresentado como temporariamente rejeitado por Deus, e por que Ele agora busca dentre os gentios um povo para Si. Em outras palavras, este Evangelho nos mostra por que, na presente dispensação, a Igreja substitui a teocracia judaica. Mateus fornece a chave para a forma de Deus lidar com o mundo nesta Era: sem um claro entendimento deste primeiro Evangelho, é praticamente impossível compreender o restante do Novo Testamento. Vamos considerar agora alguns dos traços principais e características peculiares do Evangelho de Mateus.

A primeira coisa que nos chama a atenção é o primeiro versículo. Deus, em Sua terna graça, pendurou a chave bem na entrada. O versículo inicial é o que abre o conteúdo deste Evangelho: “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”. As primeiras quatro palavras deste verso são apenas duas no grego: *Biblos geneleos*. Essas duas palavras indicam a peculiar característica *judaica* dessas porções iniciais deste Evangelho, porque são uma expressão do Antigo Testamento. É digno de nota que esta expressão que inicia o Novo Testamento também se encontra praticamente no início do primeiro livro do Antigo Testamento: em Gênesis 5.1, lemos: “Este é o livro da genealogia de Adão”. Quase nem é necessário dizer que esta palavra “genealogia” significa “a *história de*”. Estes dois “livros” — o livro da genealogia de Adão e o livro da genealogia de Jesus Cristo — bem poderiam ser denominados o Livro da Morte e o Livro da Vida. Em torno desses dois livros gira não apenas a Bíblia toda, mas também a essência do destino de toda a humanidade. Quão apropriadamente essa expressão, que se encontra no início de Gênesis e no início de Mateus, salienta a *unidade* dos dois Testamentos!

No livro de Gênesis, temos o relato de onze diferentes “genealogias” ou histórias, começando com a “gênese dos céus e da terra”, e por último a “história de Jacó” — veja 2.4; 5.1; 6.9; 11.10; 11.27; 25.12; 25.19; 36.1; 36.9; 37.2 — de forma que o primeiro livro da Bíblia se reparte em doze seções, e o número doze é o número do governo divino, assunto esse que nos é apresentado em Gênesis: Deus governa soberanamente. De Êxodo a Daniel,

encontramos o governo delegado a Israel, e de Daniel em diante esse governo passa às mãos dos gentios. Mas em Gênesis antevemos a teocracia judaica, na qual o governo se encontra diretamente nas mãos de Deus; essa é a razão de haver sido dividido em doze seções. Duas vezes mais, ou seja, em Números 3.1 e em Rute 4.18, encontramos a expressão “as gerações de”, somando treze o total das ocorrências no Antigo Testamento, e treze é o número da *apostasia*, porque é exatamente isso que a Lei traz à tona⁵! Mas, como já vimos, esta expressão ocorre uma vez mais (e isso pela última vez nas Escrituras Sagradas) no primeiro versículo do Novo Testamento, somando assim catorze aparições no total, e a décima quarta vez é “Livro da genealogia de *Jesus Cristo*”. Quão profundamente significativo e sugestivo é isso! Catorze é 2 x 7, e dois significa (dentre outras coisas) contraste ou diferença, e sete é o número da perfeição e daquilo que é completo — e que completa diferença não fez a vinda de Jesus Cristo!

“Livro da genealogia de Jesus Cristo, *filho de Davi, filho de Abraão*” (Mateus 1.1). Esses títulos de nosso Salvador têm, no mínimo, triplo significado. Em primeiro lugar, ambos O associam com Israel: “Filho de Davi” O vincula ao trono de Israel, enquanto “Filho de Abraão” O vincula à terra de Israel. Em segundo lugar, “Filho de Davi” O restringe a Israel, enquanto “Filho de Abraão” é mais amplo em seu alcance, chegando até os gentios, porque a promessa original de Deus era que em Abraão seriam “benditas todas as famílias da terra” (Gênesis 12.3). Em terceiro lugar, como assinalou o Dr. W. L. Tucker, esses títulos correspondem com exatidão à dupla divisão estrutural do Evangelho de Mateus⁶. Até 4.16, temos a Introdução, e 4.17 abre a primeira divisão do livro, ao dizer “Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”. Essa seção trata do ministério oficial de Cristo e O apresenta como o “Filho de Davi”. A segunda seção começa em 16.21, onde lemos: “*Desde esse tempo*, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia”. Essa seção trata, sobretudo, da obra sacrificial de Cristo, como o “Filho de Abraão”, tipificado outrora por Isaque, oferecido no altar.

Depois de considerar tão longamente a respeito do primeiro versículo deste Evangelho, é bom chamarmos a atenção para o fato de que o restante do capítulo, até o final do verso 17, ocupa-se com a genealogia de Jesus Cristo. O principal significado disso é digno de nossa maior atenção, porque é aqui que se define a característica deste Evangelho e seu tema dominante. O primeiro livro do Novo Testamento começa com uma longa lista de nomes! Que evidência de que não foi idéia humana a composição deste livro! Mas os pensamentos e os caminhos de Deus são sempre diferentes dos nossos, e também sempre são perfeitos. A razão desta genealogia não é difícil de encontrar. Como já vimos, a frase inicial de Mateus traz em si a chave do livro, dando-nos a clara indicação de que Cristo é visto aqui, primeiro, em Seu relacionamento com os judeus, plenamente apto para assentar-se no trono de Davi. Como se justifica, então o Seu título? Mostrando a Sua ligação humana à tribo do rei, apresentando a Sua linhagem real. Um título real para ocupar o trono não depende de voto público, mas reside nos direitos de nascença. Por isso, a primeira coisa que as Sagradas Escrituras fazem é nos dar a real genealogia

⁵ Veja Romanos 3.20: “*pela lei vem o pleno conhecimento do pecado*”.

⁶ O Dr. Tucker chama a atenção à divisão literária do Evangelho de Mateus: a mudança dispensacional ocorre no final do capítulo 12. — Nota do Autor.

do Messias, mostrando que, como descendente direto de Davi, Ele tinha pleno direito ao trono de Israel.

A genealogia registrada em Mateus 1 não nos dá meramente a ascendência humana de Cristo, mas, especialmente, a linhagem real. Essa é uma das principais características que diferenciam esta lista da genealogia registrada em Lucas 3. O principal objetivo de Mateus 1.1-17 é provar o direito de Cristo de reinar como Rei dos Judeus. Essa é a razão por que a genealogia retrocede apenas até Abraão, já que este é o pai do povo hebreu. É por isso que, no primeiro versículo, a ordem é “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão”, em vez de “filho de Abraão, filho de Davi” como se poderia esperar da ordem que Mateus adota logo em seguida: ali ele começa com Abraão e prossegue até Davi. Por que, então, se inverte essa ordem no primeiro versículo? A resposta tem de ser que Davi aparece primeiro porque é a *linhagem real* que se está destacando aqui! Isso também explica por que, no verso 2, lemos: “Abraão gerou a Isaque; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos”. Por que deveria apenas Judá ser mencionado aqui, sem referência aos demais onze irmãos? Por que não dizer “Jacó gerou Rúben e seus irmãos”, já que era esse o primogênito de Jacó? Se alguém argumentar que o direito de primogenitura foi transferido de Rúben para José, então perguntamos por que não dizer “Jacó gerou José”? já que José era seu filho predileto? A resposta é a seguinte: Judá era a tribo real, e é a linhagem *real* que temos diante de nós, aqui em Mateus capítulo 1. Outra coisa: no verso 6, lemos: “Jessé gerou ao rei Davi; e o rei Davi, a Salomão, da que fora mulher de Urias”. De todos os que reinaram, e foram mencionados nesta lista de Mateus, Davi é o único da lista chamado “rei”, e isso duas vezes no mesmo versículo! Por que isso, se não para dar a Davi especial proeminência, e dessa forma nos mostrar o valor do título dado a nosso Senhor no primeiro versículo: “Filho de Davi”?

Há muitas características dessa genealogia que não podemos considerar agora, mas sua combinação numérica requer alguns breves comentários. A genealogia se divide em três partes: a primeira seção, de Abraão a Davi, pode ser chamada de período de Preparação; a segunda seção, de Salomão ao cativo babilônico, pode ser chamado de período de Degeneração; enquanto o terceiro período, do cativo babilônico até o nascimento de Cristo, pode ser chamado de período de Expectação. O número três significa, nas Escrituras, manifestação, e quão apropriado é esse arranjo, porque o propósito de Deus referente a Abraão e seus descendentes não se revela plenamente antes do aparecimento de Cristo. Cada uma dessas três seções da genealogia real contém catorze gerações, ou seja, 2×7 ; dois significa (dentre outras coisas) testemunho ou testemunha competente, e sete representa a perfeição. Novamente nos admiramos com a harmonia desses números nesta genealogia de Cristo, porque é somente nEle que temos perfeito testemunho — a “Testemunha Fiel e Verdadeira”⁷. Finalmente, repare que 14×3 são 42 gerações no total de Abraão até Cristo, ou 7×6 ; sete significa perfeição e seis é o número do homem, de forma que Cristo, o quadragésimo segundo depois de Abraão, é o Homem Perfeito! A Palavra de Deus é perfeita nos mínimos detalhes!

“E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo” (Mateus 1.16). Mateus não liga José e Jesus como pai e filho, mas se afasta da fraseologia usual da genealogia, de forma que ressalta a peculiaridade, a singularidade do nascimento do Salvador. Abraão gerou Isaque, e Isaque gerou a Jacó, mas José, marido de Maria, não gerou

⁷ Apocalipse 3.14.

Jesus; em lugar disso, lemos o seguinte: “Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, *sem que tivessem antes coabitado*, achou-se grávida pelo Espírito Santo” (1.18). Exatamente como Isaías predissera (7.14) setecentos anos antes, o Messias haveria de nascer de “uma virgem”. Mas uma virgem não teria direito ao trono de Israel, mas José tinha esse direito, já que era descendente direto de Davi; assim, por meio de José, Seu pai legítimo (lembre-se de que o noivado era, para os judeus, um compromisso tão sério quanto o casamento o é para nós), o Senhor Jesus teve assegurados os Seus direitos, pelo parentesco, de ser rei dos judeus.

Ao chegarmos agora a Mateus 2, podemos observar neste capítulo o registro de um incidente que nenhum dos outros Evangelistas menciona, mas que é peculiarmente apropriado neste primeiro Evangelho. Esse incidente é a visita dos sábios que vieram do Oriente para honrar e adorar o Cristo ainda menino. Os detalhes fornecidos pelo Espírito Santo a respeito desta visita ilustram de forma notável o caráter peculiar e o propósito do Evangelho de Mateus. Este capítulo começa assim: “Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo”. Repare que esses sábios não vieram perguntando “Onde está o recém-nascido Salvador do mundo?”, nem “Onde está a Palavra encarnada?”; em vez disso, “Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?” O fato de Marcos, Lucas e João silenciarem por completo sobre isso, e o fato de que o Evangelho de Mateus o registra é evidente prova de que este primeiro Evangelho apresenta Cristo numa relação distintivamente peculiar com os judeus. Esta evidência soma-se à expressão peculiar com que Mateus começa seu Evangelho — “Livro da genealogia de”, forma essa que é uma expressão do Antigo Testamento, e é única em todo o Novo Testamento; ali se encontra o primeiro título dado a Cristo neste Evangelho: “Filho de Davi”; logo em seguida aparece a genealogia real; e agora encontramos o registro da visita dos magos, dizendo: “Onde está o recém-nascido Rei dos judeus?” Dessa forma, o Espírito de Deus deixou claro e evidente o caráter peculiarmente judaico desses capítulos iniciais do Evangelho de Mateus, de tal forma que somente quem está ofuscado por preconceito não consegue ver o lugar intencional que este Evangelho ocupa. Dessa forma, também, tornou inescusáveis as tolas discussões que se têm produzido em certos lugares, as quais têm por único objetivo confundir e perturbar.

Mas há muito mais em Mateus 2 do que o reconhecimento de Cristo como o legítimo Rei dos judeus. Esse incidente contém o prenúncio da recepção que Cristo haveria de ter aqui no mundo, prevendo o final desde o início. O que temos aqui em Mateus 2 na verdade é uma descrição profética de todo o andamento do Evangelho de Mateus. Primeiro, temos a declaração de que o Senhor Jesus havia nascido “Rei dos judeus”; depois temos o fato de que Cristo não se encontra em Jerusalém, a cidade real, mas fora dela; depois, temos a cegueira e indiferença dos judeus para com a presença do Filho de Davi entre eles — isso se percebe pelo fato de que, primeiro, Seu próprio povo desconhecia o fato de que o Messias já estava entre eles; e segundo, pelo fato de eles não acompanharem os magos quando estes deixaram Jerusalém para procurar o menino; depois, são-nos apresentados estrangeiros, vindos de terras distantes, mas que tinham o coração voltado para o Salvador, que O estavam procurando e O adoraram; finalmente, aprendemos sobre o homem que ocupava cargo de autoridade, cheio de ódio, atentando contra a vida do Senhor Jesus. Dessa forma, o incidente, como um todo,

prelúdio de forma maravilhosa a rejeição de Cristo pelos judeus, e Sua aceitação por parte dos gentios. Assim, temos aqui resumido todo o encargo do Evangelho de Mateus, cujo propósito especial é mostrar Cristo apresentando-Se a Israel, a rejeição de Israel para com Ele, com o consequente resultado de Deus rejeitar Israel temporariamente, estendendo graciosamente as mãos aos gentios desprezados.

Em seguida, lemos: “Tendo eles partido, eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, fuge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar” (2.13). Repare que é José e não Maria que aparece tão destacadamente nos primeiros dois capítulos de Mateus, porque não foi por meio de Sua mãe, mas sim através do Seu pai legítimo (adotivo) que o Senhor Jesus obteve o título do trono de Davi — compare Mateus 1.20, onde José é chamado “filho de Davi”! Também é digno de nota que Mateus é novamente o único dos quatro Evangelistas que registra essa jornada ao Egito, e o subsequente retorno à Palestina. Isso é profundamente sugestivo, incrivelmente de acordo com o propósito especial deste primeiro Evangelho, porque mostra como o Messias de Israel ocupou o mesmíssimo lugar onde Israel começou sua história como nação!

“Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse-lhe: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino. Dispôs-se ele, tomou o menino e sua mãe e regressou para a terra de Israel” (2.19-21). Uma vez mais, descobrimos uma expressão que revela o caráter peculiarmente judeu da exposição que Mateus faz de Cristo. Este é o único lugar no Novo Testamento onde a Palestina é chamada “a terra de Israel”, e a expressão aparece de forma significativa, pois é usada em conexão com o Rei de Israel, e a promessa de que a Palestina se tornará “a terra de Israel” somente se cumprirá de fato no momento em que Ele estabelecer o Seu trono em Jerusalém. Todavia, quão tragicamente sugestiva é a declaração que imediatamente se segue aqui, e que encerra o capítulo 2 de Mateus. Mal nós lemos sobre “a terra de Israel”, e já encontramos um “Mas”; e, nas Escrituras, “mas” sempre assinala um contraste. Lemos aqui: “Tendo, porém, ouvido que Arquelau reinava na Judeia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá; e, por divina advertência prevenido em sonho, retirou-se para as regiões da Galileia. E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas: Ele será chamado Nazareno” (2.22,23). Nazaré era o mais desprezado lugar daquela desprezada província da Galileia, contudo vemos quão logo o Messias assumiu o lugar de desprezo, novamente renunciando Sua rejeição pelos judeus — contudo, observe-se que a menção de “Nazaré” veio depois da menção de “a terra de Israel”.

Mateus 3 começa apresentando-nos uma figura impressionante: “Naqueles dias” — ou seja, enquanto o Senhor Jesus permanecia na desprezada Nazaré da Galileia — “apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia”. Ele era o anunciado precursor do Messias de Israel. Ele era aquele de quem Isaías havia dito que prepararia o caminho para o Senhor, e prepararia um povo para recebê-lo assim que Ele Se apresentasse ao público. Ele veio “no espírito e poder de Elias” (Lucas 1.17), para executar trabalho similar ao do tisbita (Mateus 3.3,4).

João pregou ao povo da promessa, e se restringiu à terra da Judeia. Ele não pregou em Jerusalém, mas permaneceu no deserto. A razão é óbvia: Deus não iria aprovar o degenerado

sistema do judaísmo, mas pôs o Seu mensageiro fora do círculo religioso daqueles dias. O “deserto” nada mais era do que uma simbologia da esterilidade e desolação espiritual de Israel.

A mensagem de João era simples e direta: “Arrependei-vos”. Era um chamamento a Israel para se julgarem a si mesmos. Era uma palavra que demandava da parte dos judeus colocar-se no lugar apropriado diante de Deus, confessando os seus pecados. Era somente dessa forma que se poderia preparar um povo para o Senhor, o Messias. O chamado ao arrependimento recebeu um reforço apropriado com um aviso apropriado: “Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus”. Repare, “Arrependei-vos” não porque “o Salvador está próximo”, nem porque “O Deus encarnado já está entre vós”, nem mesmo porque “Uma nova dispensação se iniciou”; mas porque “o Reino dos Céus está próximo”. O que será que os ouvintes de João entenderam com essa expressão? Que significado será que esses judeus atribuíram a essas palavras? É evidente que o Batista não empregou linguagem que os seus ouvintes não pudessem compreender. E ainda nos dizem que devemos acreditar que João estava, aqui, apresentando o Cristianismo! É difícil imaginar teoria mais extravagante e ridícula. Se, ao dizer “O Reino dos Céus”, João queria dizer a dispensação cristã, então ele se dirigiu a esses ouvintes judeus numa língua desconhecida. Isso nós afirmamos com cautelosa serenidade: se João ordenou o arrependimento a seus ouvintes porque a dispensação cristã estava-se iniciando, ele estava zombando deles, por empregar um termo que não apenas era completamente incompreensível para eles, mas também totalmente equivocado. Acusar o mensageiro de Deus de fazer isso quase equivale a cometer um pecado cujo nome preferimos nem mencionar.

Insistimos na pergunta: O que, então, os ouvintes de João entenderam quando ele disse: “Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus”? Ao se dirigir a pessoas que estavam familiarizadas com as Escrituras do Antigo Testamento, só haveria uma forma de entender as palavras dele, ou seja, que ele estava se referindo ao Reino de que inúmeras vezes falaram os seus profetas — o Reino Messiânico. Aquilo que haveria de distinguir o Reino Messiânico de todos os reinos que o precederam era isto: todos os reinos deste mundo eram dominados por Satanás e suas hostes, enquanto o Reino Messiânico, quando estabelecido, seria o governo dos Céus sobre a terra.

Surge a questão: por que Israel rejeitou o Reino para o qual o seu coração estava sendo preparado? Não significaria o estabelecimento do Reino Messiânico o fim do domínio romano? E não era isso o que eles desejavam mais do que a qualquer outra coisa? Em resposta a isso, há várias coisas que temos de considerar. Em primeiro lugar, é errado dizer que Israel “recusou” o Reino, porque, na verdade, o Reino em nenhum momento foi “oferecido” a eles — o Reino, na verdade, foi anunciado ou proclamado. O Reino estava “próximo” porque o Herdeiro do trono de Davi estava prestes a apresentar-Se a eles. Em segundo lugar, antes que se pudesse estabelecer o Reino, Israel teria de se “arrepender”, mas isso, como se sabe muito bem, era exatamente aquilo que eles, como nação, terminantemente se recusaram a fazer. Em Lucas 7.29,30 lemos: “Todo o povo que o ouviu e até os publicanos reconheceram a justiça de Deus, tendo sido batizados com o batismo de João; mas os fariseus e os intérpretes da Lei rejeitaram, quanto a si mesmos, o desígnio de Deus, não tendo sido batizados por ele”. Em terceiro lugar, talvez o leitor entenda melhor o que pretendemos dizer se usarmos a ilustração de uma analogia: o mundo, na atualidade, deseja ardentemente uma Nova Era. Um milênio de paz e descanso é o grande desiderato de diplomatas e políticos. Mas eles a querem em seus próprios

termos. Desejam criá-la por seus próprios esforços. Eles não desejam um Milênio instalado pela volta à terra do Senhor Jesus Cristo. Era exatamente assim com Israel nos dias de João Batista. Eles queriam, de fato, a libertação do domínio romano. Queriam, de fato, ser libertos para sempre do jugo dos gentios. Anelavam, de fato, um milênio de tranquila prosperidade numa Palestina restaurada, mas eles não queriam isso segundo as condições *DE DEUS*.

Em todos os quatro Evangelhos, há menção do ministério de João Batista — uns com mais outros com menos detalhes —, mas Mateus é o único que registra estas palavras: “Arrependei-vos, porque o Reino dos céus está próximo”. Se não considerarmos isto, não estaremos “manejaando bem a palavra da verdade”. Isso é não perceber as distinções características que o Espírito Santo imprimiu nos quatro Evangelhos. É reduzir as quatro delineações independentes da pessoa e do ministério de Cristo a uma confusão sem sentido. É revelar a incompetência de um pretense mestre das Escrituras, alguém que não é um “escriba versado no reino dos céus” (Mateus 13.52).

O batismo de João confirmou a sua pregação. Ele batizou “à vista de arrependimento”, e no Jordão, o rio da morte. eram batizados “confessando os seus pecados” (Marcos 1.5), dos quais a morte era a paga justa, o salário merecido. Mas o batismo cristão é totalmente diferente disso: nele, não assumimos o lugar daqueles que merecem a morte, mas daqueles que declaram o fato de que já morreram com Cristo.

Não é nosso propósito empreender uma exposição detalhada deste Evangelho; em vez disso, selecionamos os traços que são característicos e peculiares a este primeiro Evangelho. Por isso, talvez devamos reparar numa expressão encontrada em 3.11, e que não ocorre em nenhum outro lugar do Novo Testamento a não ser nos Evangelhos, e esta referência é a mais notável porque ela é parcialmente citada no livro de Atos. Aqui o precursor do Senhor fala com os fariseus e saduceus, que “vinham ao batismo”. João Batista logo percebeu que eles não estavam em condições de serem batizados; eles tinham sido advertidos a fugir da ira vindoura, e tinham de produzir “fruto digno de arrependimento” (no caso deles, humilhar-se diante de Deus, abandonar suas soberbas pretensões e justiça própria, e assumir lugar entre aqueles que sinceramente se reconheciam como pecadores e confessavam seus pecados publicamente), e a quem João tinha dito: “e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos (repare bem, não filhos a Deus, mas sim) a Abraão” (verso 9); a esses João anunciou: “mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo”.

Em Atos 1, onde observamos o Senhor ressuscitado entre os Seus discípulos, lemos: “E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias” (vv.4,5). O Seu precursor havia declarado que Cristo batizaria Israel com “o Espírito Santo e com fogo”, contudo aqui o Senhor menciona apenas que os discípulos seriam batizados com o Espírito Santo. Por que isso? Por que o Senhor Jesus omite as palavras “e com fogo”? A resposta é que nas Escrituras “fogo” está ligado, sem exceção, com o juízo divino. Desta forma, a razão é óbvia por que o Senhor omite “e com fogo” destas Suas palavras registradas em Atos 1. Ele estava prestes a agir não em julgamento, mas em graça! Também é evidente por que as palavras “e

com fogo” são registradas por Mateus, porque esse Evangelho trata, essencialmente, com relacionamento dispensacional, e revela muita coisa concernente ao tempo do fim. Deus ainda está por “batizar” o Israel infiel “com fogo”, referência feita aos julgamentos da tribulação, durante o tempo da “Tribulação de Jacó”. Nesse tempo se cumprirá a palavra sobre o Messias rejeitado: “A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível” (Mateus 3.12). Quão claramente definem essas palavras o batismo “de fogo”!

O silêncio do Senhor ressuscitado a respeito do “fogo”, ao dirigir-se aos discípulos a respeito do “batismo com o Espírito Santo”, recebe força e significância quando descobrimos que o Evangelho de Marcos fornece a essência daquilo que Mateus registra do discurso de João Batista, mas omite as palavras “e com fogo” — “Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias. Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo” (Marcos 1.7,8). Por que isso? Porque, como já assinalamos, “fogo” é o conhecido símbolo do julgamento de Deus (muitas vezes manifestado com fogo *literal*), e Marcos, que apresenta Cristo como o Servo de Jeová, foi, obviamente, orientado pelo Espírito, a omitir as palavras “e com fogo”, porque como *Servo* Ele não executa juízo. As palavras “e com fogo” encontram-se, contudo, em Lucas, e isso outra vez é muito significativo. Uma vez que Lucas apresenta Cristo como “o Filho do Homem”, e em João 5 lemos: “E lhe deu autoridade para julgar, *porque é o Filho do Homem*” (verso 27). Essa inclusão das palavras “e com fogo” nos Evangelhos de Mateus e de Lucas, e omitidas em Marcos, evidenciam de forma assombrosa a inspiração verbal das Escrituras, acima da capacidade dos instrumentos usados por Ele no escrever da Palavra de Deus!

Os versículos finais de Mateus 3 nos mostram o Senhor Jesus, em maravilhosa graça, assumindo Seu lugar com o remanescente fiel de Israel: “Por esse tempo, dirigiu-se Jesus da Galileia para o Jordão, a fim de que João o batizasse” (3.13). João ficou tão chocado que, a princípio, não quis batizá-lo (são poucos os homens, mesmo os melhores deles, que entendem as coisas de Deus): “Ele, porém, o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (3.14). Repare, mais uma vez, que Mateus é o único dos Evangelistas que menciona esse recuo do Batista diante da pretensão de Jesus de batizar-Se. E aqui é o lugar próprio para registrar esse fato, porque ele ressalta a real dignidade e majestade do Messias de Israel. Não vamos nos deter, agora, no significado e no propósito do batismo do Salvador; por ora é suficiente dizer que isso revelou Cristo como Aquele que viria dos céus para agir como o Substituto do Seu povo, para morrer em seu lugar, e dessa forma Ele, no início do Seu ministério público, Se identifica com aqueles a quem Ele representa, assumindo o Seu lugar ao lado deles naquilo que falava de morte. A descida do Espírito Santo sobre Ele confirma que Ele é o verdadeiro Messias, o Ungido (veja Atos 10.38), e o testemunho audível do Pai atesta a Sua idoneidade e capacidade de realizar a Obra que Ele estava para executar.

A primeira metade de Mateus 4 registra a tentação de nosso Senhor, assunto que não vamos tratar neste momento. A próxima coisa que nos é relatada é: “Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso, retirou-se para a Galileia; e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali” (4.12,13), e isso ocorreu para que se cumprisse uma profecia de Isaías. Depois, lemos: “Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (4.17). Parece que as palavras

“Daí por diante” se referem à prisão de João Batista. A mensagem de João fora “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (3.2), e agora que o seu precursor foi encarcerado, o Messias Ele mesmo adota a mesma mensagem — a proclamação do reino. Em harmonia com isso, lemos: “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho (repare bem: não é o “evangelho da graça de Deus” — Atos 20.24; nem mesmo o “evangelho da paz” — Efésios 6.15, mas o evangelho) *do reino* e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mateus 4.23).

Os milagres de cura do nosso Senhor não foram meras exibições de poder, ou manifestações de misericórdia; eles foram também um suplemento da Sua pregação e ensino, e o seu valor primordial era comprobatório. Esses milagres, frequentemente chamados de “sinais”, formavam uma parte essencial das credenciais do Messias. Temos isso confirmado, de forma inequívoca, em Mateus 11. Quando João Batista foi lançado na prisão, sua fé em Jesus como o Messias se estremeceu, e ele enviou dois dos seus discípulos a Jesus para perguntar: “És tu aquele que estava para vir ou devemos de esperar outro?” (11.3). Repare, cuidadosamente, a resposta do Senhor: “E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (11.4,5). O Senhor recorreu a duas coisas: Seu ensino e Seus milagres de cura. Esses dois, juntos, são citados outra vez em 9.35: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, *pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades*”. E outra vez, quando o Senhor enviou os doze: “mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel; e, à medida que seguirdes, *pregai que está próximo o reino dos céus. Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai*” (10.6-8). Os milagres de cura, então, estavam inseparavelmente relacionados com o testemunho do reino. Eles estavam entre os mais importantes dos “sinais dos tempos” a respeito dos quais o Messias repreendeu os fariseus e saduceus porque eles não os estavam discernindo (veja Mateus 16.1-3). Milagres de cura semelhantes a esses haverão de se repetir quando o Messias voltar à terra, porque isso está predito em Isaías 35.4-6: “Dizei aos desalentados de coração: Sede fortes, não temais. Eis o vosso Deus. A vingança vem, a retribuição de Deus; ele vem e vos salvará (isto é, aos judeus piedosos, remanescentes da tribulação). *Então, se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará*”. Repare-se cuidadosamente que Mateus, mais uma vez, é o único dos quatro Evangelistas que faz menção de que a pregação do Senhor Jesus é “o evangelho do reino”, assim como somente ele nos informa que os doze foram enviados, às ovelhas perdidas da casa de Israel, com a mensagem “está próximo o reino de Deus”. Como isso é significativo! E como isso indica, novamente, o caráter peculiarmente judeu desses capítulos iniciais do Novo Testamento!

Esses milagres de cura do Messias resultaram em fama que se espalhou por todos os lados da terra, e grandes multidões passaram a segui-LO. É nessa altura que lemos: “Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los” (5.1,2). Sentimo-nos tentados a parar aqui, para examinar detalhadamente esta importante e tão mal compreendida porção das Escrituras — o Sermão do Monte. Mas não

podemos nos desviar do propósito central deste livro; por isso, tudo o que deixaremos aqui serão algumas poucas palavras à guisa de resumo.

A primeira coisa que devemos observar é que o “Sermão do Monte” registrado em Mateus 5 a 7 é peculiar a este primeiro Evangelho; nenhuma menção dele é feita em nenhum dos outros três. Isso, juntamente com o fato de que em Mateus o “Sermão do Monte” se encontra na primeira seção do livro, é suficiente para indicar o seu comportamento dispensacional. Em segundo lugar, o lugar de onde foi proferido este “Sermão” nos fornece outra chave para o seu propósito. Ele foi proferido numa “montanha”. Quando o Salvador subiu ao monte, Ele Se elevou acima do nível comum e, simbolicamente, assumiu Seu lugar no trono. Mateus 5.1 deve ser comparado com 17.1 — foi numa montanha que o Messias foi “transfigurado”, e nessa magnífica cena tivemos uma espetacular visão em miniatura da vinda do “Filho do Homem no seu reino” (veja 16.28). Outra vez, em 24.3, lemos que foi numa montanha que Cristo pronunciou esta tremenda profecia (registrada em 24 e 25) que descreve as condições que haverão de prevalecer logo antes do estabelecimento do reino de Cristo, e que nos revela aquilo que será tornado público quando Ele assentar-Se no trono da Sua glória. Devemos comparar essas passagens bíblicas a duas outras do Velho Testamento, que confirmam aquilo que acabamos de mencionar. Em Zacarias 14.4, lemos: “Naquele dia, estarão os seus pés sobre o *monte* das Oliveiras” — a referência aqui é à volta de Cristo à terra para estabelecer Seu reino. Noutro lugar, no Salmo 2, lemos que Deus haverá de dizer, apesar da resistência conjunta dos governantes da terra: “Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo *monte Sião*”⁸.

O “Sermão do Monte” apresenta o *Manifesto do Rei*. Ele contém a “Constituição” do Seu reino. Ele define o caráter daqueles que haverão de entrar nesse reino. Ele fala das experiências pelas quais haverão de passar enquanto se ajustam para esse reino. Ele anuncia as leis que haverão de governar a conduta deles. A autoridade do Rei fica evidenciada pelos Seus “Eu, porém, vos digo”, repetidos não menos do que catorze vezes neste “Sermão”. O efeito que Suas palavras tiveram sobre os Seus ouvintes fica evidente nos versículos finais: “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava *como quem tem autoridade* e não como os escribas” (Mateus 7.28,29).

Uma outra evidência que registra a *autoridade* de Cristo (sempre a característica mais proeminente associada a um rei), e que se acentua muito neste Evangelho, é o Seu controle sobre os anjos. Uma das coisas associadas aos reis é a quantidade de servos à sua disposição, súditos que aguardam o seu comando. Isso nós também encontramos associado ao “Filho de Davi”. Em Mateus 13.41, lemos: “Mandarà o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade”. Note que aqui esses servos celestiais não são chamados “os anjos”, mas especificamente “os Seus anjos”, ou seja, os anjos do Messias, e repare que foram enviados como servos do Seu reino. Novamente, em 24.30,31, lemos: “Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória

⁸ Em marcante contraste com o “Sermão do Monte” de Mateus, temos o “Sermão da Planura” de Lucas 6.17ss. Quão significativo e apropriado é isso! Lucas apresenta o Senhor Jesus como “Filho do Homem”, nascido numa manjedoura, participante das tristezas e sofrimentos do homem. Quão apropriado, então, que aqui Ele esteja falando de uma “planura” — o nível comum, em vez de falar de um “monte” — o lugar da eminência! — Nota do Autor.

(isso por ocasião da Sua volta à terra para estabelecer o Seu reino). E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus”. Outra vez, em 26.53: “Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?” Chamamos sua atenção para o fato de Mateus ser o único que registra essas palavras.

Mas ainda há outra evidência da majestade real de Cristo que devemos destacar. Como bem sabemos, os reis são honrados pelo respeito que lhes é tributado pelos seus súditos. Não é preciso que nos surpreendamos, portanto, ao encontrar neste Evangelho, que descreve o Salvador como o “Filho de Davi”, que Cristo com frequência é visto como Aquele diante de Quem os homens se prostram. Só vemos uma vez, em Marcos, Lucas e João, de alguém que O adorou, mas aqui em Mateus vemos isso nada menos que dez vezes! Veja 2.2,8,11; 8.2; 9.18; 14.33; 15.25; 20.20; 28.9,17.

Passemos agora para Mateus 10 (em 8 e 9, temos a autenticação do Rei por meio dos milagres extraordinários por Ele realizados). Nos versículos iniciais, encontramos um incidente narrado em todos os três primeiros Evangelhos, qual seja, a escolha e o envio dos Doze. Mas no relato de Mateus há vários detalhes que nenhum dos outros registra. Por exemplo, somente aqui nós recebemos a informação que o Senhor, quando enviou os doze, lhes deu uma ordem dizendo: “Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel” (10.5,6). O fato é perfeitamente apropriado aqui, mas estaria deslocado em qualquer outro dos Evangelhos. Repare, também, que o Senhor acrescentou: “e, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus” (verso 7). Veja como isso descreve com perfeição o propósito dispensacional do Evangelho de Mateus! Era somente às “ovelhas perdidas da casa de Israel” que eles deveriam dizer que “está próximo o reino dos céus”!

Em Mateus 12, vemos registrado o mais notável dos milagres realizados pelo Messias antes que Ele rompesse com Israel. Foi a cura do endemoninhado cego e mudo. Lucas também registra o mesmo milagre, mas quando Mateus descreve os efeitos dessa maravilha sobre o povo que a testemunhou, ele menciona uma coisa que Lucas omite, algo que de forma impressionante ilustra o especial propósito do Evangelho de Mateus. Na passagem paralela, em Lucas 11.14, lemos: “De outra feita, estava Jesus expelindo um demônio que era mudo. E aconteceu que, ao sair o demônio, o mudo passou a falar; e as multidões se admiravam”, e aqui o médico amado pára. Mas Mateus continua: “E toda a multidão se admirava e dizia: *É este, porventura, o Filho de Davi?*” Vemos, dessa forma, outra vez, que o propósito particular de Mateus, inspirado pelo Espírito Santo, era evidenciar a realeza de Cristo.

Em Mateus 13, encontramos as sete parábolas do reino (em sua forma “misteriosa”), a primeira das quais é a famosa parábola do semeador, da semente e dos quatro tipos de solo. Tanto Marcos como Lucas registram essa parábola, mas com diferenças de detalhes que lhes são características. Chamamos sua atenção a um dos pontos na interpretação feita por Cristo. Marcos diz: “O semeador semeia a palavra” (4.14). Lucas diz: “Este é o sentido da parábola: a semente é a palavra de Deus” (8.11). Mas Mateus, coerentemente com o seu tema, diz: “Atendei vós, pois, à parábola do semeador. A todos os que ouvem a palavra do reino...” (13.18,19). Esse é um dos menores pontos, mas como evidencia a perfeição da Sagrada Escritura, nos mínimos detalhes! Como isso evidencia que não foi um mero homem ou meros

homens que escreveram este Livro dos livros! Podemos cantar, alto e bom som: “Quão firme fundamento, / ò santos de Deus, / tendes pra fé / na Sua maravilhosa Palavra”.

Em Mateus 15, temos o conhecido incidente da mulher cananea que se achega a Cristo em busca de ajuda para sua filha horrivelmente endemoninhada. Marcos também relata o mesmo fato, mas omite várias características que Mateus registra. Citamos primeiro o relato de Marcos, e depois o de Mateus, destacando com *itálico* as expressões que revelam o especial propósito do Evangelho de Mateus. “Tendo entrado numa casa, queria que ninguém o soubesse; no entanto, não pôde ocultar-se, porque uma mulher, cuja filhinha estava possessa de espírito imundo, tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se-lhe aos pés. Esta mulher era grega, de origem siro-fenícia, e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio. Mas Jesus lhe disse: Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. Ela, porém, lhe respondeu: Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças. Então, lhe disse: Por causa desta palavra, podes ir; o demônio já saiu de tua filha” (Marcos 7.24-29). “E eis que uma mulher cananea, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, *Filho de Davi*, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada. *Ele, porém, não lhe respondeu palavra* (porque, como gentia, ela não tinha direito de dirigir-se a Ele como “Filho de Davi”). E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós. Mas Jesus respondeu: *Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel*. Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me! Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos. Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã” (Mateus 15.22-28).

No primeiro versículo de Mateus 16, lemos como os fariseus e saduceus se aproximaram de Cristo para O tentar, pedindo que lhes mostrasse um sinal do céu. Tanto Marcos como Lucas referem-se ao incidente, mas nenhum deles registra, na resposta do Senhor, aquilo que aqui encontramos nos versos 2 e 3: “Ele, porém, lhes respondeu: Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado; e, pela manhã: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os *sinais dos tempos*?” Os “sinais dos tempos” eram o cumprimento das predições do Antigo Testamento concernentes ao Messias. Todas as provas já se haviam dado a Israel de que Ele era, de fato, Aquele que havia sido prometido. Ele nascera de uma “virgem” em Belém, o lugar anunciado; um precursor tinha preparado o Seu caminho, exatamente como Isaías tinha profetizado; e, somando-se a isso, havia as Suas poderosas obras, exatamente como estava nas profecias. Mas os judeus estavam cegos pelo seu orgulho e por sua justiça própria. O fato de apenas Mateus mencionar a referência do Messias a esses “sinais dos tempos” é outra evidência do evidente caráter judaico deste Evangelho.

Em Mateus 16.18 e 18.17, a “igreja” é mencionada duas vezes, e Mateus é o único dos quatro Evangelistas que faz menção direta a ela. Isso tem confundido muita gente, mas a explicação é muito simples. Como já mencionamos, o grande propósito do primeiro Evangelho é mostrar como Cristo Se apresentou aos judeus, como eles O rejeitaram como Messias, e quais foram as consequências disso, ou seja, Deus rejeitou temporariamente a Israel, e visitou

os gentios com soberana graça para formar um povo para Seu nome. Dessa forma, é-nos mostrado aqui como e por quê, nesta dispensação, a Igreja substituiu a teocracia judaica.

Em Mateus 20, temos registrada a parábola do dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha, ajustando o salário de um denário ao dia. Mateus é o único dos Evangelistas que se refere a esta parábola, e a sua pertinência ao lugar que ocupa no evangelho dele é mais do que evidente. Ela salienta uma característica do reino de Cristo. Essa parábola nos diz como, ao final do dia, quando os trabalhadores vieram receber o salário combinado, houve murmuração entre eles, porque os contratados na décima primeira hora receberam o mesmo que aqueles que trabalharam durante o dia todo. De fato, não há nada novo debaixo do sol; eis a insatisfação dos trabalhadores já no primeiro século! O Proprietário da vinha Se justifica lembrando aos trabalhadores descontentes que Ele pagou a cada um aquilo que eles concordaram em receber, e depois perguntou: "Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu?" Ele agiu, assim, como Soberano, segundo o Seu direito de pagar aquilo que Ele quisesse, sem prejudicar a ninguém por fazê-lo.

Em Mateus 22, encontramos a parábola das bodas do filho do rei. Uma parábola muito semelhante a esta nós encontramos no Evangelho de Lucas e, ao mesmo tempo que há vários pontos semelhantes entre elas, contudo há algumas diferenças evidentes. Em Lucas 14.16, lemos: "Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos", enquanto em Mateus 22.2 lemos: "O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho". No final desta parábola, em Mateus, aparece algo que não tem nenhum paralelo em Lucas. Aqui se lê: "Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu. Então, ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes" (22.11-13). Não precisamos nem mencionar como isso evidencia a autoridade do rei.

O capítulo todo de Mateus 25 não tem paralelo nos outros Evangelhos. Não podemos, agora, nos deter no conteúdo desse interessante capítulo, mas gostaríamos de chamar a atenção ao que está registrado nos versículos 31 a 46. Nada disso aparece nos demais Evangelhos, apenas Mateus o registra: isso é outra prova do propósito e objetivo deste primeiro Evangelho. Esses versículos descrevem o Filho do Homem sentado no trono da Sua glória, e diante dEle estão reunidas todas as nações, que serão separadas em duas classes, uma à Sua direita, outra à Sua esquerda. Quando Ele Se dirige a cada um desses grupos, lemos: "Então, o Rei dirá" etc. (veja os versos 34 e 41).

Há vários itens relacionados à Paixão do Senhor Jesus registrados unicamente por Mateus. Em 26.59,60, lemos: "Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte. E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas. Mas, afinal, compareceram duas" — duas porque esse era a quantidade mínima requerida pela lei, para que a verdade fosse estabelecida. É interessante observar a frequência com que se encontram duas testemunhas em Mateus. Em 8.28, lemos: "Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados" — compare com Marcos 5.1,2, onde se faz menção a apenas um desses homens. Novamente em 9.27, lemos: "Partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos" — compare com Marcos 10.46. Em 11.2, lemos: "E João, ouvindo no cárcere falar dos feitos

de Cristo, enviou dois dos seus discípulos"⁹. Finalmente, em 27.24, encontramos o testemunho de Pilatos, de que Cristo era um "homem justo", mas em 27.19 também lemos: "E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo". Tudo isso citado anteriormente nós encontramos apenas em Mateus. Em 26.63,64, encontramos, novamente, uma palavra característica omitida e dita a respeito dEle: "Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Disse-lhes Jesus: Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu". É somente neste Evangelho que temos a informação de que os judeus culpados clamaram: "Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!" (27.25). Novamente, Mateus é o único que nos informa sobre a inimizade de Israel que persegue o seu Messias mesmo depois da Sua morte (veja 27.62-64).

O capítulo final deste Evangelho é, também, impressionante. Mateus não faz nenhuma referência à ascensão de Cristo. Isso também se enquadra perfeitamente ao tema e ao propósito deste Evangelho. A cortina desce quando o Messias ainda está na terra, porque é na terra, e não no céu, que o Filho de Davi deve reinar em glória. É somente neste Evangelho que se registram estas palavras do Senhor: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (28.18), porque "autoridade" é a marca distintiva de um rei. Finalmente, os versos finais são uma adequada conclusão, porque retratam Cristo numa "montanha", ordenando e comissionando Seus servos para que vão e façam discípulos de todas as nações, concluindo com a confortante promessa: "E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século".



⁹ Versão RC.

CAPÍTULO 2

O Evangelho de Marcos

O Evangelho de Marcos se diferencia bastante do de Mateus tanto em sua natureza como em seu objetivo. As diferenças entre eles são muitas e marcantes. Mateus tem vinte e oito capítulos; Marcos, dezesseis. Mateus registra muitas parábolas; Marcos, apenas algumas. Mateus representa Cristo como o Filho de Davi; Marcos O retrata como o humilde mas perfeito Servo de Jeová. Mateus se destina particularmente (mas não exclusivamente) aos judeus, enquanto Marcos é especialmente adequado aos obreiros cristãos. Mateus expõe a dignidade e autoridade real de Cristo; Marcos O apresenta em Sua humildade e submissão. Mateus O descreve como Quem testa Israel; Marcos O apresenta servindo ao povo escolhido. Essa é uma das razões por que, sem dúvida, o Evangelho de Marcos é o segundo livro do Novo Testamento — da mesma forma que o Evangelho de Mateus, Marcos O vê em conexão com o povo de Deus do Antigo Testamento. O Evangelho de Lucas já tem objetivo mais amplo: vê Cristo em relação à raça humana. Enquanto isso, em João Ele é apresentado como Filho de Deus, espiritualmente associado à família da fé.

Ao examinarmos, agora, o conteúdo deste segundo Evangelho, queremos chamar a atenção para

I. COISAS QUE FORAM OMITIDAS DO EVANGELHO DE MARCOS

1. Da mesma forma que percebemos a habilidade de um artista pelas coisas que ele omitiu de sua pintura (o amador superlota a tela, acrescentando o que pode, enquanto há lugar vago), de forma que o olho experiente logo detecta a mão do Espírito Santo nas várias coisas incluídas e omitidas nas diversas seções das Escrituras. Vemos isso de forma notável no Evangelho de Marcos. Não encontramos aqui nenhuma genealogia, como Mateus o faz logo no início; omite-se a miraculosa concepção de Cristo, e não se faz menção ao Seu nascimento. Imagine, um Evangelho inteiro escrito, mas nenhuma referência feita ao nascimento do

Salvador! À primeira vista, isso é desconcertante, mas um pouco de reflexão nos assegura da divina sabedoria que orientou Marcos a nada dizer sobre isso. Quanto mais conseguimos divisar o propósito específico de cada um dos Evangelhos, tanto mais estaremos capacitados a valorizar as suas características individuais. O nascimento de Cristo foge dos limites deste segundo Evangelho, e isso também acontece com a Sua genealogia. Marcos apresenta Cristo como o Servo de Jeová, e tanto a genealogia como os detalhes do nascimento de um servo são assuntos de nenhum interesse e sem importância. Mas isso é uma das evidências da autoria divina dos livros da Bíblia! Suponhamos que Mateus tivesse omitido a genealogia, e ela tivesse sido incluída em Marcos; com isso, se teria destruído a unidade dos Evangelhos. Mas da mesma forma que o Criador pôs cada órgão no corpo no lugar mais apropriado possível, assim o Espírito Santo orientou o lugar de cada livro na Bíblia (cada membro desse organismo vivo), e cada detalhe de cada livro. Pela mesma razão que Marcos omite a genealogia, ele nada menciona da visita dos sábios, porque um “servo” não recebe honras! Marcos também omite aquilo que Lucas nos conta sobre Cristo como menino de doze anos no templo de Jerusalém, e Seu subsequente retorno a Nazaré, onde Ele continuou em sujeição a Seus pais. Isso tudo, embora sejam fatos interessantes em conexão com a humanidade de Cristo, são coisas irrelevantes na exposição da Sua função de servo.

2. No Evangelho de Marcos, não encontramos nenhum Sermão do Monte. Mateus dedica três capítulos inteiros a esse sermão, mas Marcos simplesmente não o registra, embora alguns de seus ensinamentos sejam encontrados aqui e ali neste segundo Evangelho. Poderíamos perguntar, então, por que Marcos omite esse tão famoso discurso de Cristo? Encontramos a resposta nas características e no propósito desse “Sermão”. Como já expusemos, o Sermão do Monte contém o Manifesto do Rei. Ele apresenta as leis do Seu reino, e descreve o caráter dos Seus súditos. Marcos, porém, apresenta Cristo como o perfeito Servo de Deus, e um servo não tem “reino”, e não faz “leis”. Daí porque é tão apropriado o “Sermão” em Mateus, e divinamente sábia a sua exclusão do Evangelho de Marcos.

3. Marcos registra bem menos parábolas do que Mateus. Em Marcos, temos quatro, enquanto em Mateus encontramos pelo menos catorze. Marcos nada diz sobre o dono de casa que contrata trabalhadores para a Sua vinha, exercendo Seu direito de fazer como bem quer com aquilo que Lhe pertence; porque, como servo de Deus, Ele é visto no lugar do trabalhador, em vez de ser visto na posição dAquele que contrata os outros. Marcos omite toda e qualquer referência à parábola das bodas do filho do rei, ao final da qual Ele é visto dando ordens sobre o homem sem as vestes nupciais, que seja amarrado e lançado nas trevas exteriores, porque essa não é uma prerrogativa de um servo. Nenhuma referência se faz à parábola dos talentos, neste Evangelho, porque como servo de Deus Ele nem dá talentos nem recompensa aqueles que os usam. Cada uma dessas parábolas, e muitas outras que se encontram em Mateus, são omitidas em Marcos, e essa omissão serve exatamente para expor a meticulosa perfeição de cada Evangelho.

4. Não se menciona absolutamente nada, no Evangelho de Marcos, sobre o governo de Cristo sobre os anjos, nem sobre o Seu direito de enviá-los para executar as Suas ordens; em lugar disso, encontramos aqui que “os anjos o serviam” (1.13).

5. Aqui não encontramos censura contra Israel, e não se pronuncia nenhum veredito contra Jerusalém, como vemos registrado nos outros Evangelhos. Também, em Mateus 23, o

“Filho de Davi” pronuncia uma solene série de sete “Ais” — Ele diz, ali: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas”; “Ai de vós, guias cegos”, etc. Mas nem mesmo uma palavra dessas se encontra em Marcos. A razão é óbvia. Não cabe ao servo julgar os outros, mas “deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente” (2 Timóteo 2.24). Temos ainda outra ilustração impressionante dessa mesma característica em conexão com nosso Senhor, ao purificar o Templo. Em Mateus 21.12, lemos: “Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas”, e logo em seguida somos informados que, “deixando-os, saiu da cidade para Betânia, onde pernoitou” (21.17). Mas Marcos simplesmente diz o seguinte: “E, quando entrou em Jerusalém, no templo, tendo observado tudo, como fosse já tarde, saiu para Betânia com os doze” (11.11). Marcos, com toda certeza, está escrevendo sobre o mesmo incidente. Ele menciona que o Senhor entrou no templo, mas nada diz sobre Cristo expulsar os que compravam e vendiam, nem sobre derrubar as mesas. Quão admirável é essa omissão. Como Messias e Rei, era apropriado que Ele purificasse o Templo maculado, mas no caráter de Servo, isso teria sido impróprio!

6. A omissão de tantos dos títulos divinos deste segundo Evangelho é muito significativa. Em Marcos, Ele nunca é reconhecido como “Rei”, salvo por zombaria. Nem lemos em Marcos, como em Mateus, “e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)”; e somente uma vez Ele é chamado “o Filho de Davi”. É muito impressionante perceber como o Espírito Santo evitou isso no segundo Evangelho. Quando relata a “entrada triunfal em Jerusalém”, ao descrever a aclamação do povo, Mateus diz: “E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!” (21.9). Mas no relato de Marcos lemos assim: “Tanto os que iam adiante dele como os que vinham depois clamavam: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino que vem, o reino de Davi, nosso pai! Hosana, nas maiores alturas!” Dessa forma se vê que o Servo de Deus não foi saudado, aqui, como “o Filho de Davi”. Juntamente com esse acontecimento, podemos pôr as palavras que nosso Senhor proferiu, uma semana antes, para anunciar a Sua “transfiguração”. Na descrição de Mateus, lemos que Ele disse a Seus discípulos: “Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino” (Mateus 16.28). Mas aqui em Marcos, somos informados que Ele disse aos discípulos: “Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus” (9.1). Como isso é significativo! Aqui se fala meramente do “reino de Deus”, em vez de falar do reino do próprio Cristo!

Mas o que mais é digno de nota aqui, em conexão com os títulos de Cristo, é o fato de que Ele tão frequentemente é chamado como “Mestre”, quando nas passagens paralelas dos outros Evangelhos Ele é chamado de “Senhor”. Por exemplo, em Mateus 8.25, lemos: “Mas os discípulos vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos!”; mas em Marcos: “eles o despertaram e lhe disseram: Mestre, não te importa que pereçamos?” (4.38). Com relação ao anúncio da Sua morte que havia de ocorrer, Mateus nos diz: “E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá” (16.22). Mas Marcos o registra assim: “Mas Pedro, chamando-o à parte, começou a

reprová-lo” (8.32), e aí ele pára. No monte da transfiguração, Pedro diz: “*Senhor*, bom é estarmos aqui” (Mateus 17.4); mas Marcos diz: “Então, Pedro, tomando a palavra, disse: *Mestre*, bom é estarmos aqui” (9.5). Quando o Salvador avisou que um dos Doze O trairia, Mateus nos diz: “E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura, sou eu, *Senhor?*” (26.22); mas Marcos nos diz assim: “E eles começaram a entristecer-se e a dizer-lhe, um após outro: Porventura, sou eu?” (14.19). Estes são apenas uns poucos exemplos que se podem citar como prova, mas são suficientes para expor essa impressionante e relevante característica do Evangelho de Marcos.

7. É muito interessante e instrutivo reparar nos vários eventos e circunstâncias relacionados aos sofrimentos de nosso Senhor que Marcos omite do seu Evangelho. Por exemplo, quando Ele chega às terríveis trevas do Getsêmani, Ele diz aos três discípulos: “fikai aqui e vigiai” (14.34), não “fikai aqui e vigiai *comigo*” como em Mateus (26.38), porque como o Servo, Ele Se volta unicamente para Deus em busca de conforto; e aqui nada se diz no final sobre um anjo do céu que apareceu e O confortava, porque como Servo Ele busca forças somente em Deus. Marcos nada menciona das palavras de Pilatos — “Eu não acho nele crime algum” nem somos informados a respeito da mulher de Pilatos aconselhando o marido “Não te envolvas com esse justo”, nem somos informados aqui sobre o retorno de Judas até os sacerdotes, dizendo: “Pequei, traindo sangue inocente”; tudo isso é omitido por Marcos, porque o Servo olha somente para Deus em busca de defesa. Nada se menciona em Marcos sobre as mulheres que seguiam a Cristo, enquanto Ele Se dirige ao local da execução, e que “batiam no peito e o lamentavam” (Lucas 23.27), porque por vezes ao sofrimento do Servo de Deus se nega a simpatia dos outros. São também omitidas aqui as palavras do ladrão moribundo: “Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino” (Lucas 23.42 — RC), porque neste Evangelho Cristo não é apresentado nem como Senhor, nem como Alguém que possui um “reino”. Também se omite o brado triunfante do Salvador, “Está consumado!”. À primeira vista, isso parece estranho, mas um pouco de reflexão haverá de descobrir a sabedoria divina nessa omissão. Não é o Servo que diz quando o trabalho está concluído — isso é Deus Quem decide!

Passemos, agora, a considerar

II. COISAS CARACTERÍSTICAS DO EVANGELHO DE MARCOS

1. O Evangelho de Marcos inicia de forma completamente diferente dos outros. Em Mateus, Lucas e João, encontramos uma prolongada introdução, mas em Marcos isso é muito diferente. Mateus registra a genealogia de Cristo, Seu nascimento, a visita e adoração dos sábios, a fuga para o Egito, e o subsequente retorno e residência em Nazaré; descreve detalhadamente tanto o Seu batismo como a Sua tentação, e somente no final do quarto capítulo chegamos ao Seu ministério público. Lucas inicia com alguns detalhes interessantes sobre a família de João Batista, descreve detalhadamente a conversa entre o anjo e a mãe do Salvador antes do Seu nascimento, registra o belo cântico de Maria, conta a visita dos anjos aos pastores de Belém quando Cristo nasceu; narra a apresentação de Cristo menino no templo, e menciona muitas outras coisas; e somente no quarto capítulo chegamos ao ministério público do Redentor. Assim também acontece com o Evangelho de João. Em primeiro lugar, temos

um longo prólogo, no qual nos são apresentadas as glórias divinas dAquele que Se fez carne; em seguida, vem o testemunho do Seu precursor sobre a divindade dAquele de Quem ele era o arauto; depois, temos a descrição de uma delegação enviada de Jerusalém que visita João para indagar quem ele é; finalmente, temos o testemunho do Batista de que Cristo é o Cordeiro de Deus; tudo isso antes que cheguemos a ler a narrativa de Cristo chamando Seus primeiros discípulos. Mas como é diferente — completamente diferente — a abertura do segundo Evangelho. Aqui temos um breve relato do Batista e do seu testemunho, algumas poucas palavras a respeito do batismo de Cristo e da Sua tentação, e depois, no verso catorze do primeiro capítulo, lemos: “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus”. Ficam em completo silêncio os primeiros trinta anos da Sua vida aqui na terra, e Marcos subitamente apresenta Cristo no início do Seu ministério público. *Marcos apresenta Cristo servindo de fato.*

2. O versículo inicial de Marcos é muito impressionante: “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Repare que aqui não se trata do “evangelho do reino” (como em Mateus), mas “o evangelho de Jesus Cristo”. Como é significativo o acréscimo “o evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Dessa forma o Espírito Santo resguardou a Sua glória divina no mesmo lugar onde é exposta a Sua humildade como “Servo”. Também devemos notar que a palavra “evangelho” se encontra com mais frequência em Marcos do que em qualquer dos outros Evangelhos. O termo “evangelho” ocorre doze vezes no total em Mateus, Marcos, Lucas e João, e nada menos que oito dessas menções se encontram em Marcos, de forma que a palavra “evangelho” se encontra duas vezes mais em Marcos do que em todos os outros três Evangelhos juntos! A razão é evidente: como o Servo de Jeová, o Senhor Jesus era o portador de boas novas, o arauto de alegres notícias! Que lição para levar a sério por todos os servos de Deus de hoje!

3. Outro termo característico que ocorre com maior frequência neste segundo Evangelho é a palavra grega “Eutheos”, que se traduz por “em seguida, imediatamente, instantaneamente”¹⁰ etc. Repare nalgumas das ocorrências dessa palavra apenas no primeiro capítulo: “Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele” (v.10). “E logo o Espírito o impeliu para o deserto” (v.12). “Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes. E logo os chamou. Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus” (vv.19,20). “Depois, entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga” (v.21). “E, saindo eles da sinagoga, foram, com Tiago e João, diretamente para a casa de Simão e André” (v.29). “Então, aproximando-se, tomou-a pela mão; e a febre a deixou, passando ela a servi-los” (v.31). “Fazendo-lhe, então, veemente advertência, logo o despediu” (v.43). Ao todo, essa palavra se encontra nada menos do que quarenta vezes no Evangelho de Marcos. É um termo muito sugestivo e significativo; salienta o caráter do Servo de Deus, mostrando-nos como Ele servia. Não havia morosidade na forma como Ele servia, mas Sua atitude sempre era “imediatamente”, “logo”, quando se tratava dos “negócios do Pai”. Não havia

¹⁰ Nas versões RC e RA, a variação de termos é bem menor do que na versão usada pelo Autor, a King James. Nas sete referências acima, a RC traduz tudo com a palavra “logo” (exceto no verso 31, onde não registra a palavra, mas traduz corretamente a idéia do original). A RA, como se vê na transcrição acima, traduz tudo “logo”, exceto no verso 29, onde usa “diretamente”, e usa o mesmo recurso da RC no verso 31. A NVI usa diversas palavras e expressões: Verso 10: “assim que”; v.12: “logo após”; vv.19,20: “logo”; v.21 e v.29: “logo que”; v.31: igual à RA; v.43: “em seguida”.

atrasos, nem adiamentos, mas tudo era “imediatamente, instantaneamente, em seguida, logo”. Ele executou o trabalho que Lhe foi designado. Essa palavra nos fala da *prontidão* do Seu serviço e a *urgência* da Sua missão. Não havia recuo, nem relutância, nem negligência, mas uma bendita instantaneidade em todo o Seu trabalho. Faremos bem se aprendermos esse perfeito exemplo que Ele nos deixou.

4. Vale a pena prestar atenção na maneira que vários dos capítulos deste segundo Evangelho se iniciam¹¹. Veja o primeiro versículo do capítulo 2: “E, alguns dias depois, entrou outra vez em Cafarnaum, e soube-se que estava em casa”. Também, vejamos o primeiro versículo do capítulo 3: “E outra vez entrou na sinagoga, e estava ali um homem que tinha uma das mãos mirrada”. Assim também o capítulo 4: “E outra vez começou a ensinar junto ao mar”. E o capítulo 5: “E chegaram à outra margem do mar, à província dos gadarenos”. Aparentemente, é algo trivial, contudo quão singular isso é! Já faz mais de dez anos que este Autor pela primeira vez observou essa característica do Evangelho de Marcos, e desde então, após a leitura de centenas de livros de várias espécies, ele não encontrou em nem sequer um só livro de autoria humana um capítulo que começasse com a palavra “E”. Faça a prova, leitor, com a sua própria biblioteca. Contudo, aqui, no Evangelho de Marcos, temos nada menos que doze capítulos que começam com “E”!

“E”, como se sabe, é uma conjunção que liga duas partes de um discurso, de uma fala; é o termo que une duas ou mais coisas. O serviço de Cristo, então, se caracterizava por aquilo que “E” significa. Em outras palavras, o Seu serviço era um conjunto completo e perfeito, *sem interrupções*. Ah, como é diferente do nosso! O seu e o meu serviço são tão desconjuntados. Servimos a Deus por um tempo, depois vem um afrouxamento, uma pausa, uma interrupção, seguida de um período de inatividade, antes que tornemos a recomeçar. Mas com Cristo não era assim. Seu serviço era uma série de atos perfeitos, adequadamente ligados, sem interrupções nem deformidades. “E”, portanto, característica do serviço de Cristo, nos fala de atividade incessante. Fala-nos da continuidade dos Seus labores. Mostra-nos como Ele estava pronto o tempo todo. Revela-nos como Ele nunca Se cansou de fazer o bem. Queira a graça de Deus fazer com que o “E” tenha maior proeminência em nosso serviço a Ele.

5. Na seção anterior, chamamos a atenção ao fato de que Marcos registra menos parábolas do que Mateus, e temos de acrescentar que, também, menos do que Lucas. Mas, por outro lado, Marcos narra mais milagres. Isso, também, se harmoniza ao propósito e objetivo deste segundo Evangelho. As parábolas contêm o ensino de nosso Senhor, enquanto os milagres são parte do Seu ministério ativo. A prestação de serviço consiste mais em ações do que em lições; mais em fazer do que em falar. Quão frequentemente nossa prestação de serviço é mais com a boca do que com as mãos. Somos bons no discurso, e péssimos nas obras!

Marcos registra apenas quatro parábolas, e é muito significativo que cada uma delas tem relação com a prestação de serviço. A primeira é a parábola do semeador, e ela apresenta o Salvador saindo com a Palavra (4.3-20). A segunda parábola é a da semente lançada na terra, que germinou e cresceu, e produziu primeiro a erva, depois, a espiga, depois, o grão cheio na espiga, e, por fim, a colheita (4.26-29). A terceira parábola é a do grão de mostarda (4.30-32). A quarta é a dos lavradores maus, que maltrataram os servos do dono da vinha, e por fim

¹¹ Na Versão RC.

acabaram matando o Seu Filho amado (12.1-9). Assim, reparemos que cada uma delas se refere ao ministério ou à prestação de serviço: as três primeiras com a semeadura da Semente, e a última com o Servo saindo para “receber do dono da vinha o fruto da Sua vinha”.

6. No Evangelho de Marcos, frequentemente se menciona a mão de Cristo, e isso é particularmente apropriado no Evangelho que trata do Seu serviço. Podemos denominá-lo apropriadamente de *O Ministério da Mão*. Essa característica aparece bem destacada quando examinamos as seguintes passagens: “Então, aproximando-se, *tomou-a pela mão*; e a febre a deixou, passando ela a servi-los” (1.31). “Jesus, profundamente compadecido, *estendeu a mão, tocou-o* e disse-lhe: Quero, fica limpo!” (1.41). “*Tomando-a pela mão*, disse: Talitá cumi!, que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te!” (5.41). “Então, lhe trouxeram um surdo e gago e lhe suplicaram *que impusesse as mãos sobre ele*” (7.32). Como isso é bonito. Divinamente esclarecidas, essas pessoas tinham aprendido a ternura e a eficiência da Sua mão. Lemos também: “Então, chegaram a Betsaida; e lhe trouxeram um cego, rogando-lhe *que o tocasse*” (8.22). Esses, também, tinham descoberto a alegria e o poder do Seu toque. “Jesus, *tomando o cego pela mão*, levou-o para fora da aldeia e, aplicando-lhe saliva aos olhos *e impondo-lhe as mãos*, perguntou-lhe: Vês alguma coisa? Este, recobrando a vista, respondeu: Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando. Então, novamente *lhe pôs as mãos nos olhos*, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguiu de modo perfeito. (8.23-25). Mais uma vez lemos: “Mas Jesus, *tomando-o pela mão*, o ergueu, e ele se levantou” (9.27). Quão abençoado é saber que cada cristão está firmemente seguro por essa mesma Mão abençoada (João 10.28).

7. O Espírito Santo também chamou especial atenção, neste Evangelho, aos *olhos* do Servo perfeito. “*Olhando-os* ao redor, indignado e condoído com a dureza do seu coração” (3.5). Como devem ter flamejado esses olhos santos ao contemplar aqueles que O condenavam por curar no sábadó o homem da mão ressequida! “E, *correndo o olhar* pelos que estavam assentados ao redor, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (3.34,35). Essa vez, os olhos do Salvador se voltaram aos Seus discípulos, e como devem ter-se enchido de amor ao voltar-Se para contemplar aqueles que haviam deixado tudo para segui-LO! “Jesus, porém, voltou-se e, *fitando* os seus discípulos, repreendeu a Pedro e disse: Arreda, Satanás!” (8.33). Que ênfase na cena toda: antes de repreender a Pedro, Ele primeiro voltou-se e, “fitou” os Seus discípulos! Com respeito ao jovem rico que chegou até Jesus, lemos aqui (e somente aqui): “E Jesus, *fitando-o*, o amou” (10.21). Que divina misericórdia e compaixão deve ter brilhado em Seus olhos naquele momento! Assim também lemos outra vez em 11.11: “E, quando entrou em Jerusalém, no templo, *tendo observado tudo*, como fosse já tarde, saiu para Betânia com os doze”. Como devem ter chamejado com justa indignação, à medida que contemplava a profanação da casa do Seu Pai! Essas passagens que mencionam o Salvador “olhando” e “fitando” nos falam do Seu cuidado, Sua atenção aos detalhes, Sua perfeição.

A seguir, queremos observar

III. A MANEIRA COMO CRISTO SERVIA

A fim de podermos descobrir a forma como Cristo servia, temos de examinar com atenção os detalhes daquilo que o Espírito Santo registrou aqui para nosso ensino e proveito, e para beneficiar nossos leitores vamos classificar cada item com um título apropriado.

1. *Cristo serviu sem nenhuma ostentação*

“Procuravam-no diligentemente Simão e os que com ele estavam. Tendo-o encontrado, lhe disseram: *Todos te buscam*. Jesus, porém, lhes disse: *Vamos a outros lugares*, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim” (Marcos 1.36-38). Esse incidente ocorreu quase no início do ministério público de nosso Senhor. Ele havia operado algumas maravilhas: vários enfermos tinham sido curados, e a Sua fama correra por toda a circunvizinhança e até para fora do país. Em consequência, grandes multidões O procuravam. Ele Se tornou a personalidade do momento. Mas qual foi a Sua reação a tudo isso? Em vez de permanecer no lugar onde ia receber os aplausos de uma multidão inconstante, Ele Se foi para pregar em outras cidades. Como isso destoa da atitude de muitos de nós hoje! Quando somos bem recebidos, quando nos tornamos o centro das atenções de uma multidão de admiradores, nosso desejo é permanecer por ali mesmo. Uma recepção desse tipo é agradável à carne; isso incentiva e sacia nosso orgulho. Gostamos de nos gabar das multidões que comparecem às nossas reuniões. Mas o perfeito Servo de Deus nunca jamais cortejou a popularidade; *Ele fugia dela!* E quando os Seus discípulos vieram contar-Lhe — sem dúvida nenhuma, com orgulhosa satisfação — “Todos te buscam”, a Sua reação imediata foi “Vamos a outros lugares”!

No final de Marcos 1, lemos de um leproso sendo curado pelo grande Médico, e, despedindo-o, lhe disse: “*Olha, não digas nada a ninguém*; mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo”. Totalmente diferente de muitos dos Seus servos de hoje, que não poupam esforços nem despesas *para chamar atenção para si mesmos!* Como somos totalmente diferentes dAquele que disse “Eu não aceito glória que vem *dos homens*” (João 5.41)! Não; Ele agiu sempre com os olhos voltados *unicamente* para a glória de Deus. Repare, também, como isso se tornou evidente nos acontecimentos que se seguiram ao milagre acima mencionado. O leproso curado não atendeu à advertência do seu Benfeitor; em vez disso, lemos que “tendo ele saído, entrou a propalar muitas coisas e a divulgar a notícia”. Como isso teria sido gratificante à maioria de nós! Mas não para Aquele que buscava unicamente a glória do Pai. Em vez de seguir o homem que tinha sido curado, para tornar-se objeto do olhar admirado e das expressões lisonjeiras dos amigos e vizinhos do leproso, lemos que essa divulgação do ex-leproso foi tal, “a ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade, *mas permanecia fora, em lugares ermos*”! Não haveremos nós de aprender deste incidente que, quando as pessoas começarem a “proclamar” o que Deus operou através de nós, será tempo de nos retirarmos, antes que recebamos a honra e a glória devidas a Ele somente?!

Em plena harmonia com o que acabamos de ver nos versos finais de Marcos 1, lemos nos primeiros versículos do próximo capítulo: “Dias depois, entrou Jesus de novo em Cafarnaum, e *logo correu que ele estava em casa*”, porque, sem dúvida, o leproso curado pertencia àquela

cidade altamente favorecida. Por essa razão é que O encontramos buscando a privacidade e a quietude da “casa”. Em 3.20, novamente, lemos: “Então, ele (e os Seus discípulos) *foi para casa*”. A razão por que fez isso foi para fugir das multidões, o que fica evidente das palavras que imediatamente se seguem: “Não obstante, a multidão afluiu de novo”. Novamente, em 7.17, somos informados: “Quando entrou em casa, *deixando a multidão*”! Quão diferente, tudo isso, de alguns dos Seus servos de hoje, cujo único grande objetivo parece ser buscar o apoio “do povo”, e a solicitação dos seus favores! Novamente, lemos em 9.28: “Quando *entrou em casa*, os seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expulsá-lo?” E uma vez mais, em 9.33, lemos: “Tendo eles partido para Cafarnaum, *estando ele em casa*, interrogou os discípulos: De que é que discorriéis pelo caminho?” Marcos — poderíamos acrescentar — é o único dos quatro evangelistas que volta sempre de novo à menção da “casa”. É apenas um dos pequenos traços do quadro todo que revela como não Se ostentava o perfeito Servo.

Nos versículos finais de Marcos 7, encontramos o registro do milagre de Cristo restaurando um surdo e gago. E no capítulo oito se encontra o registro da cura de um cego que, ao primeiro toque da mão do Senhor viu os homens como árvores, andando; mas ao segundo toque, “tudo distinguia de modo perfeito”. Marcos é o único que registra esses dois milagres. Uma das razões por que são incluídos aqui está numa característica comum aos dois. Em 7.36, lemos: “Mas lhes ordenou *que a ninguém o dissessem*; contudo, quanto mais recomendava, tanto mais eles o divulgavam”. Em relação ao último milagre, lemos: “E mandou-o Jesus embora para casa, recomendando-lhe: *Não entres na aldeia*¹²” (8.26). Que lição para cada um de nós: o serviço perfeito é prestado a Deus somente, e muitas vezes não é visto nem apreciado pelos homens, nem recebe gratidão da parte deles. O Servo de Jeová pôs um véu sobre os Seus atos de misericórdia e graça.

2. Cristo serviu com grande ternura

Isso transparece inúmeras vezes neste segundo Evangelho. Seleccionamos quatro exemplos e, para melhor apreciá-los, citaremos primeiro as referências paralelas nos demais Evangelhos, antes de considerar a descrição que Marcos faz dos mesmos fatos. “Deixando ele a sinagoga, foi para a casa de Simão. Ora, a sogra de Simão achava-se enferma, com febre muito alta; e rogaram-lhe por ela. Inclinando-se ele para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou; e logo se levantou, passando a servi-los” (Lucas 4.38,39). “A sogra de Simão achava-se acamada, com febre; e logo lhe falaram a respeito dela. Então, aproximando-se, *tomou-a pela mão*;¹³ e a febre a deixou, passando ela a servi-los” (Marcos 1.30,31). Que belo toque, esse, na descrição deste quadro! Como isso nos revela que a prestação de serviço de Cristo não era algo meramente formal, feito com indiferença mecânica, mas que Ele Se aproximou daqueles a quem ministrava e Se envolveu emocionalmente, com simpatia, com a situação deles.

Em Lucas 9, lemos a respeito do pai que saiu em busca do Senhor Jesus em favor do seu filho endemoninhado. Lemos a respeito da cura desse menino: “Jesus repreendeu o espírito

¹² Na tradução do Autor (King James), lê-se “Não entres na aldeia, *nem o contes a ninguém da aldeia*”. Conferem com essa tradução a de Reina-Valera (espanhol) e a de Lutero (alemão). A NVI registra o texto assim: “Não entre no povoado!”, e acrescenta, em nota de rodapé, o seguinte: “Vários manuscritos acrescentam *nem conte nada a ninguém no povoado*”.

¹³ A Versão RC acrescenta “e levantou-a”. A NVI diz “tomou-a pela mão e ajudou-a a levantar-se”.

imundo, curou o menino e o entregou a seu pai” (9.42). Marcos, porém, introduz na descrição um detalhe característico, omitido por Lucas: “Mas Jesus, *tomando-o pela mão, o ergueu*, e ele se levantou” (9.27). Não havia indiferença nem apatia da parte do perfeito Servo de Jeová. Que censura isso não traz aos pregadores que se julgam tão superiores, que acham até ser indigno apertar as mãos daqueles a quem acabaram de ministrar a Palavra! Segurar alguém “pela mão” é aproximar-se do seu coração. Procuremos servir do mesmo jeito que Cristo o fez.

Em Mateus 18.2, lemos: “E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles”. Já Marcos diz: “Trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e, *tomando-a nos braços*, disse-lhes” (9.36). Novamente, em Mateus 19.13-15, lemos o seguinte: “Trouxeram-lhe, então, algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus. E, tendo-lhes imposto as mãos, retirou-se dali”. Uma vez mais podemos observar como Marcos acrescenta uma descrição peculiar sua: “Então, lhe trouxeram algumas crianças para que as tocasse, mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus. Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele. Então, *tomando-as nos braços* e impondo-lhes as mãos, as abençoava” (10.13-16). Que *ternura* esses atos revelam! E que exemplo Ele nos deixou!

3. Cristo serviu enfrentando grande oposição

Temos de fazer uma rápida análise de como Marcos apresenta o assunto, em vez de analisar cada passagem, embora uma menção aqui e ali, talvez, não deixe de ser adequada.

“Mas alguns dos escribas estavam assentados ali e *arraçoavam em seu coração*: Por que fala ele deste modo? *Isto é blasfêmia!* Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?” (2.6,7). “Os escribas dos fariseus, vendo-o comer em companhia dos pecadores e publicanos, perguntavam aos discípulos dele: Por que come e bebe ele com os publicanos e pecadores?” (2.16). “Advertiram-no os fariseus: Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados?” (2.24). O servo de Deus pode ter certeza de que vai ser mal compreendido, e deve aguardar crítica e oposição. “E estavam observando a Jesus para ver se o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem” (3.2). Além do mais, o servo de Deus continuamente está sendo observado por olhos hostis! “Retirando-se os fariseus, conspiravam logo com os herodianos, contra ele, em como lhe tirariam a vida” (3.6). Cada partido que havia estava “contra” Ele — todos Lhe faziam oposição. “Os escribas, que haviam descido de Jerusalém, diziam: Ele está possesso de Belzebu. E: É pelo maioral dos demônios que expelle os demônios” (3.22). É provável que o servo receba apelidos e seja chamado por nomes desagradáveis. “E entraram a rogar-lhe que se retirasse da terra deles” (5.17). A presença de Cristo não era desejada. O Seu testemunho condenava os Seus ouvintes. Assim será também agora, com todo servo de Deus que for *fiel*. “*E riam-se dele*” (5.40). Ser olhado com desprezo e zombado, então, não é nada novo: basta ao discípulo sofrer aquilo que o seu Mestre sofreu antes dele. “E escandalizavam-se nele” (6.3). Nem todos se agradaram do Cristo de Deus; longe disso. Mas sejamos cautelosos, para não dar aos outros razão de se escandalizarem, além da razão que o próprio Senhor deu! “Não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos” (6.5). O servo de Deus haverá de chegar a lugares impróprios para ministério efetivo, onde a

incredulidade do povo que se diz do Senhor impedirá a obra do Espírito de Deus. “Ora, reuniram-se a Jesus os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém. E, vendo que alguns dos discípulos dele comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar”¹⁴ (7.1,2). Apesar disso, o Senhor Jesus recusou sujeitar-Se às suas tradições, nem deixou que Seus discípulos fossem escravizados por elas. Também os servos de Deus, se fizerem pouco caso do “não toques, não proves, não manuseies” dos homens, têm de se preparar para serem repreendidos e reprovados por isso. “E, saindo os fariseus, puseram-se a discutir com ele; e, tentando-o, pediram-lhe um sinal do céu” (8.11). Dessa mesma forma, os emissários do Inimigo tentarão, hoje, confundir e enlaçar os servos de Deus. Compare com Marcos 10.2. “E os principais sacerdotes e escribas ouviam estas coisas e procuravam um modo de lhe tirar a vida; pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava de sua doutrina” (11.18). Eles tinham inveja da Sua influência. E a natureza humana não mudou nada, desde então! “Então, regressaram para Jerusalém. E, andando ele pelo templo, vieram ao seu encontro os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos e lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu tal autoridade para as fazeres?” (11.27,28). Como a história se repete! Em que escola você se formou? Em que Seminário você foi treinado? — esses são os equivalentes modernos das perguntas dos principais sacerdotes, escribas e anciãos. “E enviaram-lhe alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o apanhassem em alguma palavra” (12.13). E alguns dos seus descendentes ainda vivem, e aí do homem que falha na pronúncia dos seus xiboletes! Que enormidade de textos é essa! E de forma alguma exaurimos o assunto; veja também 12.18; 12.28; 14.1, etc. O tempo todo, o perfeito Servo de Deus foi molestado por Seus inimigos; a cada passo, de uma forma ou de outra, Ele encontrou oposição e foi perseguido. E essas coisas foram todas registradas para nossa instrução. O Inimigo continua vivo e ativo. Os servos de Deus, hoje, são chamados a trilhar esse mesmo caminho do seu Senhor.

4. Cristo serviu com muito auto-sacrifício

“Então, ele foi para casa. Não obstante, a multidão afluiu de novo, de tal modo que nem podiam comer” (3.20). Era dessa forma que Ele estava: totalmente à disposição dos outros. Ele sabia exatamente o que significava gastar tempo com os outros e doar-se e exaurir-se inteiramente por eles!

“Naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes Jesus: Passemos para a outra margem. E eles, despedindo a multidão, o levaram assim como estava, no barco; e outros barcos o seguiam” (4.35,36). Isso é emocionante! Uma análise do contexto, juntamente com as passagens paralelas dos outros Evangelhos nos revela que esse entardecer era o final de um dia agitado e atarefado. Desde cedo de manhã até o pôr do sol, o Mestre estivera ministrando aos outros, e agora Ele está tão cansado e esgotado das Suas atividades, que teve de ser levado “assim como estava” para dentro do barco! “Assim como estava” — quanta coisa não está por trás dessas palavras? Ah, obreiro cristão, a próxima vez que você estiver no final de um dia cheio de trabalho para o Senhor, com a mente cansada e as forças em frangalhos, lembre-se de que o seu Senhor, antes de você, soube o que é cair de cansaço (veja 4.38) de tal forma que nem a tormenta O pôde acordar!

¹⁴ A Versão RC, à semelhança da King James, acrescenta “e os repreendiam”. Reina-Valera (espanhol), diz “os condenavam”.

“E ele lhes disse: Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto; *porque eles não tinham tempo nem para comer*, visto serem numerosos os que iam e vinham” (6.31). Essa era a forma de servir do perfeito Obreiro de Deus. Sempre solícito quanto aos negócios do Seu Pai: sem descanso, sem tempo livre, às vezes tão atropelado pela multidão que passou sem as refeições que Lhe eram devidas.

Para Cristo, servir *custou-Lhe caro*. Repare em como isso fica evidente nas seguintes passagens. “Olhando-os ao redor, indignado e *condóido* com a dureza do seu coração” (3.5). Ele não era nenhum estóico indiferente. “depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá!, que quer dizer: Abre-te!” (7.34). A prestação de serviço de Cristo não se dava de modo formal e indiferente; pelo contrário, Ele entrava na situação do sofredor, identificando-Se com ele, simpatizando com o necessitado. “Jesus, porém, *arrancou do íntimo do seu espírito um gemido* e disse: Por que pede esta geração um sinal?” (8.12). Dessa forma Ele Se ofendeu e considerou como algo pessoal a triste incredulidade daqueles a quem estava ministrando. Ele sofreu tanto por dentro como por fora.

“Então, ele foi para casa. Não obstante, a multidão afluiu de novo, de tal modo que nem podiam comer. E, *quando os parentes de Jesus* ouviram isto, saíram para o prender; *porque diziam: Está fora de si*” (3.20,21). Isso mostra quão incapazes eles eram de penetrar os pensamentos de Deus. Eles tentaram impedi-LO no cumprimento da vontade de Deus. A intenção deles era boa, sem dúvida, mas era zelo “sem entendimento”. É um tremendo alerta a todos os servos de Deus. Cuidado com “amigos” bem-intencionados que, sem discernimento apropriado, podem tentar atrapalhar aquele que se rendeu totalmente a Deus e que pode dizer, como o apóstolo Paulo, “em nada considero a vida preciosa para mim mesmo” (Atos 20.24).

5. Cristo serviu de forma organizada

Essa verdade se evidencia de maneira incidental, através de vários relatos que encontramos apenas em Marcos, dos quais selecionamos apenas dois. Em 6.7, lemos: “Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los *de dois a dois*, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos”. Novamente, quando estava para alimentar a multidão faminta, somos informados que “Então, Jesus lhes ordenou que todos se assentassem, em grupos, sobre a relva verde. E o fizeram, repartindo-se em grupos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta” (6.39,40). Que atenção dispensada aos detalhes! E como isso reprova tanto trabalho negligente de nossa parte! Se as Escrituras ordenam “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças”, então, com certeza, nosso serviço a Deus exige de nossa parte todo cuidado e oração atenciosa! Deus nunca é autor de confusão, como nos mostra claramente aqui o exemplo de Cristo.

6. O serviço de Cristo era motivado pelo amor

“Jesus, *profundamente compadecido*, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo!” (1.41). “Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão *e compadeceu-se deles*, porque eram como ovelhas que não têm pastor. E passou a ensinar-lhes muitas coisas” (6.34). “*Tenho compaixão desta gente*, porque há três dias que permanecem comigo e não têm o que comer” (8.2). Marcos é o único dos evangelistas que introduz essa amorosa e comovente

observação nesta narrativa. E como isso repreende este escritor por sua dureza de coração e indiferença para com os que perecem ao seu redor! Como é difícil encontrar, hoje, real compaixão! “E Jesus, fitando-o (ao jovem rico), *o amou*” (Marcos 10.21). Marcos é o único que nos diz isso, como que para nos dizer que toda prestação de serviço sem amor é absolutamente estéril.

7. Cristo orava, antes de dedicar-Se ao serviço

“Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava” (1.35). Marcos é o único que registra este fato. E é muito significativo que esse relato se encontre no primeiro capítulo, como que nos desvendando o segredo da singularidade e perfeição do serviço de Cristo!

Há muito mais coisas peculiares a este segundo Evangelho, que não vamos considerar agora. Para encerrar, poderíamos chamar sua atenção à forma com que Marcos conclui: “E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, *cooperando com eles o Senhor* e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam” (16.20). Quão significativo e apropriado! Na última visão que temos aqui do perfeito Servo de Deus Ele continua “trabalhando”. Agora, não mais sozinho, mas “com eles”, com os Seus servos.

Terá sido vão todo o nosso estudo dessa maravilhosa visão de Cristo — a não ser que ele nos tenha induzido o coração, com renovado vigor, a obedecer à admoestação de Deus através do Seu apóstolo: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e *sempre abundantes na obra do Senhor*, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1 Coríntios 15.58).



CAPÍTULO 3

O Evangelho de Lucas

A posição numérica ocupada por Lucas no Cânon Sagrado é, obviamente, uma chave para a sua interpretação. É o terceiro livro do Novo Testamento, e o quadragésimo segundo da Bíblia toda. Cada um desses números é profundamente significativo e sugestivo. Três é o número da *manifestação* — particularmente a manifestação de Deus e das Suas atividades. É nas três Pessoas da Bendita Trindade que Se revela plenamente o único e verdadeiro Deus vivo. Daí, também, três é o número da ressurreição, porque é na ressurreição que a vida se manifesta plenamente. De forma correta, então, o Evangelho de Lucas é o terceiro livro do Novo Testamento, porque aqui nos é mostrado, como em nenhum outro lugar tão plenamente, *Deus manifestado em carne*. Mas o Evangelho de Lucas é, também, o quadragésimo segundo livro da Bíblia, e isso é até mais significativo (se isso for possível), porque 42 é 7 x 6, e sete representa a perfeição, enquanto seis é o número do homem: coloque os dois juntos, e obtemos *o Perfeito Homem!* E é exatamente isso que o Espírito Santo nos apresenta neste quadragésimo segundo livro da Bíblia. Isso é evidência não só da divina inspiração das Escrituras, mas também que Deus supervisionou de forma inerrante até mesmo a localização física dos diferentes livros do Cânon Sagrado da forma que o conhecemos atualmente!

O Evangelho de Lucas se ocupa com a humanidade de nosso Senhor. Em Mateus, Cristo é mostrado testando Israel, e é por isso que o seu Evangelho ocupa o primeiro lugar no Novo Testamento, como o elo necessário entre o Antigo e o Novo. Em Marcos, Cristo aparece servindo Israel, e é por isso que o seu Evangelho aparece em segundo lugar. Mas em Lucas o propósito do escritor se alarga: aqui Cristo é visto em seus relacionamentos raciais como Filho do Homem, distinto dos filhos dos homens. Em João, revela-se a mais alta glória de Cristo, porque ali Ele é visto como o Filho de Deus, e é apresentado em conexão não com Israel, não com os homens como homem, mas com os crentes. Dessa forma, podemos admirar a divina sabedoria no arranjo e disposição dos quatro Evangelhos, e ver a bela gradação produzida pela sequência em que aparecem. Mateus destina-se especialmente aos judeus; Marcos é

singularmente apropriado aos servos de Deus; Lucas se adapta ao gênero humano — a todos os homens; enquanto João é aquele em que a Igreja encontrou seu principal deleite.

O Evangelho de Lucas, então, é o Evangelho da humanidade de Cristo. Ele nos mostra Deus manifesto em carne. Ele apresenta Cristo como o *Filho do Homem*. Ele observa o Senhor da glória que desceu ao nosso nível, participando das nossas condições (exceto o pecado), sujeito a nossas circunstâncias, vivendo a Sua vida no mesmo plano em que vivemos a nossa. Contudo, enquanto é visto misturando-Se com os homens, em todos os sentidos, Ele surge em nítido contraste com esses mesmos homens. Havia uma grande diferença entre Cristo como o Filho do Homem e qualquer outro de nós como filho de homem, da mesma forma que agora existe entre Ele como Filho de Deus, e qualquer crente como filho de Deus. Essa diferença não era meramente relativa, mas absoluta; não apenas incidental, mas de essência; não era questão de graus, mas de espécie. O *Filho do Homem* predizia a singularidade da Sua humanidade. A humanidade de nosso Senhor foi gerada de forma miraculosa, era intrinsecamente santa em sua natureza, e, por isso, não viu corrupção na morte. Como Filho do Homem, Ele nasceu como ninguém jamais nasceu, viveu como ninguém jamais viveu, e Ele morreu como ninguém jamais poderia fazê-lo.

A humanidade de Cristo, assim como qualquer outra coisa associada à Sua inigualável pessoa, tem de ser examinada e tratada com profunda reverência e cuidado. Especular a respeito do assunto é agir de forma profana. Nem por um momento se devem admitir conjecturas precipitadas e levianas. Tudo o que se pode saber a respeito do assunto foi revelado nas Escrituras. Muitas coisas escritas sobre o assunto — coisas que desonram nosso Senhor — nunca teriam sido escritas, se alguns de nossos teólogos tivessem sido mais fiéis ao que o Espírito Santo disse sobre o assunto; e se eles se tivessem exercitado com mais cuidado em manter “o padrão das sãs palavras”. A pessoa do Deus-Homem não nos é apresentada para uma análise intelectual, mas para que O adoremos em nosso coração. Não é sem razão que somos expressamente advertidos: “sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne”¹⁵ (1 Timóteo 3.16).

À medida que examinarmos, com oração, a Palavra escrita, haveremos de descobrir o cuidado divino em preservar as perfeições da humanidade de nosso Senhor, e em salientar o seu caráter santo. Isso transparece não apenas em referências diretas à Sua pessoa, mas também nos tipos e nas profecias do Antigo Testamento. O *cordeiro*, que O retratava como o sacrifício designado pelo pecado, tinha de ser *sem defeito e sem mácula*, e nas próprias casas onde seria comido o cordeiro não podia haver nem vestígio de fermento (figura do mal). O *maná*, que falava de Cristo como o alimento do povo de Deus, é descrito como de cor *branca* (Êxodo 16.31). A oferta de farinha, que apontava diretamente à humanidade de Cristo, somente podia ser de *fina flor* (Levítico 2.1), ou seja, flor sem nenhum grão nem irregularidade alguma; mais ainda, ela tinha de ser apresentada ao Senhor acompanhada de *óleo* e *incenso*, os quais eram símbolos do Espírito Santo, e da fragrância da pessoa de Cristo. José, o mais destacado de todos

¹⁵ Texto da SBTB. Tanto a Versão RC como a RA traduzem este texto assim: “grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne...” (RA) e “sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne...” (RC). A NVI traz o seguinte: “é grande o mistério da piedade: Deus foi manifestado em corpo...”. Com a Versão da SBTB, conferem também as traduções King James (inglês), Reina-Valera (espanhol) e de Lutero (alemão).

os tipos de Cristo, era, conforme somos informados, “formoso de porte e de aparência” (Gênesis 39.6).

Essa mesma característica se destaca nas profecias que se referem à humanidade dAquele que haveria de vir. Ele seria concebido no ventre de uma *virgem* (Isaías 7.14). A respeito dEle, como Aquele que se fez carne, disse Deus: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito” (Isaías 42.1). Com respeito aos méritos do Filho do Homem, o Espírito da profecia declara: “Tu és o mais formoso dos filhos dos homens; nos teus lábios se extravasou a graça; por isso, Deus te abençoou para sempre” (Salmo 45.2). Acerca da impecabilidade dAquele que foi cortado da terra dos vivos, lemos o seguinte: “nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca” (Isaías 53.9). Antecipando com ansiedade o tempo quando a Sua humanidade teria de passar pela morte mas sem corrupção, foi dito a respeito dEle: “cuja folhagem não murcha” (Salmo 1.3) — contraste com isto: “todos nós murchamos como a folha” (Isaías 64.6).

Passando, agora, ao Novo Testamento, podemos observar quão cuidadosamente Deus distinguiu o Homem Cristo Jesus de todos os demais homens. Em 1 Timóteo 3.16, lemos: “sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne ...”¹⁶. É digno de nota o fato de que, no grego, não existe artigo definido antes do termo *carne*: o que o Espírito Santo diz, na verdade, é “Deus se manifestou em carne”. Manifesto em *carne* Ele foi, mas não *na* carne, porque isso remeteria à natureza humana decaída, da qual participam todos os depravados descendentes de Adão. Deus Se manifestou não *na* carne, mas *em* carne — carne santa e sem pecado. Oh! Maravilhosa e minuciosa precisão das Escrituras! Da mesma forma, quanto à humanidade de Cristo, lemos: “Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa” (Romanos 8.3). A imaculada e perfeita humanidade do Salvador não era pecaminosa como a nossa, mas era somente semelhança de forma exterior. Conforme a declaração de Hebreus 7.26, Ele era “santo, inculpável, sem mácula, *separado dos pecadores*”. Ele era separado dos pecadores também na forma santa com que viveu aqui neste mundo. Ele “não conheceu pecado” (2 Coríntios 5.21); Ele “não cometeu pecado” (1 Pedro 2.22); Ele era “sem pecado” (Hebreus 4.15); por essa razão Ele podia dizer: “aí vem o príncipe do mundo (Satanás); e ele nada tem em mim” (João 14.30).

Em harmonia com o tema do Evangelho de Lucas, temos aqui a mais rica descrição dos detalhes relativos ao miraculoso nascimento do Senhor Jesus. Aqui lemos: “No sexto mês (quão significativo é este número a esta altura, pois seis é o número do homem), foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria” (Lucas 1.26,27). Por duas vezes aparece aqui a menção de que Maria era uma virgem. Seguindo avante, lemos: “E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo”¹⁷ Essa saudação perturbou Maria, pois ela não entendeu de que se tratava. O anjo continuou: “Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus, E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus”. Maria, em resposta, pergunta: “Como se fará isso, visto que não conheço varão?” E o anjo responde: “Descerá sobre

¹⁶ Veja a nota de rodapé nº 1.

¹⁷ A Versão RC acrescenta “*bendita és tu entre as mulheres*”.

ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lucas 1.35).

Nas Escrituras, sempre que o Espírito Santo desce *sobre* uma pessoa, Ele o faz com o objetivo de efetuar uma obra sobrenatural, divina. A promessa do anjo — “a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra” — sugere duas coisas: ela seria protegida pelo próprio Deus (encontramos o cumprimento dessa promessa em Mateus 1.19,20); e também essa palavra é um aviso de que o *modus operandi* desse milagre seria algo oculto para nós. As palavras do anjo a Maria — “o ente santo que há de nascer” — tem sido um grande quebra-cabeças para os comentaristas. Apesar disso, o sentido dessa expressão é muito simples. Ela não se refere, de forma concreta, à pessoa de nosso Senhor, mas sim, abstratamente, à Sua humanidade. Essa expressão nos chama a atenção à singularidade da Sua humanidade. Ela está em intencional contraste com a nossa própria humanidade. Confronte as palavras de Lucas 1.35 com Isaías 64.6 — “todos nós somos como o imundo” — e o seu sentido ficará evidente. Se olharmos nossa natureza humana de forma abstrata (ou seja, à parte de suas ações pessoais) é, em essência, *imunda*, ao passo que aquela que o Filho de Deus recebeu quando assumiu forma humana, não somente era incapaz de pecar (o que é meramente uma constatação negativa), mas era inerentemente e positivamente santa. Dessa maneira a humanidade de Cristo diferia da humanidade de Adão. Adão, antes de cair em pecado, era apenas inocente (novamente, uma característica negativa), mas Cristo era santo. Talvez seja bom fazermos algumas observações, a esta altura, a respeito da tentação de nosso Salvador.

Ouvimos, com frequência, pregadores afirmando que nosso Senhor poderia ter capitulado diante das incitações de Satanás, e que, dizer que Ele não podia ceder, é privar o Seu conflito com o diabo de todo o seu significado. Mas isso não é apenas um engano, é um grave erro. Isso desonra a pessoa de nosso bendito Senhor. Isso nega a Sua impecabilidade. Isso desacredita a Sua própria declaração de que Satanás não tinha *nada* a Ele — nada a que ele pudesse apelar. Se tivesse sido possível ao Salvador ceder aos apelos do diabo naquela ocasião no deserto, então por quarenta dias a salvação de todos os eleitos de Deus (sem falar da execução do eterno propósito de Deus) esteve em perigo; e isso, evidentemente, é algo impensável. Mas, alguém pode perguntar: Se não havia possibilidade de Cristo ceder, por que então foi Ele tentado? Se Ele não podia pecar, será que isso não foi uma representação sem significado, permitir que Satanás tentasse a Cristo? Esse tipo de pergunta só faz uma coisa: revela a deplorável ignorância de quem as faz.

Um fato que deveria ser de conhecimento de todos é que a palavra *tentação* tem duplo significado, um significado primário e outro secundário. É a aplicação do sentido secundário do termo, quando usado em Mateus 4 e nas passagens paralelas, que tem conduzido tantos ao erro neste assunto. A palavra *tentar* significa, literalmente, *estender, esticar*, como para testar a resistência de alguma coisa. Sua origem é do latim, *tempto* — fazer experiência de. A palavra *tentativa* possui o mesmo elemento de composição (tent-), e nos ajuda a entender o que estamos explicando. *Tentar*, então, primariamente significa *testar, colocar à prova*. É somente no seu sentido secundário que a palavra passou a significar *incitar para o mal*. Em Gênesis 22.1, lemos: “E aconteceu, depois destas coisas, que tentou Deus a Abraão” — Versão Revista e Corrigida¹⁸. Mas Deus não incitou Abraão para o mal, uma vez que “Deus não pode ser tentado

¹⁸ A Versão RA registra exatamente como argumenta o Autor: “Depois dessas coisas, pôs Deus Abraão à prova e lhe disse...”

pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta (no sentido que estamos considerando)” (Tiago 1.13). Assim, também, lemos: “A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (Mateus 4.1). O propósito dessa tentação não era descobrir se o Salvador cederia ou não a Satanás, mas para demonstrar que Ele não podia fazê-lo. Seu propósito era expor a Sua impecabilidade, proclamar o fato de que não havia *nada* nEle a que Satanás pudesse apelar. Foi para que Cristo pudesse ser provado e testado: assim como a rosa, quanto mais ela é esmagada, mais evidencia a sua fragrância; assim as investidas do diabo contra o Deus-Homem serviram apenas para salientar as Suas perfeições, e dessa forma revelá-LO como plenamente qualificado para ser o Salvador dos pecadores.

O fato de o Salvador não poder pecar não tira da tentação o seu significado, ele apenas nos ajuda a discernir o seu verdadeiro sentido. É somente porque Ele era o Santo de Deus que Ele sentiu a força dos dardos inflamados de Satanás de uma forma jamais possível a nenhum homem pecador. É impossível encontrar alguma analogia no âmbito humano, uma vez que o Senhor Jesus é absolutamente singular. Mas vamos tentar ilustrar o princípio aqui envolvido. Será verdade que um homem, quanto mais fraco for moralmente, mais vai sentir a força da tentação? É evidente que não. É o homem moralmente forte que sente a força da tentação. Um homem enfraquecido pelo pecado em seus músculos morais se vê enfraquecido na sensibilidade quando na presença da tentação. Por que será que o jovem crente pergunta: “Como é que pode ser que, agora que me tornei cristão, estou sendo tentado a fazer coisas erradas cem vezes mais do que antes de me converter?” A resposta certa para essa pergunta é: “Você não está sendo tentado mais do que antes”; mas é a vida de Cristo dentro dele que o tornou mais atento, mais pronto, mais sensível à força da tentação. Reconhecemos que é uma ilustração fraca, mas tente multiplicar o princípio infinitamente, e aplique-o a Cristo. Talvez, fazendo isso, em vez de dizer que, porque Ele não tinha pecado nem podia pecar, a tentação foi, por causa disso, sem significado, talvez você descubra um significado mais profundo nela, e aprecie, como nunca antes, o vigor destas palavras: “naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado” (Hebreus 2.18). Talvez alguém insista em perguntar: Mas isso não rouba do Salvador a capacidade de simpatizar comigo quando eu sou tentado? Mil vezes não!, respondemos nós. Mas é de temer que essa última pergunta seja, na verdade, uma evasiva. Será que a pessoa que pergunta isso não está querendo dizer, de fato, no fundo do coração, “Será que Cristo simpatiza comigo quando eu cedo à tentação?” O simples fato de pôr a pergunta dessa forma já dá resposta a ela. Por ser santo, Cristo nunca jamais simpatiza com o pecado. Aqui está, então, a diferença vital: quando Cristo foi tentado, Ele *sofreu*, mas quando nós somos atraídos pela tentação, nós temos prazer nela. Se, porém, buscamos graça para nos guardar na tentação, e não nos deixamos atrair por ela, então haveremos de sofrer também, mas aí também teremos um fiel e misericordioso Sumo Sacerdote que é competente não só para simpatizar conosco, mas também “é poderoso para socorrer os que são tentados” (Hebreus 2.18). Nossa digressão sobre a humanidade de Cristo (e em consequência sobre a Sua impecabilidade) se estendeu bastante, mas nos estendemos porque julgamos que era necessário.

Como já dissemos, a abrangência do Evangelho de Lucas é mais ampla do que a dos dois que o precedem, nos quais Cristo é visto em conexão com Israel. Mas aqui não encontramos limitações nacionais. O “Filho de Davi” do primeiro Evangelho, se dilata para o “Filho do Homem” no terceiro Evangelho. Como “Filho do Homem”, Ele é o Homem Católico. Ele está

ligado, embora de forma distinta, a toda a raça humana. O Evangelho de Lucas, por isso, num sentido bem especial, é o Evangelho dos gentios, da mesma forma que Mateus é o Evangelho dos judeus. Não é de surpreender, então, que o escritor desse Evangelho fosse, ele mesmo, com toda a probabilidade, um gentio — o único em toda a Bíblia. Os estudiosos, em geral, admitem que Lucas é abreviação do latim *Lucanus* ou *Lucius*. Encontramos o seu nome duas vezes nas epístolas paulinas, numa lista de nomes gentios — veja 2 Timóteo 4.10-12 e Filemon 24. Também é digno de nota que este terceiro Evangelho seja endereçado não a um judeu, mas a um gentio de nome *Teófilo*, que significa *amado de Deus*. É neste Evangelho gentio, e em nenhum outro, que Cristo é apresentado como o bom samaritano. Obviamente, isso soaria deslocado no Evangelho de Mateus, mas aqui — quão inteiramente adequado é! Assim, também, é apenas aqui que somos informados que, “até que os tempos dos gentios se completarem, Jerusalém será pisada por eles” (Lucas 21.24). Além disso, é neste Evangelho que, ao descrever o tempo do fim, aprendemos que Cristo contou a Seus discípulos a seguinte parábola: “Vede a figueira e todas as árvores” (21.29). Mateus menciona a mesma coisa (24.32), uma vez que a figueira é o conhecido símbolo de Israel, mas somente Lucas adiciona a expressão “e todas as árvores”, salientando dessa forma a abrangência internacional do seu Evangelho. O estudante cuidadoso haverá de descobrir outros exemplos dessa mesma característica em Lucas.

De volta ao tema central deste Evangelho, podemos observar que “o Filho do Homem” liga Cristo com a terra. É o título que Cristo mais usa quando Se refere a Si mesmo. Nem sequer uma vez Ele é chamado dessa forma por alguma outra pessoa. A primeira ocorrência desse título se encontra no Antigo Testamento, no Salmo 8, onde lemos: “que é o homem, que dele te lembres E o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste” (versos 4-6). O texto se refere diretamente a Adão, antes da Queda, e se refere à sua liderança sobre as espécies inferiores da criação. Ele fala de domínio terreno, porque Deus disse o seguinte a nossos primeiros pais, no dia em que foram criados: “dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Gênesis 1.28). Mas Adão caiu dessa posição de domínio, e foi por isso (além de outras coisas), para recobrar o domínio que Adão perdera, que nosso Senhor assumiu forma humana. Dessa forma o Salmo 8, como fica evidente pela citação que dele se faz em Hebreus 2, é plenamente cumprido no *Segundo Homem*. Mas, antes que esse Segundo Homem pudesse ser coroado *de glória e de honra*, Ele teve, primeiro de humilhar-Se e passar pelos portais da morte. Dessa forma, o título *Filho do Homem* fala em primeiro lugar de humilhação, e por último de domínio e glória.

O título *Filho do Homem* ocorre 88 vezes no Novo Testamento (esse número é muito significativo, uma vez que 8 significa um novo começo, e é através do Segundo Homem que será estabelecido o novo domínio), e é profundamente interessante e instrutivo traçar cuidadosamente as conexões em que ele aparece. A primeira vez que o encontramos no Novo Testamento é em Mateus 8.20, onde o Salvador diz: “As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; *mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça*”. Aqui se chama a atenção às profundezas da humilhação a que chegou o Amado do Pai: Aquele que terá completo domínio sobre toda a terra, quando esteve aqui, não era mais do que um mero estrangeiro sem-

teto. A segunda ocorrência desse título nos ajuda a definir o seu escopo — “o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados” (Mateus 9.6). A última ocorrência no Evangelho de Mateus se encontra em 26.64: “desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”. Aqui somos remetidos à ocasião em que o Senhor Jesus retornará à terra, não mais em fraqueza e humilhação, mas em poder e glória. Em João 3.13, encontramos uma declaração que prova que o Filho do Homem também era Deus: “Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, *o Filho do Homem que está no céu*”. Em nenhuma Epístola (exceto em Hebreus 2, na citação do Salmo 8) se encontra esse título, uma vez que tanto o chamado como o destino da Igreja são celestiais, e são ligados ao Filho de Deus no céu, e não ao Filho do Homem, que se relaciona com a terra. A última vez que esse título ocorre nas Escrituras é em Apocalipse 14.14: “Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem¹⁹, tendo na cabeça uma coroa de ouro”. Que diferença, nesta passagem, da primeira vez em que aparece o título no Novo Testamento, onde lemos que Ele não tinha onde “reclinar a cabeça”!

Está na hora de deixar essas generalizações, e considerar algumas características do Evangelho de Lucas mais detalhadamente. Para começar, podemos observar algo já observado por outros antes de nós: Como é diferente e típico o prefácio deste terceiro Evangelho: “Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído” (1.1-4).

Como isso contrasta com o que encontramos no início dos outros Evangelhos. Aqui, mais pronunciadamente do que em qualquer outro lugar, vemos o elemento humano na comunicação da revelação de Deus a nós. O instrumento humano nos é apresentado claramente. Lucas nos fala daquilo que ele conhece pessoalmente, e a respeito do que ele vai passar a tratar. Ele se refere àquilo que outros fizeram a respeito disso antes dele, mas ainda assim ele sente a necessidade de uma exposição mais ordenada e mais detalhada das coisas que com certeza haverão de ser cridas. Mas aparentemente ele não tinha consciência, quando sentou-se para escrever a seu amigo Teófilo, de que ele estava sendo *movido* (melhor ainda, *separado*) pelo Espírito Santo, ou que ele estava para comunicar aquilo que se tornaria de valor permanente a toda a Igreja de Deus. Em vez disso, o divino Inspirador se encontra oculto, aqui, e só se vê o escritor humano. Isso é tremendamente apropriado neste Evangelho, que não trata das glórias de Cristo nem da Sua divindade, mas trata, sim, da Sua humanidade. Há uma maravilhosa analogia entre a Palavra de Deus escrita e a Palavra Encarnada, cujos detalhes se multiplicam infinitamente. Da mesma forma que Cristo era Deus-Homem, divino porém humano, assim também as Escrituras Sagradas, embora concedidas *por inspiração de Deus*, são, todavia, concedidas por meio de canais humanos; mas, da mesma forma que Cristo, ao assumir forma humana, não foi contaminado pelo pecado, assim a revelação de Deus chegou a nós através de meios humanos sem poluir-se com nenhuma de suas imperfeições. Além disso, da mesma forma que é aqui no Evangelho de Lucas que mais claramente se apresenta a

¹⁹ A Versão RC diz “um semelhante ao Filho do Homem”, mais claramente referido-se a Cristo.

humanidade de nosso Senhor, assim também é aqui que mais se destaca o elemento humano da autoria das Escrituras Sagradas.

Há muitas outras coisas interessantes e importantes que se podem encontrar neste primeiro capítulo de Lucas, mas que não podemos agora considerar com detalhe; mas haveremos de mencionar, aqui e ali, como o elemento humano prevalece por toda a parte. Podemos reparar, por exemplo, como Deus é descrito de forma mais pessoal no relacionamento com aqueles a quem Ele Se dirige do que em Mateus 1. Em Mateus, quando trava relações com José, Ele o faz por meio de *sonhos*, mas aqui, quando envia uma mensagem a Zacarias, é por meio de um anjo, que fala, face a face, com o pai do Batista. Ainda mais pessoal é o encontro de Deus com Maria, pois aqui o anjo não fala com a mãe do nosso Senhor no templo, mas mais informalmente, em casa — uma insinuação de quão perto Deus estava para chegar do homem em Sua maravilhosa graça. Além disso, aqui se diz muito mais a respeito de Maria do que em qualquer outro lugar, e Lucas é o único que registra o cântico de alegria de Maria, que ela entoava logo após a Anunciação, como também só Lucas registra a profecia de Zacarias, proferida por ocasião da cerimônia em que seu ilustre filho recebeu um nome. Dessa maneira, as emoções do coração humano são aqui manifestas na forma de cânticos e louvores.

Os versículos iniciais de Lucas 2 são igualmente característicos e diferentes. Aqui lemos o seguinte: “E aconteceu, naqueles dias, que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse. (Este primeiro alistamento foi feito sendo Cirênio governador da Síria.) E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. E subiu da Galileia também José, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de Davi chamada Belém (porque era da casa e família de Davi), a fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida” (Lucas 2.1-5). Se procurarmos algo parecido nalgum dos outros Evangelhos, procuraremos em vão. Aqui o Senhor da glória é visto não como Aquele que haveria de vir para reinar, mas em vez disso, como Aquele que desceu ao nível dos demais homens, como Aquele cujos pais estavam sujeitos à cobrança de impostos como as demais famílias. Isso estaria em completa desarmonia com o tema e objetivo do Evangelho de Mateus, e seria um dado sem importância em Marcos, mas quão completamente de acordo isso está com as características do Evangelho de Lucas!

“E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem” (Lucas 2.7). Lucas é o único dos quatro evangelistas que nos conta isto — um tocante ponto de interesse com respeito a Sua humanidade, e que é digno de nossa reverente contemplação. Por que teria o Pai tolerado que o Seu bendito Filho nascesse numa estrebaria? Por que foram os animais do campo a Sua primeira companhia? Que lições espirituais podemos aprender do fato de Ele ter sido colocado numa manjedoura? São perguntas importantes, que exigem uma resposta desdobrada em, pelo menos, sete partes.

1ª) Ele foi posto na manjedoura *porque não havia lugar na hospedaria*. Quão solenemente isso revela a avaliação que o mundo faz do Cristo de Deus. Não houve consideração para com a Sua maravilhosa complacência. Ele não foi desejado. E assim permanece até hoje. Não há lugar para Ele nas escolas, na sociedade, no mundo dos negócios, entre a grande multidão dos que buscam seus próprios prazeres, no âmbito político, nos jornais, nem mesmo em muitas das igrejas. É uma mera repetição da história. Tudo o que o

mundo deu ao Salvador foi um estábulo como berço, uma cruz para morrer, e um túmulo emprestado para receber Seu corpo sem vida.

2ª) Ele foi posto numa manjedoura *para demonstrar o tamanho da Sua pobreza*. “pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Coríntios 8.9). O quão *pobre* Ele Se tornou ficou, dessa forma, manifesto logo no início. Aquele que, mais tarde, não tinha onde reclinar a cabeça, que teve de pedir uma moeda quando quis responder a Seus críticos sobre a questão do tributo, e que teve de usar a casa de um amigo quando instituiu a Santa Ceia, era por aqui, desde o começo, um estrangeiro sem-teto. E a manjedoura foi a evidência inicial disso.

3ª) Ele foi posto numa manjedoura *para tornar-Se acessível a todos e a qualquer um*. Se fosse colocado num palácio, ou nalguma sala do Templo, poucos teriam conseguido chegar a Ele sem a formalidade de primeiro obter permissão daqueles que estivessem trabalhando nesses lugares. Mas ninguém teria dificuldade nenhuma de chegar a um estábulo; ali Ele estaria facilmente ao alcance tanto de pobres como de ricos igualmente. Dessa forma, desde o início, era fácil aproximar-se dEle. Não era preciso passar por algum intermediário antes de chegar a Ele. Não havia necessidade de consultar algum sacerdote antes de conseguir acesso à Sua presença. Assim era naquele tempo; e assim é, também, agora, graças a Deus.

4ª) Ele foi posto numa manjedoura *como para prefigurar o caráter daqueles entre os quais Ele veio*. O estábulo era o lugar dos animais do campo, e foi no meio deles que o recém-nascido Salvador chegou. E quão bem eles simbolizam o caráter moral dos homens! Os animais do campo estão destituídos de qualquer vida espiritual, e em decorrência disso não possuem conhecimento de Deus. Essa era, também, a condição tanto dos judeus como dos gentios. E como eram semelhantes aos animais (moralmente falando) aqueles em cujo meio Se manifestou o Salvador: estúpidos e teimosos como o jumento e a mula; astutos e cruéis como a raposa; baixos e imundos como porcos; e sempre sedentos do Seu sangue, como os mais selvagens dos animais. Adequadamente, então, foi Ele posto entre os animais do campo por ocasião do Seu nascimento.

5ª) Ele foi posto numa manjedoura *para mostrar o Seu descaso pela pompa e riquezas deste mundo*. Pensamos que talvez fosse mais apropriado para o Cristo de Deus nascer num palácio, e ser colocado num berço de ouro, forrado de seda fina e cara. Ah, mas como Ele mesmo nos lembra neste mesmo Evangelho, “aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus” (Lucas 16.15). E que exemplo dessa verdade nos foi dado, quando o menino Salvador foi posto não num berço de ouro, mas numa humilde manjedoura!

6ª) Ele foi posto numa manjedoura *para indicar a Sua identificação com o sofrimento e a miséria humana*. Aquele que nasceu era o *Filho do Homem*. Ele havia deixado as alturas da glória celestial e desceu ao nosso nível, e aqui O vemos identificando-Se com a sorte humana em sua mais baixa condição. Adão foi colocado num jardim, cercado da extraordinária beleza da Natureza exatamente como ela havia saído das mãos do Criador. Mas entrou o pecado, e com ele todas as suas tristes conseqüências de sofrimento e miséria. Por essa razão, Aquele que desceu até nós a fim de recobrar e restaurar aquilo que o primeiro homem perdera, surge primeiro num ambiente que fala de necessidades abjetas e de miséria; exatamente como pouco depois nós O encontramos descendo ao Egito, para que Deus pudesse chamar o Seu Filho do

mesmo lugar onde Seu povo Israel começou sua história como nação em sofrimento e miséria. É dessa forma que o Homem de Dores Se identifica com o sofrimento humano.

7ª) Ele foi posto numa manjedoura *porque esse era o lugar de sacrifício*. A manjedoura era o lugar onde a vida vegetal era sacrificada para sustentar a vida animal. Lugar apropriado esse, então, para Aquele que chegaria a ser o grande sacrifício, depondo a própria vida em favor do Seu povo, para que nós, mediante a Sua morte, fôssemos vivificados. Notavelmente sugestivo, então, e cheio de significado simbólico, foi o lugar indicado por Deus para receber o recém-nascido corpo do Salvador encarnado.

É somente no Evangelho de Lucas que lemos dos pastores que vigiavam os rebanhos durante a noite, e a quem o anjo do Senhor apareceu, dizendo: “Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (2.10,11). Repare que Aquele que nasceu não é chamado aqui de *Rei dos judeus*, mas sim de “o Salvador, que é Cristo, o Senhor” — títulos que ultrapassam as fronteiras de Israel, e incluem também os gentios.

Além disso, é somente aqui em Lucas que contemplamos o Salvador como menino de doze anos subindo a Jerusalém, e sendo encontrado no templo “assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os” (2.46). Quão intensamente humano é isso tudo! Ao mesmo tempo há intensas pistas de que Ele era mais do que humano, porque lemos: “E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas” (Lucas 2.47), como também é somente aqui que nos é dito que “desceu com eles (com Seus pais) para Nazaré; e era-lhes submisso” (2.51). Como isso salienta as excelências da Sua humanidade, cumprindo perfeitamente as responsabilidades de cada relacionamento que Ele mantinha tanto com os homens como com Deus! E quão perfeitamente apropriado é o versículo final deste capítulo: “E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens”! Não há nada semelhante a isso em nenhum dos outros Evangelhos; mas Lucas estaria incompleto sem essa narração. Isso são provas de que Lucas foi guiado, como também os outros, pelo Espírito de Deus ao selecionar o material que haveria de compor o seu Evangelho!

Lucas 3 começa apresentando-nos a pessoa e a missão de João Batista. Mateus e Marcos também se referiram a isso, mas Lucas descreve a cena com suas próprias características. É somente aqui que lemos que foi “No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia, Herodes, tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe, tetrarca da região da Itureia e Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilene, sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto” (3.1,2) — circunstâncias de interesse histórico em conexão com esses acontecimentos. Assim, também, é somente aqui que lemos da interação do *povo*, que perguntou a João “Que havemos, pois, de fazer?” (3.10), dos *publicanos* que lhe fizeram a mesma pergunta (3.12), e dos *soldados* (3.14). Também é digno de nota que somente neste Evangelho o Senhor Jesus é diretamente ligado com *todo o povo* quando Ele foi batizado, porque lemos: “E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus” (3.21), revelando-O, dessa forma, como Aquele que desceria ao mesmo nível dos homens. Além disso, é somente aqui que nos é informada a idade do Salvador quando iniciou Seu ministério público (3.23) — outro ponto de interesse relacionado à Sua humanidade.

Lucas 3 termina com um registro da genealogia do Filho do Homem, e são notáveis as diferenças entre o registro de Lucas e o que encontramos em Mateus 1. Em Mateus, é a genealogia real do Filho de Davi; aqui é a exata genealogia pessoal dEle. Lá encontramos Sua linha de descendência através de José; aqui temos a Sua linhagem através de Maria. Lá, registra-se a Sua genealogia a partir de Abraão; aqui ela retrocede até Adão. Isso é muito impressionante, e revela de forma indiscutível o caráter e escopo de cada Evangelho. Mateus está apresentando a relação de Cristo com Israel, e por isso não retrocede mais do que até Abraão, o pai do povo judeu; mas aqui em Lucas é a Sua ligação com a raça humana que nos é apresentada, e por essa razão a Sua genealogia é traçada até Adão, o pai da família humana. Mas preste atenção: ao final, Lucas diz: “Adão, filho de Deus” (3.38). De forma que a humanidade de Cristo é aqui traçada não meramente até Adão, mas para além de Adão diretamente ao próprio Deus. Quão maravilhosamente isso combina com as palavras do Senhor Jesus em Hebreus 10.5: “um corpo me formaste”!

Lucas 4 começa contando-nos que “Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto, durante quarenta dias, sendo tentado pelo diabo”. É somente aqui que aprendemos que o Salvador estava *cheio do Espírito Santo* quando retornou do Jordão. Daí começa o relato da tentação. O estudante cuidadoso haverá de notar que há uma diferença entre Mateus e Lucas, na ordem dos três ataques de Satanás contra Cristo. Em Mateus, a ordem é a seguinte: primeiro a solicitação de que o Senhor Jesus transforme pedras em pães; em segundo lugar, que Ele se jogue do pináculo do templo; e em terceiro a oferta de todos os reinos desta terra com a condição de que Ele adore a Satanás. Mas aqui em Lucas temos, primeiro, a solicitação de que transforme pedras em pães; em segundo, a oferta dos reinos da terra; e, em terceiro, o desafio de Se jogar do pináculo do templo. Não é difícil encontrar a razão dessa variação de ordem. Em Mateus, a ordem segue um clímax, com o objetivo de tornar o domínio sobre todos os reinos a isca final apresentada pelo diabo ao Filho de Davi. Mas em Lucas temos, sem dúvida, a ordem cronológica, a ordem em que de fato ocorreram, e ela corresponde à ordem da tentação do primeiro homem e da primeira mulher no Éden, onde Satanás apelou, como aqui em Lucas, à concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e à soberba da vida — veja 1 João 2.16 e compare com Gênesis 3.6. Podemos notar, também, que Lucas é o único a nos dizer que “Jesus, no poder do Espírito, regressou para a Galileia” (4.14), revelando que a velha Serpente falhou de todo ao tentar perturbar a perfeita comunhão entre o Filho encarnado na terra e o Seu Pai nos céus. Depois de acabado o terrível combate, o Senhor Jesus retornou à Galileia no constante *poder do Espírito*.

Depois de descrever a tentação, Lucas em seguida nos diz: “Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler” (4.16). Novamente, Lucas é o único a mencionar isso que é outro ponto de interesse em conexão com a humanidade do Senhor, ao nos informar o lugar onde *fora criado*, e nos mostrando o que Ele costumava fazer no dia de sábado. Nas palavras seguintes há um pequeno detalhe na descrição, que é muito significativo e sugestivo: “Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim” etc. Repare-se que o livro não se abriu de forma mágica no lugar que Ele pretendia ler, mas como qualquer outra pessoa, o Filho do Homem, *abrindo o livro, achou o lugar* desejado!

Outros comentaristas já chamaram a atenção para algo que ocorre nessa ocasião, algo profundamente sugestivo. Ali na sinagoga em Nazaré, o Salvador leu as palavras de Isaías 61 e, se compararmos as palavras do profeta com aquilo que o Senhor leu conforme Lucas 4, descobriremos que Ele parou a leitura num local muito significativo. Isaías diz que o Espírito do Senhor estava sobre Ele para “pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus” (Versão Revista e Corrigida). Mas em Lucas 4 encontramos que o Salvador leu que o Espírito do Senhor estava sobre Ele para “evangelizar os pobres” e “a anunciar o ano aceitável do Senhor” e ali Ele parou, pois imediatamente depois lemos que Ele, “Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se”. Ele interrompeu Sua leitura de Isaías bem no meio de uma frase; Ele parou no lugar de uma vírgula²⁰! Por que Ele não completou o versículo, acrescentando “e o dia da vingança do nosso Deus”? Pelo simples fato de que isso fugia do alvo da Sua missão no Seu primeiro advento. O *dia da vingança* virá no futuro. O Senhor Jesus estava nos dando um exemplo de como alguém “maneja bem a palavra da verdade” (2 Timóteo 2.15). Assim que o Salvador fechou o livro naquele dia na sinagoga de Nazaré, Ele declarou: “Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (Lucas 4.21), e aquilo que *se cumpriu* foi a porção que Ele acabara de ler de Isaías 6.1,2; o restante de Isaías 61.2 ainda não fora cumprido, porque diz respeito ao que ainda é futuro: por essa razão Ele não a leu. É importante dizer que a próxima vez que encontramos o Senhor Jesus com um *livro* nas mãos é em Apocalipse 5.7, e ali se lê que Ele o abre — veja Apocalipse 6.1ss — e o impressionante é que, quando o Senhor abre esse livro, o dia da vingança de Deus, há tanto tempo adiado, então se inicia! Essas observações já foram feitas por outros antes de nós, mas nunca vimos ninguém dizer que Lucas é o único dos quatro evangelistas a referir-se a esse incidente. Não foi meramente por razão dispensacional que o Senhor Jesus não leu tudo de Isaías 61.2 na sinagoga de Nazaré naquele dia, mas era peculiarmente apropriado que aquele cuja feliz tarefa era apresentar as perfeições humanas de Cristo percebesse o silêncio de nosso Senhor com respeito ao dia da *vingança* de Deus!

Está for a do nosso propósito no momento empreender uma completa exposição de cada capítulo deste terceiro Evangelho. Não pretendemos ser exaustivos; preferimos sugerir, chamando a atenção para algumas das mais destacadas características do Evangelho de Lucas. Há tanta coisa aqui que não se encontra nos outros três Evangelhos, que examinar detalhadamente cada diferença exigiria um livro muito mais extenso. Como isso fugiria de nosso objetivo, vamo-nos contentar em simplesmente escolher algumas coisas aqui e ali.

Lucas 7 registra a ressurreição do filho da viúva de Naim. Nenhum dos outros a menciona. Há vários detalhes nesse quadro que destacam aquilo que é central no Evangelho de Lucas, ou seja, a necessidade humana, os relacionamentos humanos, e a compaixão humana. Portanto, podemos notar que a pessoa ressuscitada por Cristo era “filho único de sua mãe” (Versão Revista e Corrigida), e que ela “era viúva”; quando o Senhor a avistou, lhe disse: “Não chores!”; antes de ordenar ao morto “levanta-te!”, Ele primeiro “tocou o esquife”; e depois que o morto foi restaurado à vida, o Salvador “o restituiu a sua mãe”.

²⁰ A vírgula a que o Autor se refere está, de fato, na King James, versão que ele usa; em português, ela não aparece nem na RC nem na RA.

Em Lucas 8.2,3 lemos: “e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais lhe prestavam assistência com os seus bens”. Como isso nos mostra o lugar que nosso bendito Senhor assumiu como Filho do Homem! Não há nada semelhante a isso nos demais Evangelhos, e isso por uma boa razão. Seria indigno do Rei dos judeus *receber assistência* dos bens de mulheres; estaria deslocado no Evangelho de Marcos, porque ali o Espírito Santo nos revela que o Servo tem de buscar somente em Deus o suprimento de cada uma de Suas necessidades; ao passo que João, é claro, não mencionaria o fato porque ele apresenta a glória divina de nosso Senhor. Mas o seu registro é perfeitamente apropriado, esclarecedor até, no Evangelho que discorre sobre a humanidade de Cristo.

Apontamos acima que Lucas nos informa que o jovem filho da viúva de Naim, ressuscitado por Cristo, era *filho único* dela, e podemos reparar agora em dois outros exemplos deste Evangelho onde se menciona a mesma característica. O primeiro é com referência à filha de Jairo. Mateus relata: “Enquanto estas coisas lhes dizia, eis que um chefe, aproximando-se, o adorou e disse: Minha filha faleceu agora mesmo” (9.18). Marcos nos diz: “Eis que se chegou a ele um dos principais da sinagoga, chamado Jairo, e, vendo-o, prostrou-se a seus pés e insistentemente lhe suplicou: Minha filhinha está à morte” (5.22,23). Mas Lucas fornece informação adicional: “Eis que veio um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga, e, prostrando-se aos pés de Jesus, lhe suplicou que chegasse até a sua casa. Pois tinha uma filha única de uns doze anos, que estava à morte” (8.41,42). O segundo exemplo diz respeito ao menino endemoninhado, cujo pai buscou socorro junto aos discípulos de Cristo. Mateus diz: “E, quando chegaram para junto da multidão, aproximou-se dele um homem, que se ajoelhou e disse: Senhor, compadece-te de meu filho, porque é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo e outras muitas, na água. Apresentei-o a teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo” (17.14-16). Mas Lucas nos diz o seguinte: “E eis que, dentre a multidão, surgiu um homem, dizendo em alta voz: Mestre, suplico-te que vejas meu filho, porque é o único; um espírito se apodera dele, e, de repente, o menino grita, e o espírito o atira por terra, convulsiona-o até espumar; e dificilmente o deixa, depois de o ter quebrantado. Roguei aos teus discípulos que o expelisses, mas eles não puderam” (9.38-40). Dessa forma, em cada caso, Lucas chama a atenção ao fato de que era o *único filho* (ou filha) que foi curado, apelando dessa forma à compaixão humana.

Lucas é o único que registra a extraordinária história do bom samaritano, que socorre o viajante ferido, e há vários detalhes na descrição desse incidente que revelam, de forma impressionante, o caráter distinto desse terceiro Evangelho. Primeiro, mostra-se o viajante caindo nas mãos de salteadores que, depois de o despir e ferir, partindo, deixaram-no semimorto. Como isso revela a ilegalidade, a cobiça, a brutalidade e a crueldade da natureza humana decaída! Depois, ouvimos do sacerdote que viu o estado miserável do viajante ferido, jogado em desamparo à beira do caminho, contudo ele “passou de largo”. O sacerdote foi seguido de um levita que, apesar “vê-lo”, “também passou de largo”. Desse modo, vemos o egoísmo, a dureza, a cruel indiferença até mesmo de homens religiosos para com alguém que tanto precisava da compaixão deles. Em bendito contraste a esses, vemos demonstrada a graça do Salvador que, na figura do *samaritano*, é visto aqui movido *de compaixão* assim que chegou

ao lugar onde jazia o pobre viajante. Em vez de desviar-se pelo outro lado da estrada, Ele aproximou-se dele, pensou-lhe os ferimentos, colocou-o sobre o seu próprio animal, e o trouxe a uma estalagem, onde o ferido podia ser satisfatoriamente atendido. Dessa forma, este incidente é, por assim dizer, um sumário de todo o Evangelho, pois mostra o infinito contraste que existe entre o perfeito Filho do Homem e os caídos e depravados filhos dos homens.

Em Lucas 11, lemos do espírito imundo que sai do homem e, mais tarde, retorna a sua casa, para encontrá-la “varrida e ornamentada”. Então ele, prossegue a narrativa, “vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem se torna pior do que o primeiro” (11.24-26). Mateus também se refere a isso em 12.43-45 em linguagem praticamente idêntica, mas é muito significativo observar que Lucas omite a sentença com a qual Mateus encerra sua narrativa. Ali em Mateus 12, vemos que o Senhor aplica o incidente à nação judaica, dizendo: “Assim também acontecerá a esta geração perversa” (ou *raça*). Essa era a aplicação dispensacional, que limitava o caso a Israel. Mas Lucas, apropriadamente, omite essas palavras limitadoras, porque no seu Evangelho este incidente tem aplicação mais ampla, uma alusão moral, representa a condição de uma classe mais extensa, ou seja, aqueles que ouvem o Evangelho e se reformam, mas não são regenerados. Esses podem limpar as suas casas, mas embora estejam varridas e ornamentadas, contudo permanecem ainda vazias — o Espírito de Deus não habita neles! Eles são como as virgens néscias que, embora estivessem misturadas com as virgens sábias e carregassem a lâmpada da pública confissão, contudo não tinham óleo (símbolo do Espírito Santo) em seus vasilhames. Esses casos de reforma, embora à primeira vista pareçam exemplos de regeneração autêntica, por fim se revelam falsificações, e o seu último estado é pior do que era no início — foram iludidos por seu próprio coração enganoso e cegado por Satanás, e, em consequência, se haverão com mais severidade com a Verdade de Deus.

Em Lucas 12, temos registrado um incidente similar em princípio ao que aconteceu quando nosso Senhor omitiu as palavras finais de Isaías 61.2 ao ler as Escrituras na sinagoga em Nazaré. Aqui lemos de um certo homem que chegou a Cristo e disse: “Mestre, ordena a meu irmão que reparta comigo a herança” (12.13). Mas o Mestre Se recusou a atender a esse pedido, dizendo: “Homem, quem me constituiu juiz ou partidador entre vós?” A razão por que Lucas é o único que menciona isso é fácil de ver. Teria sido incongruente para Mateus referir-se a um incidente onde o Senhor Jesus declinasse ocupar o lugar de autoridade e agir como o administrador de uma herança; como estaria igualmente fora de lugar para Marcos relatar esse caso onde alguém pedisse ao Servo que exercesse as funções de *juiz e partidador*. Mas é apropriado que tenha encontrado lugar neste terceiro Evangelho, porque as palavras de Cristo nessa ocasião, “quem me constituiu juiz ou partidador entre vós?” simplesmente nos mostram, uma vez mais, o humilde lugar que Ele assumiu como o *Filho do Homem*.

Em Lucas 14, registra-se uma parábola que não se encontra em nenhum outro lugar: “Reparando como os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes uma parábola: Quando por alguém fores convidado para um casamento, não procures o primeiro lugar; para não suceder que, havendo um convidado mais digno do que tu, vindo aquele que te convidou e também a ele, te diga: Dá o lugar a este. Então, irás, envergonhado, ocupar o último lugar. Pelo contrário, quando fores convidado, vai tomar o último lugar; para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, senta-te mais para cima. Ser-te-á isto uma honra (ou *glória*) diante

de todos os mais convivas. Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado” (versos 7-11). Essa parábola está inteiramente de acordo com o caráter e o propósito do Evangelho de Lucas! Primeiro, ela provê uma repreensão necessária à tendência geral da natureza humana decaída de procurar os melhores lugares e ter em vista posições de honra e glória. Em segundo lugar, aconselha o espírito de humildade e modéstia, admoestando-nos a assumir os lugares mais humildes. E em terceiro lugar, é sem dúvida alguma uma clara representação daquilo que o próprio Senhor da glória fez, ao deixar a Sua posição de dignidade e glória no céu, e assumir *o mais humilde* lugar de todos aqui na terra.

De acordo com o fato de que o Evangelho de Lucas é o terceiro livro do Novo Testamento (o número que representa manifestação), podemos observar que no capítulo quinze encontramos uma parábola que nos revela as Três Pessoas da Divindade, cada qual ativamente ocupada na salvação de um pecador. É muito impressionante que é uma parábola em três partes que, vistas em conjunto, revelam plenamente o Único Deus verdadeiro na Pessoa do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.

Lucas 15 poderia muito bem receber o seguinte título: *Deus procura e salva o perdido*. Na terceira parte dessa parábola, que lida com o filho pródigo, temos revelado o pecador que realmente vem à presença do Pai, e ali recebe um afetuoso bem-vindo, é adequadamente vestido, e recebe um lugar à Sua mesa em alegre comunhão. Nisso tudo aprendemos o que, da parte de Deus, era necessário antes que o pecador pudesse ser reconciliado dessa forma. A segunda parte da parábola nos apresenta a obra do Espírito Santo, procurando aquele que está morto em pecados e iluminando-o, e isso por meio da figura de uma mulher que, com uma luz nas mãos (símbolo da lâmpada da Palavra de Deus), busca diligentemente até encontrar aquilo que se havia perdido. Repare, especialmente, que o trabalho dela se restringe ao interior da casa, exatamente como o Espírito Santo trabalha no interior do pecador. Na primeira parte da parábola nos é mostrado aquilo que precede a atual obra do Espírito de Deus. O ministério do Espírito é o complemento da Obra de Cristo; por essa razão, no início do capítulo, o próprio Salvador está diante de nós, na figura do Pastor, que sai à procura da ovelha perdida para salvá-la. Assim, pois, a primeira parte da parábola nos relata a obra de Deus por nós, a segunda nos fala da obra de Deus em nós, e a terceira parte revela o bendito resultado dessa obra e as suas alegres consequências. Assim, nessa parábola em três partes, temos a revelação do Único Deus nas Três Pessoas da Santa Trindade, plenamente manifestas na obra de buscar e salvar o perdido.

Em pleno acordo com o que acabamos de ver em Lucas 15, embora em visível e solene contraste, encontramos o Senhor Jesus, no próximo capítulo, desvendando plenamente a situação dos perdidos após a morte. Em nenhum outro dos quatro Evangelhos encontramos, como aqui, um levantar do véu que separa e oculta de nós a condição daqueles que partiram para o outro mundo. Aqui o Senhor nos dá um caso exemplar dos presentes tormentos dos perdidos, na experiência do *homem rico* depois da morte. Lemos o seguinte: “No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos. E, além de tudo, está posto

um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós” (23-26). Aqui aprendemos que os condenados ao inferno, agora mesmo, estão num lugar de sofrimento; que estão em tormento; que a miséria do seu terrível destino se acentua pelo fato de serem capazes de ver a alegre porção dos redimidos; que há, contudo, um grande abismo intransponível entre os salvos e os perdidos, o que torna impossível passar de um lado para o outro; que a memória continua ativa naqueles que estão no inferno, de forma que se lembram das oportunidades desperdiçadas enquanto estavam na terra; que eles clamam por misericórdia e suplicam por água para aliviar os seus causticantes sofrimentos, mas que isso lhes é negado. Indescreivelmente solene é tudo isso, e um penetrante alerta a todos enquanto estão na terra para *fugir da ira vindoura*, refugiando-se no Único que nos pode livrar dessa ira.

Passando agora ao capítulo dezenove, podemos observar como Lucas registra ali algo que não se encontra nos outros Evangelhos. “Quando ia chegando, vendo a cidade, *chorou*²¹ e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos” (vv. 41,42). Como isso revela os sentimentos humanos do Salvador! Quando Ele viu Jerusalém e anteviu as misérias que seriam a porção dessa cidade, o Filho do Homem chorou. Ele não era nenhum estóico; era, porém, Um cujo coração transbordava de compaixão pelos sofredores da terra.

Ao nos aproximarmos do final, gostaríamos de ressaltar sete características que são particularmente proeminentes neste Evangelho, e que estão em pleno acordo com o seu tema particular e objetivo:

1. A perfeita descrição que se faz aqui da natureza humana decaída

O Evangelho de Lucas é o Evangelho da humanidade do nosso Senhor, e, como Ele é a verdadeira luz que brilha nas trevas, também é aqui que as características da nossa natureza humana corrupta são expostas como em nenhum outro lugar. O propósito específico de Lucas é apresentar o Senhor Jesus como o Filho do Homem *em contraste com os filhos dos homens*. Por essa razão é que a depravação, a completa corrupção, a degradação e a morte espiritual de todos os membros da raça decaída de Adão é salientada aqui em toda a sua plenitude e clareza. É aqui, e aqui somente, que lemos que a mãe de João Batista era estéril — até que interviesse o miraculoso poder de Deus; — apropriada figura da natureza humana decaída com a sua total ausência de fruto espiritual; e que o pai de João Batista, embora fosse sacerdote, se mostrou incrédulo quando o mensageiro de Deus lhe anunciou o milagre que estava para ocorrer. É somente aqui que lemos que todo o mundo tinha de se alistar (para pagamento de impostos) (Lucas 2.1), o que nos fala, em sugestivo símbolo, das cargas impostas por Satanás sobre os seus cativos. É somente aqui que lemos que, quando Maria deu à luz seu Filho, “não havia lugar para eles na estalagem”, significando a rejeição do mundo para com o Salvador desde o princípio. É somente aqui que somos informados que, quando o Senhor Jesus chegou a Nazaré e leu na sinagoga o livro do profeta Isaías, acrescentando um comentário Seu, que “Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira. E, levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até ao cimo do monte sobre o qual estava edificada, para, de lá, o precipitarem abaixo”

²¹ A Versão RC diz: “chorou sobre ela”.

(4.28,29): assim procederam aqueles que deveriam tê-lo conhecido melhor, manifestando a terrível inimizade da mente carnal contra Deus e contra o Seu Cristo. É somente aqui que lemos: “Aconteceu que, estando ele numa das cidades, veio à sua presença um homem coberto de lepra; ao ver a Jesus, prostrando-se com o rosto em terra, suplicou-lhe: Senhor, se quiseres, podes purificar-me” (5.12). Nos outros Evangelhos se faz menção ao mesmo incidente, mas Lucas somente nos conta que esse homem estava cheio de lepra. A *lepra* é a conhecida figura do pecado e é apenas em Lucas que se revela a completa depravação do homem. É somente em Lucas que ouvimos dos discípulos de Cristo pedindo permissão para descer fogo do céu para consumir aqueles que não receberam o Salvador (9.51-55). É somente aqui que Cristo, na conhecida parábola do bom samaritano, retrata a miserável condição do homem natural, por meio da figura daquele que, caído nas mãos de salteadores, foi despido de suas roupas, gravemente ferido, e deixado à beira do caminho semimorto. É somente aqui que lemos do rico insensato, que disse: “direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te” (12.19), porque essa é a invariável tendência do orgulhoso coração humano. Assim, também, é somente aqui, em Lucas 15, que o pecador é comparado a uma ovelha perdida — um animal tão insensato que, uma vez perdido, a única coisa que faz é afastar-se cada vez mais do aprisco. É somente aqui que encontramos o Salvador pintando o inigualável quadro do filho pródigo, que tão perfeitamente descreve o pecador afastado de Deus, que desperdiçou seus bens em vida desregrada, e que, reduzido à miséria, nada encontra no país distante para alimentar-se senão a comida de porcos. É somente aqui que aprendemos da cruel frieza do rico para com o pobre coitado que jazia às suas portas, cheio de feridas. É somente aqui que a justiça própria do homem é plenamente revelada na pessoa do fariseu no templo (Lucas 18). E assim poderíamos continuar. Mas já dissemos o suficiente para provar o que afirmamos no início deste parágrafo.

2. A forma pela qual Lucas apresenta as suas parábolas e outras narrativas

Em perfeita harmonia com o caráter e objetivo do seu Evangelho, constatamos que Lucas apresenta de forma muito peculiar a maioria das suas parábolas, como também vários eventos por ele narrados, bem como certas porções dos ensinamentos do nosso Senhor. Pela comparação com as passagens paralelas dos outros Evangelhos, e na observação das palavras que colocamos em *italico*, isso se tornará evidente ao leitor.

Em Lucas 5.12, lemos que “*um homem* coberto de lepra” se aproximou de Cristo para ser curado, enquanto Mateus, ao descrever o mesmo incidente, diz apenas “eis que *um leproso*, tendo-se aproximado...” (8.2). Além do mais, em 8.27, lemos: “Logo ao desembarcar, veio da cidade ao seu encontro *um homem* possesso de demônios que, havia muito, não se vestia, nem habitava em casa alguma, porém vivia nos sepulcros”, enquanto em Mateus 8.28 se lê: “Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro (não *dois homens*, mas) *dois endemoninhados*, saindo dentre os sepulcros...”. Também em 8.41, lemos: “Eis que veio *um homem* chamado Jairo, que era chefe da sinagoga, e, prostrando-se aos pés de Jesus...”, enquanto Marcos 5.22 diz: “Eis que se chegou a ele um dos principais da sinagoga, chamado Jairo, e, vendo-o, prostrou-se a seus pés”. Em Lucas 9.57, lemos o seguinte: “Indo eles caminho fora, alguém lhe disse: Seguir-te-ei para onde quer que fores”, enquanto Mateus 8.19 diz: “Então, aproximando-se dele um escriba, disse-lhe: Mestre, seguir-te-ei para onde

quer que fores”. Em Lucas 9.62, encontramos que o Senhor disse: “*Ninguém*²² (repare bem: Ele não disse *nenhum discípulo*) que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus”. Em 18.35, lemos o seguinte: “Aconteceu que, ao aproximar-se ele de Jericó, estava *um cego*²³ assentado à beira do caminho, pedindo esmolas”, mas em Marcos 10.46, lemos: “Quando ele saía de Jericó, juntamente com os discípulos e numerosa multidão, *Bartimeu, cego mendigo*, filho de Timeu, estava assentado à beira do caminho”.

Avançando, agora, para as parábolas, repare a forma extraordinária pela qual são apresentadas aqui: “Também lhes disse uma parábola: *Ninguém*²⁴ tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha...” (5.36). “Jesus prosseguiu, dizendo: Certo *homem* descia de Jerusalém para Jericó e veio a cair em mãos de salteadores...” (10.30). “E lhes proferiu ainda uma parábola, dizendo: O campo de um *homem* rico produziu com abundância...” (12.16). “Então, Jesus proferiu a seguinte parábola: Certo *homem* tinha uma figueira plantada na sua vinha...” (13.6). “Ele, porém, respondeu: Certo *homem* deu uma grande ceia e convidou muitos...” (14.16). “Então, lhes propôs Jesus esta parábola: Qual, dentre vós, é o *homem* que, possuindo cem ovelhas...” (15.3,4). “Continuou: Certo *homem* tinha dois filhos...” (15.11). “Disse Jesus também aos discípulos: Havia um *homem* rico que tinha um administrador...” (16.1). “Ora, havia certo *homem* rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo...” (16.19). “Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever (dos *homens*, e não apenas dos *crentes*) de orar sempre e nunca esmorecer...”²⁵ (18.1). “E começou a dizer ao povo esta parábola: Certo *homem* plantou uma vinha...” (20.9). “E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros: Dois *homens* subiram ao templo, a orar...” (18.9,10). Vemos, dessa forma, como Lucas dá ênfase ao elemento humano em seu Evangelho.

3. As referências a Cristo como o “Filho do Homem”

É somente neste Evangelho que lemos que o Salvador disse aos fariseus²⁶: “Virá o tempo em que desejareis ver um dos dias do *Filho do Homem* e não o vereis” (17.22). É somente neste Evangelho que encontramos o Senhor fazendo a seguinte indagação: “quando vier o *Filho do Homem*, achará, porventura, fé na terra?” (18.8). É somente neste Evangelho que encontramos o Salvador dizendo a Seus seguidores: “Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do *Filho do Homem*” (21.36). E é somente neste Evangelho que encontramos o Salvador dizendo a Judas, no jardim: “com um beijo trais o *Filho do Homem*?” (22.48).

²² Na versão usada pelo Autor, a King James, a expressão é “*No man*”, ou seja, *homem nenhum*. O termo grego é οὐδείς (ninguém).

²³ Na King James, se lê: “*a certain blind man*” = *um certo homem cego*. Das traduções portuguesas, a NVI é a única a registrar “*um homem cego*”. As demais dizem “*um cego*”.

²⁴ A King James, novamente, traz “*No man*”, ou seja, “*homem nenhum*”. Todas as versões em português trazem “*Ninguém*”.

²⁵ A King James registra assim o versículo: “*that men ought always to pray*” (que **os homens** devem orar sempre). As versões em português dividem-se em dois grupos: 1º) As que dizem “*o dever de orar sempre*” — RA, RC, SBTB — tradução que confirma o mesmo sentido da King James; e 2º) As que dizem “*Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar*” — NVI; e “*Propôs-lhes Jesus uma parábola para mostrar que deviam orar sempre e nunca desanimar*” — BRA. As versões do 2º grupo restringem o dever da oração aos discípulos de Cristo.

²⁶ O texto diz que o Senhor dirigiu-Se a Seus discípulos, e não aos fariseus.

Talvez coisa mais impressionante ainda seja observar que Lucas registra uma série de ocasiões onde nosso Senhor Se refere a Si mesmo como o *Filho do Homem*, quando as passagens paralelas dos outros Evangelhos omitem esse título. Em Mateus 16.21, por exemplo, lemos: “Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia”, enquanto em Lucas 9.22 aprendemos que Ele disse a Seus discípulos: “É necessário que o *Filho do Homem* sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e, no terceiro dia, ressuscite”. Além do mais, em Mateus 5.11 o Senhor diz aos Seus discípulos: “Bem-aventurados sois quando, *por minha causa*, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós”, enquanto na passagem paralela, em Lucas, lemos o seguinte: “Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, *por causa do Filho do Homem*” (6.22). Igualmente, em Mateus 10.32, lemos o seguinte: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus”, enquanto em Lucas 12.8 somos informados do seguinte: “Digo-vos ainda: todo aquele que me confessar diante dos homens, também o *Filho do Homem* o confessará diante dos anjos de Deus”. Por fim, em João 3.17, lemos que “Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele”; ao passo que em Lucas 9.56, lemos: “o *Filho do Homem* não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las”. Como esses exemplos revelam a perfeição do uso das palavras nas Sagradas Escrituras!

4. O Senhor é chamado de Amigo dos publicanos e pecadores

É somente Lucas que nos relata que “lhe ofereceu Levi um grande banquete em sua casa; e numerosos publicanos e outros estavam com eles à mesa” (5.29). É somente aqui que aprendemos que Cristo, dirigindo-se aos rabugentos judeus, disse: “veio João Batista, não comendo pão, nem bebendo vinho, e dizeis: Tem demônio! Veio o Filho do Homem, comendo e bebendo, e dizeis: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, *amigo de publicanos e pecadores!*” (7.33,34). É somente neste Evangelho que encontramos os críticos do Salvador murmurando abertamente, dizendo: “Este recebe pecadores e come com eles” (15.2). E é somente aqui que somos informados que, pelo fato de Zaqueu haver recebido alegremente o Salvador em sua casa, “Todos os que viram isto murmuravam, dizendo que ele se hospedara *com homem pecador*” (19.7).

É bonito notar a gradação indicada pelo Espírito Santo nas últimas três passagens citadas acima. Em 7.34, Cristo é meramente “amigo de publicanos e pecadores”. Em 15.2, se diz: “Este recebe pecadores e come com eles”. Mas em 19.7 somos informados “que ele se hospedara com homem pecador”! É dessa forma que Deus faz com que até mesmo a ira do homem O louve²⁷.

²⁷ Salmo 76.10.

5. O Senhor é retratado aqui como Homem de oração

É impressionante ver a frequência com que vemos o Salvador ocupado em oração neste Evangelho. As passagens a seguir mostram isso: “E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e, estando ele a orar, o céu se abriu” (3.21). “Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava” (5.16). “Naqueles dias, retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus” (6.12). “Cerca de oito dias depois de proferidas estas palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, subiu ao monte com o propósito de orar. E aconteceu que, enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura” (9.28,29). “De uma feita, estava Jesus orando em certo lugar; quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar” (11.1). “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça” (22.31,32). “Ele, por sua vez, se afastou, cerca de um tiro de pedra, e, de joelhos, orava ... E, estando em agonia, orava mais intensamente” (22.41,44). “Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (23.34) — é somente aqui que O encontramos orando dessa forma por Seus assassinos. Acrescente a esses exemplos o fato de que somente Lucas registra o ensino de nosso Senhor sobre oração, encontrado em 11.5-8; que somente ele registra a parábola da insistência na oração (18.1-7); e que somente ele nos conta dos dois homens que subiram ao templo para orar: isso deixará bem claro o lugar de destaque ocupado pela oração no Evangelho de Lucas.

6. Neste Evangelho, Cristo aparece, com frequência, fazendo refeições

“Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa” (7.36). “Ao falar Jesus estas palavras, um fariseu o convidou para ir comer com ele; então, entrando, tomou lugar à mesa” (11.37). “Aconteceu que, ao entrar ele num sábado na casa de um dos principais fariseus para comer pão, eis que o estavam observando” (14.1). “Todos os que viram isto murmuravam, dizendo que ele se hospedara com homem pecador” (19.7). “E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu” (24.30). “Então, lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. E ele comeu na presença deles” (24.42,43). Não é nem preciso dizer que esses exemplos provam como era real a Sua humanidade.

7. As circunstâncias ligadas à Sua morte e ressurreição

O terrível momento passado no Getsêmani é descrito, neste terceiro Evangelho, com uma riqueza de detalhes que não se encontra em nenhum dos outros. Lucas é o único que nos conta que “Então, lhe apareceu um anjo do céu que o confortava” como também é o único que diz que Ele, “estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra” (22.43,44). Seguiu-se, então, a prisão; e quando deixavam todos o jardim, lemos que “Um deles feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. Mas Jesus acudiu, dizendo: Deixai, basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou” (22.50,51). Os outros evangelistas registram esse incidente do corte da orelha do servo do sumo sacerdote, mas somente Lucas nos revela a ternura do Salvador, cheio de compaixão para com o sofrimento alheio até ao fim.

Lucas é o único que nos conta: “Seguia-o numerosa multidão de povo, e também mulheres que batiam no peito e o lamentavam. Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos!” (23.27,28). O fato foi apropriadamente registrado aqui, já que revela emoções e simpatia humanas. Lucas é o único que dá o nome gentio do lugar onde o Salvador foi crucificado: “Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram” (23.33). Além do mais, Lucas nos conta: “Também sobre ele estava esta epígrafe em letras gregas, romanas e hebraicas: ESTE É O REI DOS JUDEUS” (23.38). Como isso dá a entender o objetivo internacional deste terceiro Evangelho! Mateus e Marcos não mencionam a *epígrafe* escrita nas mais conhecidas línguas da época; embora João o faça, porque ele apresenta Cristo em conexão com *o mundo*. Lucas é o único que descreve a conversão do ladrão moribundo, e o testemunho que ele dá sobre a perfeição humana do Senhor Jesus: “este nenhum mal fez” (23.41). Assim, também, é somente aqui que encontramos um testemunho semelhante a esse, da parte do centurião romano: “Vendo o centurião o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente, este homem era justo” (23.47).

É somente Lucas que menciona a longa caminhada do Senhor ressurrecto com os dois discípulos, e da conversa que tiveram enquanto se dirigiam a Emaús. E Lucas é o único que nos apresenta o Senhor comendo depois de haver ressurgido triunfantemente do túmulo.

Resta-nos agora uma breve palavra sobre a forma característica como se encerra este terceiro Evangelho. É somente Lucas que nos diz: “Então, os levou para Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou” (24.50) — que belo toque é esse! Em seguida, lemos: “Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu” (24.51). Repare bem que Lucas disse que o Filho do Homem foi “elevado para o céu”, e não que Ele Se elevou! E então cai a cortina ao som das expressões humanas de alegria e louvor: “Então, eles, adorando-o, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo; e estavam sempre no templo, louvando a Deus” (24.52,53).



CAPÍTULO 4

O Evangelho de João

Quando nos voltamos ao quarto Evangelho, entramos em território completamente diferente daquele que percorremos nos outros três. É verdade que o período de tempo coberto por ele é o mesmo que nos outros; é verdade que alguns dos incidentes que já foram mencionados voltam a ser apresentados aqui; e é verdade que Aquele que ocupou a posição central nas narrativas dos primeiros três evangelistas é o mesmo que João exalta; mas, por outro lado, tudo aqui é novo. O quarto Evangelho tem um tom mais elevado, e tem um ponto de vista mais exaltado; o seu conteúdo nos apresenta relacionamentos espirituais em vez de laços humanos; e revela mais altas glórias, à medida que trata da inigualável pessoa do Salvador. Em cada um dos primeiros três Evangelhos, Cristo é contemplado em relacionamentos humanos, mas no quarto Evangelho isso não acontece. Mateus O apresenta como Filho de Davi; Marcos, como o perfeito Obreiro de Deus; e Lucas O apresenta como o Filho do Homem; mas João desvenda as Sua glórias divinas. Além do mais, Mateus escreve especialmente para os judeus; Marcos é perfeitamente adequado aos servos de Deus; e Lucas foi escrito para os homens como seres humanos; mas o Evangelho de João se ocupa com a família de Deus.

O Evangelho de João é o quarto livro do Novo Testamento, e quatro é $3 + 1$. Os números das Escrituras não são usados de maneira fortuita, mas são manuseados com divina discriminação e significância. O estudante reverente não está livre, à vontade para fazer malabarismos com os números a seu bel-prazer, nem pode atribuir-lhes significado arbitrário, de forma que se encaixem nalguma interpretação pessoal sua. Se ele for honesto, haverá de colher as suas definições da maneira em que eles são utilizados nas próprias Escrituras. Dessa forma, para saber se a nossa afirmação de que quatro é $3 + 1$ é uma afirmação arbitrária ou não, é necessário descobrir se a afirmação tem ou não respaldo nas Escrituras. O número quatro é usado de duas formas, na Bíblia. Primeiro, o seu significado como um número inteiro; em segundo, o seu significado como um número distributivo. No primeiro uso, quatro é o número

do mundo, o número da terra e de todas as coisas a ela relacionadas, o número da criatura; passando a significar, portanto, universalidade. Mas no segundo uso, o distributivo, quando empregado em conexão com uma série, ele é, frequentemente, dividido em três e um. Quatro é raramente usado (se porventura alguma vez for usado) como dois reforçado, ou seja, o seu significado não representa 2×2 .

Nosso temor é que o último parágrafo soe algo acadêmico, mas talvez a sua necessidade se torne mais evidente à medida que aplicarmos ao nosso assunto os princípios nele apresentados. Os quatro Evangelhos formam uma série, e as características do seu conteúdo obviamente os divide em três e um, exatamente da mesma forma que se dividem os quatro tipos de solo na parábola do semeador, ao representar quatro classes de ouvintes da Palavra — uma série, dividida de forma similar — três sem fruto e um frutífero. Como já vimos, os primeiros três Evangelhos têm algo em comum, algo que necessariamente os liga — cada um deles contempla Cristo em ligações humanas. Mas o quarto claramente se distingue dos outros ao apresentar Cristo numa ligação divina, e por isso se encontra separado dos outros. Essa conclusão se comprova acima de qualquer dúvida quando reparamos que a característica do seu conteúdo está em perfeito acordo com o significado do número um. Um nos fala, primariamente, de Deus: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” (Dt 6.4). Também: “O SENHOR será Rei sobre toda a terra; naquele dia, um só será o SENHOR, e um só será o seu nome” (Zc 14.9). Em todas as linguagens, um é o símbolo de unidade: ele exclui todos os outros. Por conseguinte, o primeiro dos dez mandamentos era: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20.3). Dessa forma, o Evangelho de João (o um que vem depois dos outros três) tem como objetivo revelar a Divindade de Cristo.

Cada livro da Bíblia tem um tema proeminente e dominante que lhe é peculiar. Da mesma forma que cada membro do corpo humano tem sua função particular, assim cada livro no Corpo vivo da Verdade Divina tem seu propósito especial e missão específica. O tema do Evangelho de João é a Divindade de Cristo. Aqui, como em nenhum outro lugar, a Divindade do Senhor Jesus nos é apresentada. O que se ressalta aqui neste quarto Evangelho é a divina filiação de nosso Salvador. Neste Evangelho nos é revelado que Aquele que nasceu em Belém, que andou nesta terra por mais de trinta anos, que foi crucificado no Calvário, e que por quarenta e três dias depois foi removido deste cenário, era ninguém mais nem menos do que “o Unigênito do Pai”. As evidências apresentadas para isso são irresistíveis, as inumeráveis provas, e o efeito que a contemplação dessas provas deve produzir é que curvemos o coração em adoração diante “do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tt 2.13).

Eis aqui um tema digno de nossa mais reverente atenção, em oração. Se Deus teve esse cuidado, como vimos no capítulo anterior, de reservar as perfeições da humanidade do nosso Senhor, dessa mesma forma o Espírito Santo fez provisão para que não houvesse incerteza quanto à confirmação da absoluta Divindade do nosso Salvador. Exatamente como os profetas do Antigo Testamento revelavam que Aquele que estava para vir seria um Homem, e um perfeito Homem, assim também as profecias messiânicas atestavam claramente que Ele seria mais do que um Homem. Por meio de Isaías, Deus prenuncia que a Israel nascerá uma criança, um filho lhe será dado, e que “o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (9.6). Por meio de Miquéias, Ele declara: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de

milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (5.2)! Por meio de Zacarias, Ele diz: “Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro, diz o SENHOR dos Exércitos” (13.7). Por meio do salmista, Ele anuncia: “Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés” (110.1). Além disso, ao contemplar o futuro, por ocasião do segundo²⁸ advento, “Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei” (ou, “te fiz nascer”) 2.7.

Vindo agora ao Novo Testamento, podemos selecionar duas ou três das mais explícitas testemunhas da Divindade de Cristo. Em Romanos 9, onde o apóstolo enumera os privilégios peculiares de Israel, ele diz no versículo 5: “deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém!” Em 1 Coríntios 15, somos informados do seguinte: “O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu” (v. 47). Em Colossenses 1.16, lemos: “pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele”; e outra vez em 2.9: “porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade”. Em Hebreus 1, aprendemos que “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas” (Hb 1.1-3). Enquanto em Apocalipse 19.16 somos informados de que quando Ele retorna outra vez à terra, “Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES”. Não seria possível produzir testemunho mais enfático, positivo e inequívoco a respeito da absoluta Divindade de Cristo.

Nestes dias em que é tão comum afastar-se da Verdade, não é possível insistir nem com vigor demais nem com demasiada frequência que o Senhor Jesus Cristo não é nada mais nada menos que a Segunda Pessoa da Santa Trindade. São sutis mas cruéis os ataques que se fazem agora a esse artigo central da fé uma vez por todas entregue aos santos. Satanás, que se apresenta como anjo de luz, envia agora os seus ministros “como ministros de justiça”. Homens que a plenos pulmões alardeiam ter fé na inspiração verbal das Escrituras, e que até mesmo professam crer no sacrifício vicário de Cristo estão, apesar disso, negando a natureza divina dAquele que afirmam estar servindo: eles repudiam a Sua Divindade essencial, negam Sua eternidade, e O reduzem ao nível de mera criatura. Foi a respeito de homens desse tipo que o Espírito Santo disse: “Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo” (2 Co 11.13).

Em harmonia com o tema especial do quarto Evangelho, é aqui que temos a mais completa revelação das glórias divinas de Cristo. É aqui que O contemplamos habitando “com Deus” antes que existisse o tempo, e antes que fosse formada qualquer criatura (1.1,2). É aqui que Ele é chamado “unigênito do Pai” (1.14). É aqui que João Batista testifica “que ele é o Filho de Deus” (1.34). É aqui que lemos: “Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galileia; manifestou a sua glória” (2.11). É aqui que somos informados que o Salvador disse:

²⁸ O texto se refere ao primeiro advento de Cristo.

“Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (2.19). É aqui que lemos que Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para condená-lo, mas para salvá-lo (3.17). É aqui que aprendemos que Cristo declarou: “Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer. E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo julgamento, a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou” (5.21-23). É aqui que O encontramos afirmando: “Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (6.33). É aqui que O encontramos dizendo: “Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU” (8.58). É aqui que O encontramos declarando: “Eu e o Pai somos um” (10.30). É aqui que O ouvimos dizer: “Quem me vê a mim vê o Pai” (14.9). É aqui que Ele promete: “E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho” (14.13). É aqui que Ele pede: “e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (17.5).

Antes de considerarmos o Evangelho de João em detalhes, e antes de examinar algumas das mais proeminentes declarações na sua descrição da pessoa e ministério de Cristo, é importante dizer algumas palavras quanto ao propósito e significado dispensacional deste Evangelho. É de imediato evidente que este é muito diferente dos outros Evangelhos. Nos outros, Cristo é visto em seu relacionamento humano, e como está ligado com as pessoas humanas; mas aqui, Ele é contemplado num relacionamento divino, e ligado com um povo celestial. É verdade que o mistério do Corpo não se desvenda aqui; é, antes, a família de Deus que está em vista. Também é verdade que a vocação celestial não é plenamente revelada, embora se encontrem ali claras insinuações quanto a ela — o que, de outra forma poderíamos dizer, por exemplo, das palavras do Senhor, encontradas em 14.2,3? — “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também”.

Nos três primeiros Evangelhos, Cristo é visto em conexão com os judeus, proclamando o reino messiânico, uma proclamação que cessou, contudo, assim que se tornou evidente que a nação O havia rejeitado. Mas aqui, no Evangelho de João, a Sua rejeição é anunciada no início, porque já no primeiro capítulo recebemos a informação de que “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (v. 11). Por essa razão, é tão significativa notar que o Evangelho de João que, em vez de apresentar Cristo em conexão com Israel, O mostra relacionado com crentes através de laços espirituais — não foi escrito até depois de 70 d.C., quando o templo foi destruído, e os judeus dispersos por todo o mundo!

As limitações dispensacionais associadas a muito do que se encontra nos três primeiros Evangelhos não se prestam ao Evangelho de João, porque, como Filho de Deus, Ele só pode ser conhecido pelos crentes. Neste nível, os judeus não têm primazia. As reivindicações dos judeus sobre o Cristo eram puramente carnis, enquanto os crentes estão relacionados ao Filho de Deus por uma união espiritual. Os títulos Filho de Davi, e Filho do Homem ligam Cristo à terra, mas “Filho de Deus” O conecta com o Pai nos céus; por conseguinte, neste quarto Evangelho, o reino terreno é desconsiderado quase por completo. Em harmonia com esses fatos, podemos observar que é somente aqui no Evangelho de João que ouvimos o Cristo dizer: “Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco (isto é, o judaico); a mim me convém

conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho (isto é, o rebanho cristão) e um pastor” (10.16). É somente aqui em João que aprendemos do objetivo mais amplo do propósito de Deus na morte do Seu Filho: “sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos” (11.51,52). É somente aqui em João que nos é plenamente revelada a relação do Espírito Santo com os crentes. E é somente aqui em João que temos registrada a oração sacerdotal de nosso Senhor, a qual nos dá exemplo da Sua atual intercessão no céu. Essas considerações, então, devem tornar muito claro que o significado dispensacional do Evangelho de João são completamente diferentes dos outros três.

Ao nos aproximarmos, agora, para uma análise mais detalhada deste quarto Evangelho, podemos observar como são impressionantes os seus versículos iniciais: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (1.1-3). Isso é totalmente diferente daquilo que encontramos nas sentenças introdutórias dos outros Evangelhos! João inicia, imediatamente, apresentando Cristo como o Filho de Deus, não como o Filho de Davi, ou como o Filho do Homem. João retrocede ao princípio, e mostra que nosso Senhor não teve princípio, porque Ele estava no princípio de todas as coisas. João retrocede para antes da criação, e mostra que Cristo foi, Ele mesmo, o Criador.

Cada frase desses versículos iniciais é digna de toda a nossa atenção. Primeiro, o Senhor Jesus é chamado aqui “O Verbo” (ou Palavra). Talvez se consiga entender com mais facilidade o significado deste título se o compararmos com o que se diz no verso 18 deste primeiro capítulo de João. Eis o que lemos: “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” ou “manifestou”. Cristo é Aquele que veio para revelar a Deus. Ele veio para tornar Deus inteligível ao homem. Como lemos em Hebreus 1: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho” (vv. 1,2). Cristo é o porta-voz final de Deus. Além do mais, a força deste título de Cristo — “o Verbo” — talvez se consiga descobrir ao compará-lo com o nome dado à Bíblia: a Palavra de Deus. O que são as Escrituras? Elas são a Palavra de Deus. E o que isso significa? Significa isto: que as Escrituras revelam a mente de Deus, expressam a Sua vontade, revelam os Seus atributos, e desvelam o Seu coração. Isso é precisamente o que o Senhor Jesus Cristo tem feito pelo Pai. Mas vamo-nos aprofundar um pouco mais nesses detalhes:

(a) Uma *palavra* é um meio de comunicação, de manifestar-se. Tenho em mente uma idéia, mas os outros não sabem de que se trata. Mas no momento em que visto esse pensamento com palavras, ele começa a se tornar conhecido. Palavras, então, tornam reais os pensamentos invisíveis. Isso é precisamente o que o Senhor Jesus tem feito — como o *Verbo*, Cristo tem revelado o Deus invisível. Cristo é Deus vestido de perfeita humanidade.

(b) Um *verbo* (ou palavra) é um meio de comunicação. Por meio de palavras, transmito informações aos outros. Por meio de palavras expresso a mim mesmo, torno conhecida a minha vontade, e reparto conhecimento com os outros. Dessa forma Cristo, como o *Verbo*, é o Divino Transmissor, comunicando-nos a vida e o amor de Deus.

(c) Um *verbo* (ou palavra) é um método de revelação. Por meio de palavras, um preletor revela tanto as suas qualidades intelectuais como seu caráter moral. É por nossas

palavras que seremos justificados, e por nossas palavras seremos condenados. E Cristo, como o *Verbo*, revela de forma completa os atributos e o caráter de Deus. Quão plenamente Ele tem revelado a Deus! Ele mostrou o Seu poder; Ele manifestou Sua sabedoria; Ele revelou a Sua santidade; Ele revelou a Sua graça; Ele desvelou o Seu coração. Em Cristo, e em nenhum outro, Deus Se revela de maneira completa e final.

Mas Deus não se revelou plenamente na Natureza? “Revelou-Se” sim; mas “plenamente”, não. A Natureza tanto oculta quanto revela. Ela está sob a maldição, e no momento é muito diferente daquilo que era no dia em que surgiu das mãos do Criador. Hoje, a Natureza é imperfeita, e como algo imperfeito poderia ser o meio de manifestar os atributos infinitos e perfeitos de Deus? Os antigos tinham a Natureza, e o que eles aprenderam de Deus? Que nos responda o altar que o apóstolo encontrou num dos grandes centros da cultura e da sabedoria antiga: “Aos deus desconhecido” é a inscrição que se encontrava nesse altar. Não; em Cristo, e só nEle e por meio dEle Deus é plenamente revelado e de forma final.

Mas, para que esta expressão figurada — o Verbo — não nos conduzisse a uma concepção inadequada da Divindade do Senhor Jesus, o Espírito Santo prossegue dizendo, no versículo inicial deste Evangelho: “e o Verbo era Deus”. Isso mostra a Sua personalidade separada, e também ressalta a Sua ligação substancial com a Divindade. Ele não estava “em Deus”. E, como se isso não fosse ainda forte o suficiente, o Espírito acrescenta expressamente: “e o Verbo era Deus”. Não uma emanção da parte de Deus, mas também ninguém menos do que Deus. Não meramente uma manifestação de Deus, mas Deus mesmo Se manifestou. Não apenas Aquele que revelou a Deus, mas o próprio Deus que Se revelou. É impossível imaginar maneira mais inequívoca de declarar a Divindade do Senhor Jesus Cristo. Admitimos estar em ambiente misterioso, contudo não se pode, com honestidade, evitar a força do que é aqui afirmado — que Cristo faz parte da Divindade, que Ele é Deus. Como é que Cristo pode ser Aquele que revela Deus, e contudo ser o próprio Deus revelado; como pode Ele estar “com Deus” e contudo ser Deus — isso são mistérios sublimes que nossas mentes finitas não são capazes de compreender, da mesma forma que não conseguimos entender como é que Deus não tem princípio. O que se encontra aqui em João 1.1 deve ser recebido com fé simples e incondicional.

Em seguida, lemos: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele (à parte dEle), nada do que foi feito se fez” (1.3). Aqui de novo se afirma enfaticamente a absoluta Divindade de Cristo, já que a criação é atribuída a Ele, e ninguém consegue criar, a não ser Deus. O homem, a despeito de toda a sua orgulhosa ostentação e soberba pretensão, é completamente incapaz de criar até mesmo uma folhinha de grama. Se, então, Cristo é o Criador, Ele tem de ser Deus. Repare, também, que a criação inteira é atribuída aqui ao Filho de Deus — “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele”. Isso não seria verdade, se Ele mesmo fosse uma criatura, mesmo que fosse a primeira e a mais eminente. Mas não há exceção nenhuma: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele”. Da mesma forma que Ele era eterno — antes de todas as coisas — assim Ele foi o Criador de todas as coisas.

Além disso, lemos o seguinte: “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens” (1.4). Isso procede, necessariamente, daquilo que foi dito no versículo anterior. Se Cristo criou todas as coisas, Ele tem de ser a Fonte da vida. Ele é o Doador da vida. Mais do que isso: “a vida era a luz dos homens”. O que isso significa se torna evidente nos versos seguintes: “Houve um

homem (em contraste com “o Verbo”, que é Deus) enviado por Deus cujo nome era João”, e ele “veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele” (1.6,7). Compare com essas palavras o que se diz em 1 João 1.5: “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma”. A conclusão é irresistível: o Senhor Jesus não é outro senão o próprio Deus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

Contudo, passemos agora ao verso catorze deste primeiro capítulo de João. Depois de mostrar o relacionamento de nosso Senhor com o tempo — que Ele não teve princípio; depois de declarar a Sua relação com a Divindade — uma Pessoa distinta da Trindade, mas sendo Ele mesmo também Deus; depois de definir a Sua relação com o universo — Ele é o Criador do universo, e o grande Doador da vida; depois de declarar o Seu relacionamento com o homem — Ele é o seu Deus, a “luz dos homens”; depois de anunciar que João Batista deu testemunho dEle como a Luz; e depois de descrever a recepção que Lhe foi dada aqui na terra — o mundo não O conheceu, rejeitado por Israel, mas recebido por aqueles que “nasceram de Deus”, o Espírito Santo prossegue dizendo: “E o Verbo se fez (tornou-se) carne e habitou (tabernaculou²⁹) entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”. Esse versículo proclama a divina encarnação, e revela, uma vez mais, as glórias divinas dAquele que nasceu de Maria.

“O Verbo se fez carne”. Ele Se tornou aquilo que antes não era. Ele não deixou de ser Deus, mas tornou-Se homem. Ao tornar-se homem, Ele “tabernaculou” entre os homens. Ele erigiu a Sua tenda aqui por trinta e três anos. Daí somos informados que é este o testemunho daqueles cujos olhos foram abertos pelo divino poder: “Vimos a sua glória”. A linguagem deste versículo nos remete em pensamento ao tabernáculo, que foi erigido no deserto, no passado. O tabernáculo era o lugar da morada de Jeová, no meio de Israel. Foi ali que Ele estabeleceu a Sua residência. O tabernáculo era onde Deus Se encontrava com o Seu povo; por isso era chamado de “tenda da congregação³⁰”. Ali, no Santo dos Santos, estava a Shekinah, a Glória manifesta. O Senhor Jesus Cristo era o Antítipo. Ele era, em Pessoa, o lugar de reunião entre Deus e o homem. E exatamente como a Shekinah — a manifestação gloriosa e visível de Jeová — era vista no Santo dos Santos, assim aqueles que se aproximavam de Cristo, em fé, “viam a Sua glória”. O Senhor Jesus era Deus manifesto em carne, revelando a “glória como do unigênito do Pai”. Porque, como segue dizendo o versículo dezoito, “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou”. Dessa forma, mais uma vez se afirma expressamente a substancial Divindade dAquele que nasceu em Belém.

Em seguida, temos o testemunho de João Batista. Isto é muito diferente daquilo que encontramos nos demais Evangelhos. Não se encontra, aqui, apelo ao arrependimento, não se vê o anúncio de que “O reino dos céus” está próximo, e não há menção do batismo de Cristo pelo Seu precursor. Em lugar disso tudo, encontramos João dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (1.29). E outra vez ele diz: “Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus” (1.34). Também é digno de nota que, quando se refere à união de Cristo com o Espírito Santo, usa-se uma palavra que não se encontra nos outros Evangelhos: “João deu testemunho, dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba, e

²⁹ Veja a nota 1 do Prefácio.

³⁰ **Congregação:** Ato de congregar-se (ficar junto, juntar-se, reunir-se) — Dicionário Houaiss.

permaneceu sobre ele”³¹ (1.32). O Espírito não veio sobre Ele e depois o deixou, como fazia com os profetas do passado: Ele “permaneceu”, uma palavra característica e proeminente no Evangelho de João (veja, em especial, o capítulo 15). Isso diz respeito ao lado espiritual das coisas, e fala de comunhão. Encontramos a mesma palavra outra vez em 14.10 — “Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras”.

O primeiro capítulo termina com a descrição do chamado pessoal (não o chamado para o ministério como nos outros Evangelhos) dos primeiros discípulos do Senhor. É somente aqui que lemos de Cristo dizendo a Natanael: “Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira” (1.48), manifestando assim a Sua onisciência. Somente aqui encontramos o registro do testemunho que Natanael dá de Cristo: “Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!” (1.49). E somente aqui Cristo diz a Seus discípulos que, no futuro, eles veriam “o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (1.51).

Ao chegarmos ao segundo capítulo, encontramos ali descrito o primeiro milagre realizado pelo Senhor Jesus, ou seja, a transformação de água em vinho. Somente João registra o fato, porque somente Deus pode encher o coração humano com a alegria divina, da qual o vinho aqui é símbolo. Neste milagre, contemplamos o *Verbo* em ação. Ele mesmo não fez nada. Ele simplesmente disse aos servos o que deveriam fazer, e o milagre se fez por meio da Sua palavra. Encontramos no versículo 11 o fato principal relacionado a este milagre: “Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galileia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele”.

No restante deste capítulo, testemunhamos Cristo purificando o templo. Aqui João, outra vez, introduz traços peculiares seus no quadro que descreve. Somente aqui encontramos o Senhor chamando o templo de “casa de meu Pai” (v. 16). Somente aqui encontramos O dizendo, em resposta àqueles que O desafiavam pedindo um sinal: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (v. 19). E somente aqui lemos: “Estando ele em Jerusalém, durante a Festa da Páscoa, muitos, vendo os sinais que ele fazia, creram no seu nome; mas o próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos. E não precisava de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana” (vv. 23-25). Quão grande prova era isso da Sua Divindade! Somente Ele “sabia o que era a natureza humana”³². Compare com isso as palavras de 1 Reis 8.39: “ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, perdoa, age e dá a cada um segundo todos os seus caminhos, já que lhe conheces o coração, porque tu, só tu, és conhecedor do coração de todos os filhos dos homens”. Ao ler, então, o coração dos homens, quão grande demonstração deu o Salvador de que Ele era Deus!

João 3 registra o encontro de Nicodemos com Cristo — algo que não se encontra nos outros três Evangelhos. Em plena harmonia com o objetivo deste Evangelho, encontramos o Salvador falando aqui a Nicodemos não sobre fé ou arrependimento, mas sobre o novo nascimento, que é a parte divina da salvação, declarando que “se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”. Nos quatro Evangelhos, somente aqui lemos que “Deus amou

³¹ BRA. É a que mais fielmente traduz o pensamento da palavra grega **μεινω** (meno).

³² Conforme a versão RC: “o que havia no homem”.

ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (3.16).

Em João 4, deparamo-nos com outro incidente que não aparece em nenhum outro lugar: o encontro do Senhor com a pobre samaritana adúltera. E aqui, uma vez mais, vemos lampejos da Sua glória divina. Ele diz à samaritana: “aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (v. 14). Ele manifestou a Sua onisciência ao declarar: “cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido” (v. 18). Ele conversa com ela sobre adorar o Pai “em espírito e em verdade”. Ele Se revela a ela como o grande “Eu sou” (v. 26). Ele a traz da morte para a vida, e das trevas para a Sua maravilhosa luz. Finalmente, Ele comprova a Sua unidade com o Pai, quando afirma: “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (4.34).

João 5 começa com o registro da cura do paralítico que estava doente havia trinta e oito anos. Nenhum dos outros evangelistas menciona isso. Esse milagre evidencia outra vez o *Verbo* em ação. Ele nada faz com esse pobre sofredor, nem mesmo o toca com as mãos. Ele meramente profere a palavra de autoridade e cura: “Levanta-te, toma o teu leito e anda”. “Imediatamente”, lemos, “o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar” (v. 9). O milagre foi realizado no dia de sábado, e os inimigos do Senhor usaram isso como pretexto para acusá-IO. Não apenas isso, mas lemos “E os judeus perseguiram Jesus, porque fazia estas coisas no sábado” (v. 16). Lemos também, nos outros Evangelhos, sobre Cristo sendo condenado porque transgrediu as tradições dos judeus concernentes ao sábado. Mas lá O encontramos dando uma resposta muito diferente da que está registrada aqui. Lá, Ele insiste no direito de realizar obras de misericórdia no sábado. Nos outros Evangelhos, também, Ele recorre aos sacerdotes que executam os seus deveres no templo no dia de sábado. Mas aqui no Evangelho de João Ele Se fundamenta em algo mais elevado. Ele diz: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (v. 17). Não há como errar quanto ao significado dessas palavras. Cristo lembrou os seus acusadores como o fato de Seu “Pai” trabalhar no dia de sábado é algo coerente e associado com o Seu governo do universo, na manutenção do curso regular da natureza, ao enviar chuva e assim por diante. E pelo fato de Ele ser um com “o Pai”, Ele insistiu que aquilo que era correto o Pai fazer, era igualmente correto que Ele mesmo fizesse. Que esse era o sentido do que Ele disse, claramente se vê no versículo seguinte: “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (5.18). Nos versículos restantes do capítulo, encontramos Cristo reafirmando Sua absoluta igualdade com o Pai.

O sexto capítulo inicia com a descrição de um milagre, narrado também por cada um dos outros evangelistas: Jesus alimenta os cinco mil. Mas aqui o milagre é seguido de um longo discurso que não é registrado em nenhum outro lugar. Aqui o Senhor Se apresenta como “o pão de Deus”, que desceu do céu para dar vida ao mundo. Ele declara que somente Ele pode satisfazer a indigente alma humana: “Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (v. 35). Não temos como examinar os detalhes desse maravilhoso capítulo, mas logo se fará evidente ao estudante que aqui está sendo apresentado o lado divino das coisas. Por exemplo, é aqui que lemos as palavras do Salvador: “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer” (v. 44). É aqui

que somos informados que “Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair” (v. 64). E é daqui que sabemos que, quando muitos dos discípulos “o abandonaram e já não andavam com ele”, e Ele disse aos doze: “Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?” — Pedro respondeu: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna” (v. 68).

O capítulo sete nos apresenta Cristo em Jerusalém durante a festa dos tabernáculos. Há muita coisa aqui profundamente interessante, mas foge do nosso propósito, agora, fazer uma exposição completa do texto. Não estamos escrevendo um breve comentário de João; estamos, antes, tentando destacar aquilo que é nitidamente característico neste quarto Evangelho. Repare, então, uma ou duas descrições nesta cena que servem para enfatizar os atributos divinos de Cristo. Somos informados que, no meio da festa, “Jesus subiu ao templo e ensinava”. O Seu ensino deve ter sido extraordinariamente impressionante, porque lemos: “Então, os judeus se maravilhavam e diziam: Como sabe este letras, sem ter estudado?” (v. 15). Mas a Sua forma de falar era tão espantosa, que aquilo que Ele disse serviu apenas para evidenciar a inimizade daqueles que O ouviam: “Então, procuravam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs a mão, porque ainda não era chegada a sua hora” (v. 30). Isso é muito impressionante, e está em pleno acordo com o tema central do Evangelho de João! O fato expõe o lado divino dos acontecimentos, mostrando o completo controle de Deus sobre os inimigos do Seu Filho. Em seguida, lemos: “No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (vv. 37,38). Como isso revela a completa suficiência de Cristo! Ninguém a não ser Deus poderia fazer uma afirmação dessas. Por último, podemos observar aqui que, quando os fariseus ouviram que muitos do povo criam nEle, “enviaram guardas para o prenderem” (vv. 31,32). A sequência de acontecimentos foi impressionante: “Voltaram, pois, os guardas à presença dos principais sacerdotes e fariseus, e estes lhes perguntaram: Por que não o trouxestes? Responderam eles: Jamais alguém falou como este homem” (vv. 45,46).

João 8 inicia relatando o incidente da mulher surpreendida em adultério, trazida a Cristo pelos escribas e fariseus. O motivo deles em trazê-la era maldoso. Não é que eles fossem zelosos em defender a observância das exigências da lei de Deus, mas o que tentavam fazer era apanhar numa armadilha o Filho de Deus. Eles armaram-Lhe uma cilada. Lembraram-Lhe que Moisés dera um mandamento que ordenava que esse tipo de mulher fosse apedrejada — “tu, pois, que dizes?” eles perguntaram. Ele havia declarado que “Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo 3.17). Permitiria Ele, então, que essa mulher culpada de adultério fugisse da penalidade da lei? Se isso acontecesse, o que aconteceria com esta outra reivindicação Sua — “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5.17)? Parecia que Ele tinha sido pego; não havia saída. Se Ele ordenasse o apedrejamento, onde estaria a graça? Por outro lado, se Ele ordenasse que ela fosse liberta, onde estaria a justiça? Ah, quão maravilhosamente se apresenta a Sua sabedoria divina na forma magistral com que Ele lida com a situação. Ele diz aos que tentavam pegá-LO na armadilha: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”. Era o *Verbo* em ação outra vez; o Verbo divino, porque lemos: “Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher

no meio onde estava” (v. 9). O caminho estava desimpedido, agora, para que Ele mostrasse a Sua misericórdia. A lei requeria duas “testemunhas” pelo menos, mas não sobrara nenhuma. Ele disse à mulher: “Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?” E ela responde: “Ninguém, Senhor!” Então, para manifestar a Sua santidade, Ele diz: “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais” (v. 11). Dessa forma, contemplamos aqui a Sua glória, “como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”³³. Daí se segue o belo discurso em que Cristo Se proclama como “a luz do mundo”, dizendo “quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (v. 12). Isso foi particularmente apropriado para a ocasião, uma vez que Ele havia acabado de provar que Ele de fato era o que estava dizendo ser — Ele tinha feito brilhar a perscrutadora luz de Deus na consciência daqueles que acusavam a mulher adúltera.

O que vem em seguida no próximo capítulo está estreitamente ligado ao que acabamos de considerar. Aqui Cristo concede vista a um cego de nascença; e, logo antes de mudar em luz a escuridão dos olhos desse homem, Ele usa a ocasião para dizer, novamente: “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (9.5). A sequência desse milagre tem dois lados, um abençoado, outro digno de dó. O homem que teve os olhos abertos foi trazido diante dos fariseus e, após longo interrogatório, eles o expulsaram da sinagoga, por causa do ousado testemunho que deu do seu Benfeitor. Mas somos informados que “Ouvindo Jesus que o tinham expulsado, encontrando-o, lhe perguntou: Crês tu no Filho do Homem? Ele respondeu e disse: Quem é, Senhor, para que eu nele creia? E Jesus lhe disse: Já o tens visto, e é o que fala contigo. Então, afirmou ele: Creio, Senhor; e o adorei” (vv. 35-38). Dessa forma, Cristo evidenciou graciosamente que, quando Deus começa uma boa obra nalguma alma, Ele não pára até que a tenha completado. O capítulo termina com uma solene advertência contra os que se opõem a Cristo, aos quais a luz acaba cegando: “Prosseguiu Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos” (v. 39).

João 10 é o capítulo em que Cristo é revelado como o bom Pastor, e há muito nesse capítulo que revela os Seus atributos divinos. Aqui Ele Se apresenta como o proprietário do aprisco, e revela que os crentes, na figura das ovelhas, pertencem a Ele. Elas são Sua propriedade, bem como são objeto da Sua terna preocupação. Elas O conhecem, e Ele as conhece. É a voz dEle que elas seguem, e não seguem a voz do estranho. Ele dá a vida por Suas ovelhas. Mas, repare bem, quanto a Sua vida, o Salvador declara: “Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la” (v. 18). Um mero homem não poderia sustentar uma reivindicação dessas. Também nenhum mestre meramente humano poderia ter dito a seus discípulos: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (v. 28). Que Ele era mais do que mero homem, que Ele era Deus o Filho, encarnado, isso claramente se percebe das palavras com que o Salvador encerra o Seu discurso: “Eu e o Pai somos um” (v. 30).

João 11 nos apresenta o que foi, talvez, o mais maravilhoso milagre realizado por nosso Senhor, enquanto esteve na terra: a ressurreição de Lázaro. O registro desse milagre é, apropriadamente, exclusivo do quarto Evangelho. Os outros nos contam a ressurreição da filha de Jairo, a qual acabara de morrer; e Lucas menciona a ressurreição do filho da viúva de Naim, quando o seu corpo estava a caminho do cemitério; mas somente João registra a ressurreição de

³³ João 1.14, Versão RC.

Lázaro, que já estava no túmulo fazia quatro dias, e cujo corpo já havia começado a apodrecer. A realização deste milagre é um sinal de que Cristo é o Filho de Deus. Aqui, de novo, vemos o “Verbo” em ação. A filha de Jairo Ele tomou pela mão; a respeito do filho da viúva de Naim, lemos: “Ele tocou o esquife”; mas aqui Ele não fez nada além de falar: primeiro, que os presentes removessem a pedra colocada na entrada do túmulo, depois clamou em alta voz: “Lázaro, vem para fora!”

João 12 nos conduz ao término do ministério público de nosso Senhor, conforme apresentado neste Evangelho. O capítulo se inicia com uma cena que conquista o coração de todos os que a contemplam com fé. Vemos o Salvador num lar em Betânia, onde uma profunda gratidão Lhe prepara uma ceia, e Lázaro também é um dos convidados. Depois de terminada a refeição, Maria unge os Seus pés com um agradável bálsamo de nardo puro, “mui precioso”, e os enxuga com os próprios cabelos. É impressionante reparar as diferenças entre a descrição que Mateus faz deste incidente e o que está registrado aqui. É somente João que nos diz que Lázaro sentou-se à mesa com o Senhor; é somente João que nos informa que “Marta servia”, e é somente João que fornece o nome da zelosa mulher que tanto amor expressou por Cristo: aqui tudo “é manifestado” pela Luz. Além disso, repare especialmente que Mateus diz que a mulher derramou o unguento “sobre a cabeça” do Senhor Jesus (26.7); mas aqui em João somos informados que ela “ungiu os pés de Jesus” (12.3). As descrições não são contraditórias, mas suplementares. Ambas são verdadeiras, mas vemos a mão do Espírito Santo controlando cada um dos evangelistas para registrar apenas aquilo que estava em harmonia com o seu tema. Em Mateus, é o Rei que está diante de nós, por conseguinte é a Sua “cabeça” que é ungida; mas em João nos é apresentado o Filho de Deus, e por isso Maria aqui toma o seu lugar aos Seus “pés”!

João 13 é um impressionante contraste daquilo que encontramos no início do capítulo anterior. Lá, contemplamos os pés do Senhor; aqui nós vemos os pés dos Seus discípulos. Lá, vimos os Seus pés sendo ungidos; aqui, os pés dos discípulos são lavados. Lá, os pés de Cristo foram ungidos com um cheiroso e caro unguento; aqui os pés dos discípulos são lavados com água. Lá, os pés do Senhor são lavados por outrem; mas aqui os pés dos discípulos são lavados por ninguém menos que o próprio Filho de Deus. E repare que a unção dos Seus pés antecede a lavagem dos pés dos discípulos, porque em tudo Ele tem de ter a primazia. E que contraste nos é apresentado aqui! Os “pés” nos falam de caminhar. Os pés dos discípulos estavam sujos: o caminhar deles precisava de limpeza. Mas o mesmo não acontece com o Senhor da glória: o Seu caminhar emanava sempre uma suave fragrância ao Pai.

À primeira vista, parece estranho que essa humilde tarefa de lavar os pés dos discípulos seja registrada por João. Mas a verdade é que o próprio fato de ter sido registrado aqui nos fornece a mais segura chave para interpretar o seu significado. Esse ato evidenciou a incrível condescendência do Filho de Deus, que Se humilhou de tal forma ao ponto de executar uma das tarefas mais banais de um escravo. Mas João mencionar esse incidente nos indica que há um significado espiritual no acontecimento. Os “pés”, como já vimos, apontam para o caminhar, e “água” é o bem conhecido símbolo da Palavra escrita. Espiritualmente, esse ato fala de Cristo manter o andar dos Seus discípulos, removendo as contaminações que os tornam inadequados para comungar com um Deus santo. Foram membros da Sua igreja que aqui foram lavados pela Cabeça “por meio da lavagem de água pela palavra” (Ef 5.26). É apropriado, então, que esse

incidente tenha sido registrado neste quarto Evangelho, porque quem além de uma Pessoa divina seria capaz de limpar o andar dos crentes e mantê-los em comunhão com o Pai!

No restante de João 13 e até o final do capítulo 16, encontramos aquilo que se conhece como o “discurso pascal” do Senhor. Ele, também, é registrado apenas por João, e praticamente tudo nele revela os atributos divinos do Salvador. É aqui que Ele diz aos discípulos: “Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou” (13.13). É aqui que Cristo disse, antevendo a cruz: “Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele” (13.31). É aqui que Ele diz que vai “preparar lugar” para os Seus (14.2,3). É aqui que Ele convida os Seus discípulos a orar em Seu nome (14.13). É aqui que Ele diz: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo.” (14.27). É aqui que Ele diz tantas coisas sobre dar fruto, na bela figura da videira. É aqui que Ele fala do “Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai” (15.26). E é aqui que Ele diz, a respeito do Espírito Santo: “Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (16.14).

João 17 contém aquilo que se conhece como a Oração Sacerdotal de Cristo. Não há nada semelhante a isso nos outros Evangelhos. Temos aqui uma amostra do atual ministério dEle no céu. Aqui encontramos o Salvador dizendo: “Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti” (v. 1). Aqui Ele Se refere a Si mesmo como Aquele a quem foi conferida “autoridade sobre toda a carne” (v. 2). Aqui Ele é inseparavelmente relacionado com “o único Deus verdadeiro” (v. 3). Aqui Ele fala (de forma antecipada) de haver “consumado” a obra que Lhe havia sido confiada (v. 4). Aqui Ele pede: “glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (v. 5). Aqui Ele ora por Seu próprio povo amado: que sejam preservados do mal, que todas as suas necessidades sejam supridas, pela sua santificação e unidade. A Sua perfeita igualdade ao Pai se evidencia quando Ele diz: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (v. 24).

Os capítulos restantes serão considerados posteriormente, de forma que passaremos agora a observar algumas das linhas gerais que caracterizam este Evangelho tanto em suas partes como no seu todo.

I. COISAS OMITIDAS DO EVANGELHO DE JOÃO

Quando examinamos o segundo Evangelho, demos ênfase a várias coisas que Marcos não registrou, e vimos que os itens excluídos destacaram a perfeição da sua forma particular de descrever a Cristo. Aqui também, podemos seguir em larga escala a mesma linha de raciocínio. Muito do que se encontra nos três primeiros Evangelhos é omitido por João: é material irrelevante ao seu tema especial. Consideraremos a seguir algumas das principais omissões:

1. No Evangelho de João, não encontramos genealogia, nem Sua ligação legal a José, nem Sua ligação pessoal a Maria. Não há nem mesmo descrição do Seu nascimento. Em lugar disso, como já vimos, “No princípio era o Verbo”. Por razão similar, João se cala sobre a tentativa de Herodes de matar o Cristo menino, a fuga para o Egito, e o subsequente retorno à

Galileia. Nada se diz sobre o Senhor Jesus como menino de doze anos, no meio dos doutores no templo. Nenhuma referência se faz aos anos vividos em Nazaré, e nem mesmo se insinua que Cristo trabalhou como carpinteiro antes de começar Seu ministério público. Tudo isso é desconsiderado, como informações não-relevantes.

2. Neste Evangelho, não há relato do Seu batismo. Marcos menciona que o Senhor Jesus foi batizado pelo Seu precursor; e Mateus e Lucas descrevem, cada um, extensamente as circunstâncias em que isso aconteceu. É óbvia a razão por que João não diz nada sobre o assunto. No Seu batismo, Cristo, em graça condescendente, assumiu Seu lugar junto com o Seu povo necessitado, dizendo àquele que O batizou: “Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3.15).

3. João nada diz sobre a tentação. Aqui novamente podemos ver a mão superintendente do Espírito Santo, guiando os diferentes evangelistas na seleção do material que usaram. Cada um dos três primeiros Evangelhos menciona o tempo gasto por Cristo no deserto, onde Ele foi tentado pelo diabo por quarenta dias. Mas João se cala sobre o assunto. Por quê? Porque João está apresentando Cristo como Deus o Filho, e “Deus não pode ser tentado” (Tg 1.13).

4. Não há relato da Sua transfiguração. À primeira vista, isso parece estranho, mas um pouco de consideração nos detalhes revelará o porquê dessa omissão. A cena maravilhosa testemunhada pelos três discípulos no monte santo não era a revelação das Suas glórias divinas, mas uma pequena representação, um anúncio, uma proclamação do Filho do Homem vindo no Seu reino (veja Mt 16.28 etc.). Mas o reino terreno não faz parte do propósito deste Evangelho. Aqui, o que importa são os relacionamentos espirituais, celestiais.

5. Aqui não temos a nomeação dos apóstolos. Nos outros Evangelhos, encontramos o Senhor Jesus selecionando, equipando e enviando os doze — para pregar e para curar; e em Lucas lemos também que Ele enviou os setenta. Mas aqui, em harmonia com o caráter deste Evangelho, toda ministração e operação de milagres está inteiramente nas mãos do Filho de Deus.

6. Não vemos Cristo orando nem uma vez, aqui. Isso fica mais evidente no original grego do que nas outras línguas. No Evangelho de João, não encontramos nunca, associada a Cristo, a palavra que o põe como um suplicante; em vez disso, usa-se a palavra “*erotos*”, e essa palavra traz a idéia de “falar” de igual para igual. É surpreendente comparar o que cada evangelista registra depois do milagre da alimentação dos cinco mil. Mateus diz: “E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho” (14.23). Marcos diz: “E, tendo-os despedido, subiu ao monte para orar” (6.46). Lucas também segue sua narração desse milagre com as palavras “Estando ele orando à parte” (9.18). Mas quando chegamos ao quarto Evangelho, lemos: “Jesus ... retirou-se novamente, sozinho, para o monte” (6.15), e aqui João pára!

O conteúdo de João 17 talvez pareça contradizer o que acabamos de dizer, mas na verdade não é assim. No início do capítulo, lemos: “Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti” (v. 1). E no final lemos que Ele disse: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste” (v. 24). Dessa forma, Ele falou com o Pai de igual para igual.

7. Não lemos nunca no Evangelho de João da “vinda do Filho do Homem”, e pela mesma razão aqui Ele nunca é chamado de “Filho de Davi”. A vinda do Filho do Homem sempre se refere à Sua volta à terra, à Sua volta ao seu povo terreno. Mas aqui lemos não de uma Palestina restaurada, mas da “casa do Pai” e de suas “muitas moradas”, de Cristo subir ao céu para preparar lugar para o Seu povo celestial, e da Sua volta para recebê-los para Si mesmo, para que estejam também ali com Ele.

8. Não encontramos nunca a palavra “arrepender-se” em João. Nos outros Evangelhos, esse é um termo frequente; por que razão, então, não aparece aqui? Nos outros Evangelhos, o pecador é visto como culpado, e precisa, portanto, “arrepender-se”. Mas aqui se contempla o pecador espiritualmente morto, e por isso extremamente necessitado daquilo que somente Deus pode dar — “vida”! É aqui que lemos que o homem precisa “nascer de novo” (3.7), que precisa ser “vivificado” (5.21), e que precisa ser “trazido” a Cristo (6.44).

9. Também não se encontra a palavra “perdoar” em João. Essa, também, é uma palavra comumente usada nos outros Evangelhos. Por que, então, é omitida aqui? Em Mateus 9.6, lemos: “o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados”. Como Filho do Homem, Ele “perdoa”; como Filho de Deus, Ele concede “vida eterna”.

10. Não se encontra nenhuma parábola no Evangelho de João. Essa é uma omissão tremendamente notável. Encontramos a chave para isso em Mateus 13: “Então, se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas? Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido. Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem” (vv. 10-13). Aqui aprendemos por que Cristo, na fase final do Seu ministério, ensinou através de parábolas. Seu objetivo era ocultar, daqueles que O haviam rejeitado, aquilo que somente poderia ser compreendido por aqueles que tinham discernimento espiritual. Mas aqui em João, Cristo não está ocultando, mas revelando — revelando Deus. É de lamentar que a lógica da forma de nosso Senhor de ensinar por meio de parábolas seja conhecido de tão poucos. A definição popular das parábolas de Cristo é que elas eram histórias terrenas com significado celestial. Como é possível que os homens ponham a coisa toda de pernas para o ar! A verdade é que as Suas parábolas era histórias celestiais com significado terreno, relacionadas com Seu povo terreno, em conexões terrenas. Essa é outra razão por que nenhuma delas se encontra em João — a palavra em 10.6 é “provérbio”.

11. No Evangelho de João não se faz nenhuma menção a demônios. Não sabemos por que razão. Dizer que não se faz referência a eles porque isso seria incompatível com as glórias divinas de Cristo não seria satisfatório; porque Satanás mesmo é mencionado repetidas vezes. Na verdade, é somente aqui que o diabo é chamado três vezes de “príncipe deste mundo”; e Judas, também, como o filho da perdição, ocupa aqui uma posição mais proeminente do que nos outros Evangelhos. Se algum dos leitores tiver uma revelação por que os demônios são excluídos deste Evangelho, ficaríamos muito gratos em ouvi-lo.

12. Não há descrição da ascensão de Cristo neste quarto Evangelho. Isso é notável, e por implicação expõe claramente a Divindade do Senhor Jesus. Como Deus o Filho, Ele era

onipresente, e dessa forma não tinha necessidade de ascender ao céu. Como Deus o Filho, Ele enche tanto o céu como a terra.

Passamos, agora, para

II. AS CARACTERÍSTICAS POSITIVAS DO EVANGELHO DE JOÃO

1. *Os títulos de Cristo são muito significativos*

Este é o único dos quatro Evangelhos em que o Senhor Jesus é revelado como “o Verbo” (1.1). É somente aqui que se declara que Ele é o Criador de todas as coisas (1.3). É somente aqui que se fala dEle como o “*unigênito do Pai*” (1.14). Somente aqui Ele é chamado “*o Cordeiro de Deus*” (1.29). Somente aqui Ele é revelado como o grande “*Eu Sou*”. Quando Jeová apareceu a Moisés na sarça ardente, e o enviou para que fosse ao Egito exigir que faraó libertasse o Seu povo Israel, Moisés disse: Quem direi que me enviou? E Deus respondeu: “Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros” (Êx 3.14). E aqui, no Evangelho de João, Cristo toma o mais sagrado título da Divindade e Se apropria dele referindo-se a Si mesmo, preenchendo-o com uma plenitude séptupla: “Eu sou o pão da vida” (6.35); “(Eu) sou a luz do mundo” (9.5); “eu sou a porta” (10.7); “Eu sou o bom pastor” (10.11); “Eu sou a ressurreição e a vida” (11.25); “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (14.6); “Eu sou a videira verdadeira” (15.1).

2. *Aqui se revela de forma proeminente a Divindade de Cristo*

O próprio Cristo expressamente a declarou: “Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão” (5.25). Outra vez: “Ouvindo Jesus que o tinham expulsado, encontrando-o, lhe perguntou: Crês tu no Filho do Homem? Ele respondeu e disse: Quem é, Senhor, para que eu nele creia? E Jesus lhe disse: Já o tens visto, e é o que fala contigo” (9.35-37). E mais outra vez: “Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele a quem amas. Ao receber a notícia, disse Jesus: Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado” (11.3,4). Trinta e cinco vezes neste Evangelho encontramos o Senhor Jesus falando de Deus como “meu Pai”. Vinte e cinco vezes Ele diz, aqui, “Em verdade, em verdade” — em nenhum outro lugar se encontra essa forma de dar ênfase.

Incluindo a Sua própria declaração, encontramos sete diferentes declarações da Divindade de Cristo neste Evangelho. Primeiro, João Batista: “Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus” (1.34). Segundo, Natanael: “Mestre, tu és o Filho de Deus” (1.49). Terceiro, Pedro: “nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (6.69). O próprio Senhor: “então, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas; porque declarei: sou Filho de Deus?” (10.36). Quinto, Marta: “Sim, Senhor, respondeu ela, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo” (11.27). Sexto, Tomé: “Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!” (20.28). Sétimo, o

autor deste quarto Evangelho: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (20.31).

3. Há uma extraordinária série de “setes” neste Evangelho

É surpreendente descobrir com que frequência esse número se encontra aqui, e quando nos lembramos do significado dele, isso se torna ainda mais espantoso. Sete é o número da perfeição, e não se encontra perfeição absoluta enquanto não se chega ao próprio Deus. Quão maravilhoso, então, que neste Evangelho que nos apresenta a Divindade de Cristo esse número sete seja encontrado a todo momento!

São sete pessoas que confessam a Divindade de Cristo aqui, e, como já vimos, por sete vezes Ele completa o inefável título “Eu sou”. João registra exatamente sete milagres realizados por nosso Senhor durante o Seu ministério público — não mais, não menos. Sete vezes lemos: “Isto vos tenho dito”³⁴. Sete vezes Cristo dirige a palavra à mulher junto à fonte. Sete vezes, em João 6, Cristo fala de Si mesmo como “o pão da vida”.

Lemos que o Bom Pastor faz sete coisas por Suas ovelhas, e Cristo diz sete coisas sobre as Suas ovelhas em João 10. Sete vezes Cristo Se refere à “hora” em que consumaria a obra que Lhe havia sido dada para executar. Sete vezes Ele pede que Seus discípulos orem “em Seu nome”. Encontramos sete vezes a palavra “ira” em João 15. Em João 16.13 e 14, enumeram-se sete coisas que o Espírito Santo fará pelos crentes. Cristo pediu sete coisas ao Pai em favor dos crentes em João 17, e precisamente sete vezes Ele Se refere a eles como dádiva que o Pai Lhe deu. Sete vezes neste Evangelho lemos que Cristo declara que fala apenas as Palavras do Pai — 7.16; 8.28; 8.47; 12.49; 14.10; 14.24; 17.8. Sete vezes o autor deste Evangelho refere-se a si mesmo, sem contudo mencionar o próprio nome. Há sete coisas importantes encontradas em João que são comuns a todos os quatro Evangelhos. E assim poderíamos continuar. Que o leitor procure, ele mesmo, cuidadosamente, e haverá de encontrar muitos outros exemplos.

4. Os vãos ataques humanos contra a Sua vida

O Cristo de Deus não foi apenas “desprezado e o mais rejeitado entre os homens”³⁵, nem foi apenas “odiado sem motivo”³⁶, mas os Seus inimigos repetidamente atentavam contra a Sua vida. Isso é mencionado, brevemente, pelos outros evangelistas, mas João é o único que nos conta que os seus esforços foram vãos. Por exemplo, em João 7.30, lemos: “Então, procuravam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs a mão, *porque ainda não era chegada a sua hora*”. Novamente, em 8.20, lemos: “Proferiu ele estas palavras no lugar do gazofilácio, quando ensinava no templo; e ninguém o prendeu, *porque não era ainda chegada a sua hora*”. Esses textos, em harmonia com o caráter especial deste quarto Evangelho, nos apresentam a perspectiva divina das coisas. Eles nos revelam que os eventos terrenos se realizam somente de acordo com a permissão do céu. Eles mostram que Deus opera todas as coisas conforme o conselho da Sua própria vontade, e de acordo com o Seu eterno propósito. Eles nos ensinam que nada ocorre por acaso, mas que, quando chega a “hora” de Deus, aquilo que foi decretado

³⁴ Ou suas variantes: 14.25; 15.11; 16.1; 16.4 (duas vezes); 16.25 e 16.33.

³⁵ Isaías 53.3.

³⁶ João 15.25.

por Sua soberana vontade se realiza. Eles revelam o fato de que mesmo os Seus inimigos estão totalmente sujeitos ao controle direto de Deus, e que eles não podem fazer um simples movimento sem a Sua expressa permissão.

O Senhor Jesus Cristo não foi uma vítima indefesa de uma multidão furiosa. Aquilo que Ele sofreu, Ele o suportou voluntariamente. O inimigo podia rugir contra Ele, e seus emissários poderiam estar sedentos do Seu sangue, mas eles não podiam fazer nada sem o Seu consentimento. É neste Evangelho que O ouvimos dizer: “Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. *Ninguém a tira de mim*; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la” (10.17,18). Enquanto estava pendurado na cruz, Seus inimigos diziam: “Salvou os outros; *a si mesmo se salve*, se é, de fato, o Cristo de Deus, o escolhido” (Lucas 23.35). E Ele aceitou o desafio deles! Ele Se salvou não da morte em si, mas do poder dela; não da cruz, mas do túmulo.

5. O propósito e objetivo deste Evangelho

A chave deste Evangelho está pendurada bem na porta de entrada. O versículo inicial declara que a Divindade de Cristo é o tema especial deste Evangelho. A ordem do seu conteúdo está definida em 16.28: (1.) “Vim do Pai” — isso poderia ser o título da introdução, os primeiros dezoito versículos do capítulo um; (2.) “e entrei no mundo” — isso poderia ser o título da primeira seção maior deste Evangelho, de 1.19 ao fim do capítulo 12. (3.) “todavia, deixo o mundo” — isso poderia ser o título da segunda grande seção do Evangelho, do capítulo 13 ao 17, onde vemos o Senhor separado “do mundo”, sozinho com os Seus amados discípulos. (4.) “e vou para o Pai” — isso poderia ser o título da seção final deste Evangelho, composta dos quatro últimos capítulos, que nos dão as cenas finais, preparatórias para o retorno do Senhor para o Seu Pai.

Os versículos finais de João 20 nos informam o propósito deste Evangelho: “Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome”. O Evangelho de João, então, é particularmente adequado aos não-salvos. Mas isso não esgota o seu propósito. Ele é igualmente apropriado e foi escrito para os crentes; na verdade, o capítulo inicial declara que ele se destina especialmente aos salvos, porque em 1.16 lemos: “Porque *todos nós temos recebido* da sua plenitude e graça sobre graça”.

6. A extraordinária descrição da Sua Paixão

Aqui não encontramos nenhum vislumbre da agonia do Salvador no Getsêmani: não ouvimos o clamor “passa de mim este cálice”, não há suor de sangue, nenhum anjo aparece para fortalecê-lo. Aqui não O vemos procurando a companhia dos Seus discípulos no jardim; em vez disso, Ele percebe que eles precisam da Sua proteção (veja 18.8). Aqui não vemos Simão sendo compelido a carregar a Sua cruz. Aqui não vemos nenhuma menção das três horas de escuridão, nem se faz referência ao terrível grito “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” Aqui nada se diz dos espectadores zombando do Salvador moribundo, nem se

menciona o insultuoso desafio dos mestres da lei para que Ele desça da cruz para que creiam nEle. E aqui não se diz uma palavra sobre o véu que se rasga, quando o Redentor dá o último suspiro. Como isso é impressionante, porque no Evangelho de João Deus é revelado a todo momento; não há porque, então, rasgar o véu aqui! João nada diz sobre Ele comer alguma coisa depois da ressurreição, porque como Filho de Deus, Ele não precisa disso!

7. Do meio da Sua humilhação, revela-se a dignidade e a majestade de Cristo

João é o único que nos conta que, quando os inimigos do Senhor vieram prendê-lo no jardim, Ele lhes perguntou: “A quem buscais?”; eles replicaram: “A Jesus, o Nazareno”; Ele, então, pronuncia o sagrado “Sou eu”, e eles “recuaram e caíram por terra” (18.6). Que demonstração da Sua Divindade foi essa! Ele bem poderia ter saído dali sem ser molestado, se assim o quisesse!

João é o único que menciona a Sua túnica “sem costura” que os soldados não quiseram rasgar (19.24). João é o único que nos mostra quão completamente o Salvador era senhor de Si — “vendo Jesus *que tudo já estava consumado*” (19.28). Sua mente não estava confusa, nem Sua memória enfraquecida. Não; mesmo no final de todos os Seus sofrimentos, o plano completo da profecia messiânica permanecia claramente diante dEle.

João é o único dos quatro evangelistas que registra o brado triunfante do Salvador: “Está consumado!” (19.30), como também é o único que diz que, após ter Ele expirado, os soldados “não lhe quebraram as pernas” (19.33). João é o único que nos conta que aqueles que O amavam correram até o sepulcro (20.3,4). E João é o único a dizer que o Salvador ressurrecto “soprou” sobre os discípulos, e disse: “Recebei o Espírito Santo” (20.22).

O versículo final deste Evangelho está em perfeita harmonia com o seu caráter e propósito. Aqui, e somente aqui, somos informados que “Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (21.25). Dessa forma, a última nota que soa aqui é a da *infinitude!*



Conclusão

Em nossa relativamente breve análise dos quatro Evangelhos, foi nosso propósito apresentar ao leitor aquilo que é característico em cada um, mostrando as várias conexões em que os diferentes evangelistas apresentam nosso Senhor e Salvador. É evidente que cada um dos Evangelhos O observa numa relação distinta — Mateus o vê como Rei; Marcos, como Servo; Lucas, como Filho do Homem; e João, como Filho de Deus. Mas ao mesmo tempo que cada evangelista retrata o Senhor Jesus de um ponto de vista inteiramente diferente dos outros, ele contudo de forma alguma exclui aquilo que se encontra nos demais três. Deus sabia que onde as Escrituras seriam traduzidas para as línguas gentias, antes que a Bíblia completa ou mesmo o Novo Testamento completo fosse dado aos diferentes povos, muitas vezes apenas um dos Evangelhos seria traduzido de início, e por isso o Espírito Santo providenciou que cada Evangelho fizesse uma apresentação mais ou menos completa das múltiplas glórias do Seu Filho. Noutras palavras, Ele fez com que cada escritor unisse em seu próprio Evangelho as várias descrições da Verdade encontradas nos outros, embora subordinasse isso àquilo que era central e peculiar a cada Evangelho.

O que domina a descrição que Mateus faz do Senhor Jesus é a Sua apresentação como o Filho de Davi, o Herdeiro do trono de Israel, o Messias e Rei dos judeus. Contudo, embora seja esta a característica principal do primeiro Evangelho, um cuidadoso estudo dele haverá de descobrir vestígios dos outros ofícios cumpridos por Cristo. Mesmo em Mateus se pode ver o caráter de servo de nosso Senhor, embora de maneira incidental. É Mateus que nos conta que, quando os filhos de Zebedeu vieram para pedir-Lhe o direito de sentar à Sua direita e à Sua esquerda no Seu reino, e quando os outros dez apóstolos se indignaram contra os dois, Ele disse: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (20.25-28). Também é deste Evangelho que aprendemos que, quando Ele enviou os doze, Ele os alertou: “O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?” (10.24,25).

Além do mais, o Evangelho de Mateus não oculta de nós o humilde lugar que o Senhor assumiu como o Filho do Homem, uma vez que é aqui que vemos registrada a Sua declaração de que “As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem

onde reclinar a cabeça” (8.20). Também é aqui que somos informados que, quando os cobradores de impostos perguntaram a Pedro: “Não paga o vosso Mestre as duas dracmas?”, o Senhor disse ao Seu discípulo: “Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos? Respondendo Pedro: Dos estranhos, Jesus lhe disse: Logo, estão isentos os filhos. Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que físcar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti” (17.25-27).

Dessa forma, também, as glórias divinas de Cristo rebrilham neste primeiro Evangelho. É aqui que somos informados do seguinte: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: *Deus conosco*)” (1.23). E é aqui que vemos registrada mais plenamente a notável confissão de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (16.16).

O propósito central de Marcos é apresentar Cristo como o perfeito Servo de Deus; contudo, aqui e ali ele dá indícios de que o Servo de Jeová possui outras e mais elevadas glórias. Este segundo Evangelho, bem como o primeiro e o terceiro, registra a Sua transfiguração no monte santo (9.2), e Marcos também nos relata a entrada triunfal em Jerusalém (11.7-10). É aqui que somos informados que, quando o sumo sacerdote Lhe perguntou “És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?”, Ele respondeu: “Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu” (14.62). Dessa forma, Ele deu testemunho da Sua glória messiânica e de Sua realeza.

Marcos também toma o cuidado de nos informar no versículo inicial do seu Evangelho que Jesus Cristo era “Filho de Deus”, como também nos informa que o endemoninhado no meio dos sepulcros exclamou com alta voz: “Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo?” (5.7). Essas coisas não diminuem aquilo que é central neste segundo Evangelho, mas preservam as glórias divinas daquele que “assumiu a forma de servo”³⁷.

Lucas descreve a humanidade do Salvador, retratando-O como o Filho do Homem, e nos mostra o humilde lugar assumido por Ele. Mas apesar de ser esse o tema central do terceiro Evangelho, também se fazem referências, aqui, às Suas glórias mais elevadas. É aqui que lemos que o Salvador disse ao povo: “eis aqui está quem é maior do que Salomão” (11.31), como também é aqui que O vemos chamado de “Filho de Davi” (18.38). Lucas também se refere à transfiguração e à entrada triunfal em Jerusalém.

Este terceiro Evangelho revela o fato de que o Salvador era mais do que Homem. É aqui que somos informados que o anjo do Senhor disse a Maria: “o ente santo que há de nascer [de ti] será chamado Filho de Deus” (1.35); como também é aqui que lemos do endemoninhado que exclamou dizendo em alta voz: “Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo?” (8.28)!

Assim também acontece no quarto Evangelho. A característica principal ali é a apresentação da Divindade de Cristo, contudo uma leitura cuidadosa de João também haverá de revelar a Sua realeza bem como a Sua humildade de Homem. É aqui que lemos de André falando com Simão, seu irmão: “Achamos o Messias (que quer dizer Cristo)” (1.41). É aqui que somos informados que Natanael reconhece nosso Senhor como “Rei de Israel” (1.49). É neste

³⁷ Filipenses 2.7.

quarto Evangelho que ouvimos os samaritanos dizerem à adúltera convertida: "Já não é pelo que disseste que nós cremos, porque nós mesmos o temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo [isto é, o Messias], o Salvador do mundo"³⁸ (4.42). E também é aqui que aprendemos que, ao entrar em Jerusalém, o povo "tomou ramos de palmeiras e saiu ao seu encontro, clamando: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel!" (12.13).

Dessa mesma forma encontramos, em João, ilustrações da humildade de nosso Senhor. É neste quarto Evangelho que lemos: "Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte" (4.6). É aqui que vemos registrado o comovente fato de que "cada um foi para sua casa. Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras" (7.53; 8.1). "Cada um" tinha "sua casa" para onde recolher-se à noite, mas o Amado do Pai era um estrangeiro sem-teto aqui! João, também, é quem nos diz: "Era inverno. Jesus [uma vez que estava frio demais no monte,] passeava no templo, no Pórtico de Salomão" (10.22,23). Também é João que nos mostra o Senhor como o perfeito Homem, fazendo provisão para a sua mãe viúva, assegurando-lhe um lar com o Seu amado discípulo (19.26,27).

Voltando agora ao nosso propósito central neste livro, vamos considerar dois ou três incidentes encontrados em todos os quatro Evangelhos, comparando-os cuidadosamente, para perceber a descrição característica e distintiva de cada um deles.

Primeiro, consideremos a referência que cada evangelista faz a João Batista. É somente Mateus que nos informa que ele dizia: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (3.2), porque Mateus é quem apresenta o Senhor Jesus como Rei e Messias de Israel. Marcos é o único que nos diz que os que foram batizados pelo precursor de nosso Senhor o faziam "confessando os seus pecados" (1.5), estando isso em harmonia com a característica ministerial deste segundo Evangelho. Lucas, que se atém aos relacionamentos humanos, é o único escritor que nos informa sobre a parentela de João Batista (capítulo 1), como também é só ele que descreve em detalhes as várias classes de pessoas que se achegaram a ele no Jordão. Todas essas coisas são omitidas por João (e isso é significativo), pois neste quarto Evangelho a ênfase se coloca não em João Batista, mas sobre Aquele que João anunciava. É somente aqui que somos informados que ele "veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz" (1.7); que Cristo existia antes dele (1.15), embora como criança tenha nascido três³⁹ meses depois de João Batista; e que ele testificou que Cristo era tanto o "Cordeiro" (1.29) como o "Filho" (1.34) de Deus.

Agora vamos analisar o que cada evangelista disse a respeito do milagre da alimentação dos cinco mil, e especialmente a forma com que fazem a apresentação inicial desse milagre. Mateus diz: "Desembarcando, viu Jesus uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os seus enfermos. Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: O lugar é deserto, e vai adiantada a hora; despede, pois, as multidões para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer. Jesus, porém, lhes disse: Não precisam retirar-se; dai-lhes, vós mesmos, de comer" (14.14-16). Dessa forma, Mateus prefacia a sua descrição deste milagre falando de

³⁸ Versão RC.

³⁹ Não seriam seis meses? Veja Lucas 1.24-27.

Cristo "curando os seus enfermos", pois era essa uma das evidências messiânicas. Marcos diz: "Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor. E passou a ensinar-lhes muitas coisas. Em declinando a tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: É deserto este lugar, e já avançada a hora; despede-os para que, passando pelos campos ao redor e pelas aldeias, comprem para si o que comer. Porém ele lhes respondeu: Dai-lhes vós mesmos de comer. Disseram-lhe: Iremos comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer?" (6.34-37). Em vez de mencionar a "cura dos enfermos", Marcos introduz um belo toque ministerial na pintura ao nos informar que o Salvador se moveu de compaixão para com o povo porque eles eram "como ovelhas que não têm pastor", e então nos mostra como o Servo perfeito "passou a ensinar-lhes muitas coisas", ministrando-lhes a Palavra de Deus. Lucas nos diz: "Mas as multidões, ao saberem, seguiram-no. Acolhendo-as, falava-lhes a respeito do reino de Deus e socorria os que tinham necessidade de cura. Mas o dia começava a declinar. Então, se aproximaram os doze e lhe disseram: Despede a multidão, para que, indo às aldeias e campos circunvizinhos, se hospedem e achem alimento; pois estamos aqui em lugar deserto. Ele, porém, lhes disse: Dai-lhes vós mesmos de comer. Responderam eles: Não temos mais que cinco pães e dois peixes, salvo se nós mesmos formos comprar comida para todo este povo" (9.11-13). Encontramos aqui salientadas a simpatia e a necessidade humanas, porque Lucas apresenta o grande Médico curando, não como evidência messiânica, mas curando aqueles "que tinham necessidade de cura". Repare, agora, a forma inteiramente diferente do método de João apresentar esse milagre. Ele nada diz sobre a evidência messiânica da cura, nada a respeito do Servo de Deus "ensinar" o povo, e nada sobre o Filho do Homem ministrando à "necessidade" dos doentes; em lugar disso, ele nos diz: "Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer? Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem SABIA o que estava para fazer" (6.5,6). Dessa forma o quarto Evangelho, mais uma vez, evidencia a Divindade de Cristo, ao revelar a Sua onisciência.

Como outro exemplo das diferenças características de cada um dos quatro evangelistas quando registram o mesmo incidente ou algum que seja similar, consideremos agora as críticas sofridas pelo Salvador quanto ao sábado. Cada um dos Evangelhos menciona que Cristo foi condenado por transgredir as tradições dos anciãos, com as quais os judeus haviam sobrecarregado o sábado, e cada um deles nos conta a reação de Cristo para com Seus opositores, e os argumentos que Ele usou para justificar-Se. Em Mateus 12.1,2 lemos o seguinte: "Por aquele tempo, em dia de sábado, passou Jesus pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas e a comer. Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado." Nosso Senhor lhes retrucou lembrando-lhes o que Davi fez, quando estava com fome, entrando na casa de Deus, comendo os pães da proposição, repartindo-os com os seus companheiros. Então, Ele passou a dizer-lhes: "Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: aqui está quem é maior que o templo" (12.5,6). Marcos também se refere a esse mesmo incidente, e registra parte da resposta do Salvador nessa ocasião (V. 2.23-28), mas é muito impressionante observar que ele omite a declaração do Senhor de que Ele era "maior que o templo". No Evangelho de Lucas, encontra-se o registro de um milagre que não se encontra em nenhum outro lugar — a cura da mulher que sofria de uma enfermidade havia dezoito anos (13.11-13). Em seguida, somos informados

que "O chefe da sinagoga, indignado de ver que Jesus curava no sábado, disse à multidão: Seis dias há em que se deve trabalhar; vinde, pois, nesses dias para serdes curados e não no sábado" (13.14). Mas nesta ocasião encontramos Cristo usando um argumento para justificar-Se que estava perfeitamente em harmonia com o propósito deste terceiro Evangelho. "Disse-lhe, porém, o Senhor: Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber? Por que motivo não se devia livrar deste cativo, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?" (13.15,16). Aqui Ele não apelou às Escrituras do Antigo Testamento, nem a Sua própria grandeza, mas aos sentimentos humanos. João registra um outro milagre, não mencionado pelos outros, que também recebe censura similar da parte dos inimigos do Senhor. Mas aqui, em resposta a Seus críticos, o Senhor Jesus Se justifica usando um argumento inteiramente diferente daqueles usados nas outras ocasiões, conforme registrado pelos outros evangelistas. Aqui nós o encontramos replicando assim: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (5.17). Vemos, dessa forma, outra vez, o princípio da seleção determinando o que cada evangelista registrou.

Mais um exemplo deve ser suficiente. Vamos reparar o que cada Evangelho diz sobre a prisão no Getsêmani. Mateus nos diz o seguinte: "Falava ele ainda, e eis que chegou Judas, um dos doze, e, com ele, grande turba com espadas e porretes, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo. Ora, o traidor lhes tinha dado este sinal: Aquele a quem eu beijar, é esse; predeei-o. E logo, aproximando-se de Jesus, lhe disse: Salve, Mestre! E o beijou. Jesus, porém, lhe disse: Amigo, para que vieste? Nisto, aproximando-se eles, deitaram as mãos em Jesus e o prenderam. E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, sacou da espada e, golpeando o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe a orelha. Então, Jesus lhe disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão. Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos? Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?" (26.47-54). Marcos diz: "E logo, falava ele ainda, quando chegou Judas, um dos doze, e com ele, vinda da parte dos principais sacerdotes, escribas e anciãos, uma turba com espadas e porretes. Ora, o traidor tinha-lhes dado esta senha: Aquele a quem eu beijar, é esse; predeei-o e levai-o com segurança. E, logo que chegou, aproximando-se, disse-lhe: Mestre! {Mestre; no original, Rabi} E o beijou. Então, lhe deitaram as mãos e o prenderam. Nisto, um dos circunstantes, sacando da espada, feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha. Disse-lhes Jesus: Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias eu estava convosco no templo, ensinando, e não me prendestes; contudo, é para que se cumpram as Escrituras" (14.43-49). Repare-se que Marcos omite o fato que Cristo Se dirigiu ao traidor como "Amigo" (Veja Sl 41.9 — profecia messiânica), como também ele nada diz sobre o Seu direito de pedir ao Pai que envie doze legiões de anjos. Em Lucas, lemos: "Falava ele ainda, quando chegou uma multidão; e um dos doze, o chamado Judas, que vinha à frente deles, aproximou-se de Jesus para o beijar. Jesus, porém, lhe disse: Judas, com um beijo trais o Filho do Homem? Os que estavam ao redor dele, vendo o que ia suceder, perguntaram: Senhor, feriremos à espada? Um deles feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. Mas Jesus acudiu, dizendo: Deixai, basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou. Então, dirigindo-se Jesus aos principais sacerdotes, capitães do templo e anciãos que vieram prendê-lo, disse: Saístes com espadas e porretes como para deter um salteador? Diariamente, estando eu

convosco no templo, não pusestes as mãos sobre mim. Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas" (22.47-53). Lucas é o único que registra a penetrante pergunta cheia de emoção que Jesus faz a Judas, como também ele é o único que nos conta que Cristo cura a orelha do servo do sumo sacerdote. O relato de João é totalmente diferente. Em 18.3, lemos: "Tendo, pois, Judas recebido a escolta e, dos principais sacerdotes e dos fariseus, alguns guardas, chegou a este lugar com lanternas, tochas e armas". Mas somente aqui se acrescenta: "Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno". É somente aqui que somos informados que Jesus "lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, o traidor, estava também com eles. Quando, pois, Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra" (18.5,6). É somente aqui que lemos: "se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes; para se cumprir a palavra que dissera: Não perdi nenhum dos que me deste" (18.8,9). E somente aqui somos informados de que o Senhor disse ao discípulo que havia cortado a orelha do servo do sacerdote: "Mete a espada na bainha; não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?" (Jo 18.11).

Para finalizar, gostaríamos de chamar a atenção para uma outra característica dos Evangelhos, que muitas vezes tem sido comentada por outros autores; é a respeito do que se encontra nos versículos finais de cada um deles. Observa-se aí uma impressionante ordem crescente. No final do Evangelho de Mateus, lemos sobre *a ressurreição de Cristo* (28.1-8). No final do Evangelho de Marcos, lemos sobre *a ascensão de Cristo* (16.19). No final do Evangelho de Lucas, ouvimos *da vinda do Espírito Santo* (24.49). Ao passo que no final do Evangelho de João se faz referência *à volta de Cristo* (21.21-23)! Que amanheça logo esse Dia, quando Ele voltará para nos receber para Si mesmo, e que nesse pequeno intervalo que ainda resta possamos estudar a Sua Palavra com maior diligência e obedecer aos seus preceitos com muito maior cuidado.



Para pedidos deste livro, escreva para

Helio Kirchheim
Rua Fedele Mioni, 42 – Jardim Colúmbia C
86057-310 — Londrina — PR

meditaestascosas@hotmail.com